U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Um laboratório de Projeto.

Superar a dicotomia entre o rural e o urbano

Rui Gonçalo Vieira Figueiredo Dias

M

2022

U.PORTO

Rui Gonçalo Dias, Um laboratório de Projeto.
superar a dicotomia entre o rural e o urbano

Um laboratório de Projeto.
superar a dicotomia entre o rural e o urbano
Rui Gonçalo Vieira Figueiredo Dias

M.FAUP 2022

FACULDADE DE ARQUITETURA

Um laboratório de Projeto.

Superar a dicotomia entre o rural e o urbano

Rui Gonçalo Vieira Figueiredo Dias
Professor Doutor Álvaro Domingues

Dissertação de Mestrado Integrado

Faculdade de Arquitetura
Universidade do Porto
2023

Nota prévia: a presente dissertação foi redigida segundo o novo acordo ortográfico. Com o intuito de manter uma continuidade de leitura do documento, as citações originais em línguas estrangeiras foram traduzidas livremente pelo autor. Algumas imagens foram editadas ou recortadas pelo autor, podendo assim diferir das originais.

U.PORTO

agradecimentos

Ao Professor Álvaro Domingues,
pela orientação, por toda a disponibilidade, entusiasmo e crítica assertiva neste percurso.

Ao Sr. João e aos restantes intervenientes da horta,
pela partilha, pelos ensinamentos e por todas as conversas na horta.

À minha família,
por tudo.

À Laura,
por todo o apoio e amor.

Aos meus grandes amigos,
por todos os momentos que partilhámos e que tornaram este percurso mais especial.

Obrigado.

motivação

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho surge pelo facto de ter nascido na cidade de Chaves e sempre ter vivido num contexto quase rural; digo "quase" porque hoje em dia é difícil perceber a barreira entre o rural e o urbano - se é que essa barreira existe. Passei toda a minha juventude em Chaves e tenho memórias das experiências no mercado e na feira de Chaves. É algo que me faz lembrar a minha avó, pois era com ela que frequentava esses lugares, e lembro-me perfeitamente que, à quarta-feira, era dia de feira; era talvez o dia da semana mais movimentado da cidade - havia trânsito, as ruas estavam cortadas, o caminho para a escola era diferente, algo que não era comum no resto dos dias.

Foi, portanto, graças a estas e outras experiências que o tema das hortas e da produção agrícola sempre me interessou. Notei claro, que conforme fui crescendo, este hábito de ir à feira e ao mercado se foi perdendo. A mudança rápida e radical nas formas de produção e de organização do comércio e da distribuição dos bens alimentares (os muitos métodos de conservação, embalagem e distribuição, tal como as redes de supermercados, hipermercados e a globalização dos mercados dos produtos alimentares) consegue de uma maneira rápida, eficaz e mais cómoda, fazer chegar tudo a todo o lado - em consequência, estes pequenos hábitos vão-se perdendo, alterando a rotina alimentar dos consumidores.

Curioso foi que, quando entro para a Faculdade de Arquitetura do Porto, deparo-me com uma horta que aparentemente vive fora do seu contexto convencional, a cinquenta metros a sul da faculdade - uma horta num contexto urbano muito denso. Interessou-me logo perceber como era o seu funcionamento e como tinha sido criada - um espaço de produção agrícola num contexto tão específico? - Mais curioso ainda foi o facto de ter sido um funcionário da própria Faculdade, o Sr. João, que "lançou as sementes" e fez com que aquele pedaço de terra ganhasse valências para ser explorado para a produção de alimentos para consumo, tanto dele, como de alguns moradores que mais tarde se foram aproximando.

Como é que uma *exploração hortícola e uma faculdade podem comunicar no*

mesmo lugar e terem uma história em comum?

Interessa-me perceber, portanto, como é que estas e outras hortas subsistem em contextos que, anteriormente, lhes eram estranhos e qual será o caminho deste tipo de práticas agrícolas no futuro, pois hoje já não é só a horta do Sr. João em contexto urbano, são milhares, e é preciso perceber como isto se integra na leitura da malha urbana, esquecendo as barreiras que nos foram impostas com o uso continuado e cada vez mais impróprio da dicotomia rural/urbano. De resto, a existência de hortas e pomares, bem como a criação de pequenos animais (p.e galinhas e coelhos) existiu sempre em contexto urbano, sempre que houvesse espaço no lote onde se localizava a residência.

O objetivo prende-se com o estudo de organização do território, onde é questionada a dicotomia entre a *"cidade e o campo"* e o *"rural e urbano"*.

Entende-se que, hoje em dia, a palavra "agricultura" vai perdendo o seu significado e a sua conotação romântica, tal como o mundo rural. Interessa-me, por isso, perceber como é que atividades e usos de solo, que antes estavam conotadas com o rural, podem coexistir na enorme diversidade que caracteriza hoje os contextos da urbanização;

Como se organizam essas atividades e como se podem mapear no contexto urbano onde vivemos?

As atividades agrícolas inserem-se em contextos muito distintos e servem os mais variados propósitos (sociais, pedagógicos, mercantis, de lazer, etc) e, provavelmente foi o facto da desruralização (a desconstrução progressiva do território e da sociedade camponesas, i.e., da agricultura pré-moderna em modo familiar e de auto-consumo) obrigar a interrogar a atividade agrícola fora do contexto "rural" que surgiu a expressão "hortas urbanas" e "agricultura urbana".

Posteriormente, existe a vontade de estudar, através de uma abordagem teórico-prática, a horta junto à Faculdade de Arquitetura do Porto; Como nasceu, como se desenvolveu e como se mantém de há tanto tempo, até aos dias de hoje. O Sr. João como agricultor/agrónomo, como arquiteto, como engenheiro, como sociólogo - foi ele que fez com que o veio subterrâneo de água descoberto fosse conduzido para o terreno acidentado e cheio de socalcos onde existem, hoje, as hortas; foi ele que organizou o espaço e ao mesmo tempo uma teia social, com relações de amizade e proximidade em que nada é escrito ou assinado e se baseia simplesmente na confiança entre as pessoas. Questão que não é menor, pois toda a organização espacial é expressão de uma organização social.

objetivo

As pessoas e as atividades humanas atraem outras pessoas e que a base para a socialização mobiliza um espaço físico comum, interesses comuns e problemas ou questões comuns também. Compreendemos que o espaço público da cidade é um dos contextos onde este processo se desenvolve, pois é também nele onde encontramos as mais diversas pessoas, atividades e formas de organização social. Contudo a noção convencional de espaço público não engloba a "esfera pública", ou seja, há muitas outras espacialidades, redes e relacionamentos que constroem os modos diversos de estar em público.

Focar-me-ei, maioritariamente, em apresentar, com o destaque que merece, a horta do Sr. João - um micro espaço e uma micro organização social - como um laboratório de experiências e de conhecimento, de forma perceber as muitas combinações que hoje se podem encontrar na organização do território urbanizado. Através deste estudo, poderemos então pensar, noutros âmbitos e noutras escalas, os espaços urbanizados do futuro - parques públicos com uso produtivo e formas de organização comunitárias associados à produção agrícola, quer para lazer, quer para consumo, quer para comércio, quer para finalidades pedagógicas ou outra função qualquer que a urbanização contenha.

Um laboratório de projeto. *Superar a dicotomia entre o rural e o urbano*

abstract

This is the presentation of an open-air design laboratory in the city of Porto.

Overcoming the rural/urban dichotomy arises from the desire to explain the modes of existence of agricultural production in an urban context, in which architecture can play a relevant role. Currently, we can refer to both the small garden in our backyard, whose production is intended for self-consumption, and the thousands of hectares where intensive production occurs for the global market, as agriculture/agricultural production.

What interests me here, without defining or restricting its characteristics, is understanding how activities and land uses, once associated with rural areas, can coexist in the enormous diversity that characterizes today's urbanization contexts. It involves understanding and presenting their strengths for a real world with real and current needs.

Between the desires of the past and the needs of the present, in this work, there is a particular interest in studying a garden that was close to me during my college years, visually and physically, due to its proximity, just fifty meters from FAUP. What's more interesting is that it was an employee of FAUP who enabled that piece of land to gain value for food production.

This way, wandering through the various ideas and desires that motivate this work, an experimental and knowledge laboratory is born, through a micro space and a micro social organization, with the aim of understanding the many combinations that can be found in urbanized territory today. I will try, then, in the form of yet another exercise, in various scopes and scales, to reflect on these spaces - parks with productive use and community organization forms associated with agricultural production.

resumo

Esta é a apresentação de um laboratório de projeto, a céu aberto, na cidade do Porto.

Superar a dicotomia rural/urbano surge da vontade de explicar os modos de existência da produção agrícola em contexto urbano, sobre os quais a arquitetura poderá ter um papel relevante. Atualmente tanto podemos chamar agricultura/produção agrícola à pequena horta que temos no nosso quintal, cuja produção se destina ao autoconsumo, como aos milhares de hectares onde se produz de forma intensiva para o mercado global.

Interessa-me aqui, sem definir ou restringir as suas características, perceber como é que atividades e usos de solo, que antes estavam conotadas com o rural, podem coexistir na enorme diversidade que caracteriza hoje os contextos de urbanização, percebendo e apresentando as suas valências para um mundo real, com necessidades reais e atuais.

É entre as vontades do passado e as necessidades do presente que surge, neste trabalho, um interesse particular em estudar uma horta que durante o período de faculdade me foi visualmente e fisicamente próxima - a 50 metros da FAUP. Mais interessante ainda é que foi um funcionário da FAUP que permitiu com que aquele pedaço de terra ganhasse valências para a produção de alimentos para consumo.

Assim, divagando pelas diversas ideias e vontades que motivam este trabalho, nasce um laboratório de experiências e de conhecimento, através de um micro espaço e de uma micro organização social, com o objetivo de perceber as muitas combinações que hoje em dia se podem encontrar em território urbanizado; Tentarei, então, sob forma de mais um exercício, em variados âmbitos e escalas, refletir acerca destes espaços - parques com uso produtivo e formas de organização comunitárias associadas à produção agrícola.

interpretar

superar

explorar

imaginar, esclarecer

"Preferir "ambos ao mesmo tempo"
do que "um ao outro" (...)
incorporar a difícil unidade de inclusão
mais do que assumir a fácil unidade do exclusivo"

VENTURI, Robert. Complexity and Contradiction in Architecture . 2. ed. New York: The Museum of Modern Art, 1977. p. 16.

Agradecimentos

Motivação e Objetivo

Resumo / Abstract

.1 Interpretar

As experiências [Chaves] 23

A feira 25

(a minha) Ideia de ruralidade 25

O urbano

Dúvidas e relações acerca do significado da cidade 33

A metamorfose do urbano 35

O rural

Dúvidas e relações acerca do significado de rural 41

A realidade da cultura Camponesa em Portugal 43

Representações românticas do Estado Novo 45

.2 Superar

O território 55

Análise de Exemplos 56

A dicotomia 67

O Portugal das Dicotomias 69

A dicotomia entre o rural e urbano 73

A perda do mundo rural 75

A transformação do mundo urbano 89

Superar a dicotomia 95

.3 **Explorar**

O contexto das hortas do Porto 103

O laboratório de projeto 121

.4 **Imaginar, esclarecer** 132

Notas conclusivas 135

Referências bibliográficas 143

.5 **Anexos** 146

A horta do Sr. João [conversa] 148

Quem é o Sr. João?

A construção da Faculdade

O estímulo [a descoberta da água]

O terreno

A atividade

As relações

As perspetivas

Quatro estruturas 167

.1
interpretar

Este capítulo passará por uma breve introdução às experiências da infância e como isso influenciou no processo e escolha do tema.

Posteriormente tentar-se-á desconstruir os conceitos de "urbano" e "rural" com o objetivo de procurar contradições e questões, as quais serão abordadas no capítulo seguinte.

Fig. 1. *Montanhas Mágicas entre Rios, Bosques e Aldeias Serranas.* [1]

"Boa gente, estranha gente, vivendo presa aos anseios de um tempo que passou. Pertenço-lhe, nela me revejo, incapaz de distinguir entre a bênção e o castigo, apenas certo de que ser transmontano, tanto como uma origem é um destino."

fonte: https://www.evasoes.pt/ar-livre/montanhas-magicas-entre-rios-bosques-e-aldeias-serranas/329048/

1. CARVALHO, J. R. D. **Trás-Os-Montes, o Nordeste**. 2. ed. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2017.

interpretar *as experiências*

interpretar
as experiências [chaves]

"experiência", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2022, disponível em: https://dicionario.priberam.org/atlas

ex·pe·ri·ên·ci·a (latim experientia, -ae, ensaio, prova, tentativa)

1. Ato de experimentar.
2. Ensaio.
3. Tentativa.
4. Conhecimento adquirido por prática, estudos, observação, etc.; experimentação.

Lê-se que *experiência*, como a psicologia demonstra, é um mecanismo de aprendizagem; é também um ato que, através de um certo estímulo, nos ensina e é a intensidade desse estímulo que nos permite construir, ou não, uma experiência. Acredito também que a nossa percepção das coisas se defina através de uma coleção de experiências e vivências; juntas formam a base da nossa identidade, constroem as nossas memórias individuais e coletivas [2], caracterizam a nossa evolução e a configuram a nossa aprendizagem.

> *"Quando me ponho a pensar em arquitetura emergem em mim determinadas imagens. Muitas estão relacionadas com a minha formação e o meu trabalho como arquiteto (...). Outras imagens têm que ver com a minha infância. Lembro-me desse tempo em que vivia a arquitetura sem pensar sobre ela"* [3]

Guardo muitas experiências com minha avó, a maioria em imagens, as quais consigo ilustrar com as cores mais felizes da paleta - sim, porque as cores convocam significados. Associo também, a ela, a minha infância pois, como para muitas crianças, foi mãe enquanto a mãe não estava.

É, em Bornes de Aguiar, na casa *d'aldeia* da minha avó, que guardo as imagens de pisar a primeira horta, de pegar nos primeiros coelhos, de fugir às primeiras galinhas e claro, dos grandes almoços de família. São, sem dúvida momentos que me moldaram e que nunca quero perder.

2. HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres Sociaux de la Mémoire**. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

3. ZUMTHOR, Peter. **Pensar a Arquitectura**. 2. ed. [S.l.]: Gustavo Gili, 2009. p. 7.

Fig. 2. Fotografia da Avó Fernanda, na casa em Bornes d'Aguiar, a podar um roseira.
fonte: Fotografia do autor, 2023

interpretar *as experiências*

A feira

Guardo também, com muito carinho, os passeios à feira de Chaves com a minha avó pois foi com ela que experienciei grande parte do lado *"rural"* desta pequena cidade. Lembro-me que a quarta-feira era um dia diferente - era dia de feira - talvez fosse o dia mais movimentado da semana, havia mais trânsito, algumas ruas estavam cortadas e o caminho para a escola era diferente. Recordo-me das estradas serem invadidas por tratores e, por vezes, passarem carroças puxadas por animais, algo que era pouco comum nos restantes dias. [4]

Lembro-me que a minha avó era cliente habitual em algumas *"barracas"*[5] da feira e foi através dela que conheci e percebi o hábito de feirar; - o percurso até à feira era feito a pé e procurávamos produtos verdadeiramente frescos, que se iam consumir passado umas horas, ao almoço - vinham cheios de terra e o aspeto não era o melhor, mas o sabor era inconfundível.

Guardo imagens dos ferros cravados no alcatrão para suportar uma cobertura em tecido ou plástico, ou dos paus de madeira atados a cordas com nós sem fim que, por sua vez, davam forma à barraca/tenda - ao que hoje, nós arquitetos, costumamos chamar estrutura. Guardo imagens dos feirantes a expor e a vender o seu produto através da linguagem verbal, das pessoas a ir, das pessoas a vir, das cores, das formas, dos cheiros. Tudo era diferente e especial.

(a minha) Ideia de ruralidade

Percebemos que as nossas experiências caracterizam, sem dúvida, a forma como abordamos o que nos rodeia[6], sendo que a minha vivência da ruralidade foi interpretada através dos pequenos estímulos aos quais estive sujeito durante a minha infância, como as estadias em casa da

4. *"Comércio, Feiras e Mercados era uma das imagens identitárias da vila de Chaves: "o commercio que há nesta villa hé muito grande e consiste em todos os géneros do país e dos que vem de fora, sendo huma das terras mais provida e abundantes da província"*

5. *Barracas* - Estrutura amovível, normalmente montada com ferros (estrutura) e lonas plásticas (revestimento) utilizadas pelos feirantes para instalarem as suas bancas.

6. ZUMTHOR, Peter. **Pensar a Arquitectura**. 2. ed. : Gustavo Gili, 2009. p. 7.

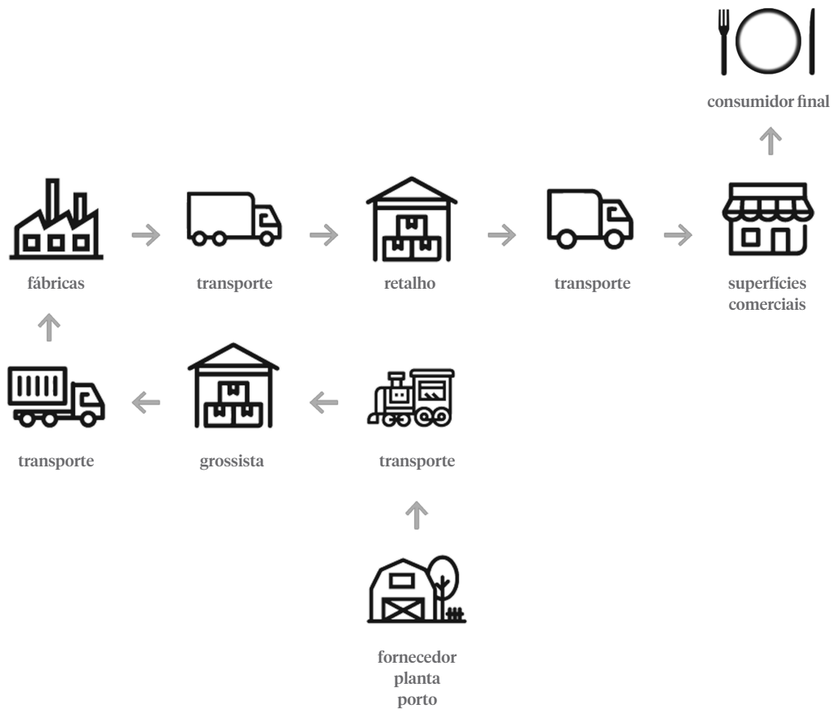


Fig. 3. Fluxograma simplificado do processo genérico de uma cadeia de fornecimento alimentar - As origens e destinos são aleatórios.

fonte: montagem realizada pelo autor, 2023 - Food Logistics, Supply Chain of your Food, 2015

minha avó, os passeios à feira, o trabalho na horta, o consumo de produtos produzidos por nós, etc, e que, apesar de não terem sido muitos (comparando, por exemplo, com os meus pais) ajudam-me a interpretar o tema de forma a entender e superar a dicotomia presente ao longo do trabalho.

Interessa aqui questionar o facto de existirem pessoas que nunca tiveram oportunidade de experienciar momentos como, por exemplo, comer um ovo acabado de sair do galinheiro, ou legumes acabados de colher da terra. Ou seja, o conhecimento vulgar que diz respeito à ruralidade tem que ver com as vivências e realidades de cada um e, atualmente, por força da evolução acelerada que faz parte do nosso mundo, insere-se num espetro de coisas muito limitadas. Um exemplo atual e direto é, por exemplo, a forma como os hipermercados publicitam os produtos alimentares que são diariamente consumidos por nós como - *"produtos sempre frescos"*.

A pergunta que fica é: ***Quão frescos?***

Estes produtos publicitados como *"sempre frescos"* são alimentos sujeitos aos processos complexos que fazem parte das cadeias de abastecimento globais e todas as questões que lhe estão associadas

Cadeia de fornecimento alimentar

A cadeia de fornecimento de alimentos refere-se aos processos a que os alimentos estão sujeitos desde a sua produção, até ao nosso prato. Estes processos incluem desde a produção, o processamento, a distribuição e o consumo, até à gestão de resíduos, sendo que qualquer uma destas etapas requer recursos humanos, naturais e artificiais em qualquer parte do Mundo. Partindo do exemplo da cultura do tomate em Portugal para fins industriais, que tem uma importante relevância na economia agrícola portuguesa, analisemos o processo ao qual este alimento está

sujeito desde que é plantado, em semente, até chegar à nossa mesa: [7]

1. Produção

A cadeia começa com o cultivo do tomateiro no solo, através de sementes ou mudas. Situa-se no Ribatejo, em Portugal, a zona mais desenvolvida na indústria de produção e transformação de tomate.

Cuidados como o controlo de pragas e doenças, irrigação e aplicação de fertilizantes para garantir um bom desenvolvimento das plantas, bem como o controlo de qualidade dos insumos utilizados na produção - água utilizada, adubos orgânicos e mineiras, qualidade do solo, e os agrotóxicos são requisitos essenciais.

2. Colheita

Concluída a fase de desenvolvimento da planta, parte-se para a colheita dos tomates, já maduros. Dependendo das empresas, os tomates para consumo *in natura* podem colhidos manualmente para evitar danos nos frutos. No entanto, grande parte das empresas já fazem uma colheita mecanizada de alta produtividade seja qual for a finalidade do tomate.

3. Processamento

Os tomates colhidos são transportados para fábricas de processamento, onde são sujeitos a um processo de **lavagem e seleção** consoante o seu tamanho, textura, densidade e, muito importante, a cor. Em alguns casos os frutos são sujeitos à introdução de aditivos e conservantes químicos para proteger e aumentar o seu tempo de "*vida, sempre com bom aspeto.*" Ainda no processamento, os frutos que não são para consumo *in natura* são separados e sujeitos a novos processos de descascamento e trituração para separar as sementes, a pele e a polpa.

4. Produção de derivados

Os frutos que passam por processos de descascamento e trituração são depois transformados em polpas, molhos ou outros derivados.
Neste caso a polpa será base para o desenvolvimento de outros produtos como o molho *"ketchup"*, pastas de tomate, doces, enlatados, entre outros.

7. SILVA, João Santos, et al. **"Uma aproximação quantitativa à disponibilidade de subprodutos."** 2020

8. TEIXEIRA, Flávia, BOITEUX, Leonardo, CLEMENTE. **Produção de Tomate para Processamento Industrial**. Embrapa, 2012, Brasília

5. Embalagem

Os tomates que irão ser vendidos e consumidos *in natura* não passam pelo *ponto 4*, e saltam, depois de todo o processamento, para a fase de embalamento.

Aqui todos os produtos (tomate *in natura* e derivados) são embalados em recipientes apropriados que variam entre latas, frascos de vidro, embalagens flexíveis ou caixas, dependendo do produto e da sua finalidade.

5. Expedição e Distribuição

A expedição e distribuição dos produtos pode ser feito por diversas empresas, por terra, mar ou ar e o tempo é variado, consoante as distâncias que tem para percorrer, o que influenciará nos métodos como o produto é conservado. Por fim, os produtos de tomate chegam ao consumidor final por meio de supermercados, restaurantes ou outros locais de venda.[8]

Ou seja, os produtos podem seguir de qualquer parte do Mundo e demorar o tempo que o método de conservação e transporte o permita. Tal como acontece com o tomate, acontece também com a grande parte dos alimentos consumidos por nós. Basta, através de uma simples experiência, abrir o frigorífico e identificar a origem dos diversos alimentos armazenados e imaginar todos os processos a que estão sujeitos.

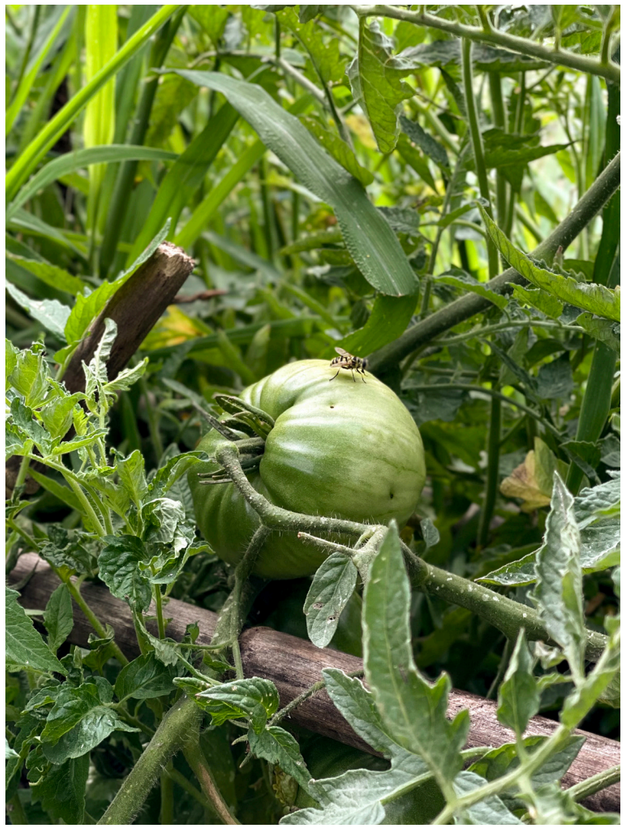


Fig. 4. Um tomate produzido sem fertilizantes químicos ou modificações genéticas na horta do Sr. João.

fonte: Fotografia do autor, 2022

Pretende-se, com esta análise, perceber que os *"produtos frescos"* a que a grande parte das pessoas tem acesso são produtos inseridos no mercado global, sujeitos à complexa logística das cadeias de fornecimento.

Notei, claro, conforme fui crescendo, que os hábitos de ir à feira, de ir à horta e todas as experiências que lhe estão associadas se foram perdendo, especialmente quando vim estudar para a Faculdade de Arquitetura e comecei a consumir consideravelmente mais alimentos sujeitos a todos estes processos globais (maioritariamente frutas e legumes).

No entanto, é evidente que as extensas cadeias de fornecimento alimentar globais desempenham um papel crucial e proporcionam benefícios substanciais, uma vez que possibilitam o acesso a alimentos que não são produzidos localmente em Portugal. Contudo a produção de alimentos para consumo próprio, afastada da mercantilização ou outros sistemas de trocas, permite um maior controlo sobre a qualidade e a origem dos mesmos. Permite o controlo no uso intensivo de agroquímicos e processos industriais. Permite que se evite a progressiva intensificação das culturas, reduzindo a dependência de fertilizantes químicos, pesticidas e organismos geneticamente modificados. Permite o consumo dos alimentos no seu estado realmente fresco, assegurando a preservação de nutrientes e sabores fidedignos. Permite que se favoreça o ciclo curto de produção, a rotação das culturas, apoiando, por vezes, produtores locais, ao invés da extensa logística global associada a cadeias de produção e distribuição. Permite uma maior proximidade à natureza e ao que é natural, pois é realmente diferente comer um tomate acabado de colher, ou comprado em qualquer superfície comercial.

Desta forma, houve o interesse explorar a horta do Sr. João - O laboratório de projeto, no sentido em que todas estas questões se aplicam e porque, curiosamente, me transportou para grande parte da minha infância.

cidade | rural

Fig. 5 e 6. A clara dicotomia entre a cidade e o campo - A representação da cidade, das suas atividades e poderes, delimitada pela muralha - Ambrogio Lorenzetti, Siena, 1337.

fonte: Lorenzetti, Ambrogio. Frescos d'O Bom e o do Mau Governo. 1337. https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Ambrogio-Lorenzetti/1022013/Os-efeitos-do-bom-e-mau-governo-sobre-a-cidade-e-o-campo.-Os-detalhes-da-cidade.-Fresco-por-Ambrogio-Lorenzetti-%281290-1348%29.html

interpretar *o urbano*

interpretar
o urbano

"urbano", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2022, disponível em: https://dicionario.priberam.org/atlas [consult. 26-01-2022]

ur·ba·no (latim urbanus, -a, -um)

1. que diz respeito à cidade
2. próprio de cidade
3. diz-se do prédio para habitação, por oposição a prédio rústico
4. [figurado] cortês; polido; civilizado ou pessoa que vive na cidade

Interpretar o urbano tem como objetivo reconstruir e perceber o significado histórico da palavra que, em tempos, foi dominada pela cidade e caracterizou um espaço, uma sociedade, os seus movimentos, as suas relações e a sua economia.

Dúvidas e relações acerca do significado da cidade

A cidade é ilustrada por Ambrogio Lorenzetti, em 1337, como um território definido nos seus limites, estando estabelecida uma clara dicotomia entre o que se passa no interior da muralha, ao qual podemos chamar cidade, e o que se vive no seu exterior, no campo. Importa salientar que as cidades eram caracterizadas pela grande densidade de edificado, confinadas num recinto amuralhado e pautadas por uma sociedade diversa, maioritariamente associada às elites urbanas, aos seus servidores e aos ofícios organizados em modo artesanal - nesta pintura vemos casas, pessoas com atividades distintas, nobres a cavalo, comerciantes, músicos, artistas e muita outra gente - a cidade pode entender-se como um dispositivo agregador de uma grande diversidade social, estratificada e organizada.[9]

Este mundo, *"marcado por funções, atividades, grupos sociais e paisagens não só distintos mas, mais do que isso, em grande medida construídos "contra" o mundo rural"* [10], opõe-se claramente ao mundo rural. Esta oposição é normalmente associada a questões de poder e de desigualdade social. Os detentores da terra, frequentemente, residiam na cidade e dessas propriedades retiravam as rendas e o seu estatuto social. O

9. A cidade ainda existe? | Álvaro Domingues | TEDxMatosinhos

10. FERRÃO, João. **Relações entre mundo rural e mundo urbano. Evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro**, Santiago, v. 26, n. 78, p. 123, set./2000.

Fig. 7. Gravura da cidade do Porto, cercada pela muralha Fernandina nos anos de 1595 - 1662.

Fonte: Albernaz, Pedro Teixeira. "Carta de Portugal." 1595–1662, desenho a cores. https://agendaculturalporto.org/muralhas-fernandinas-do-porto/

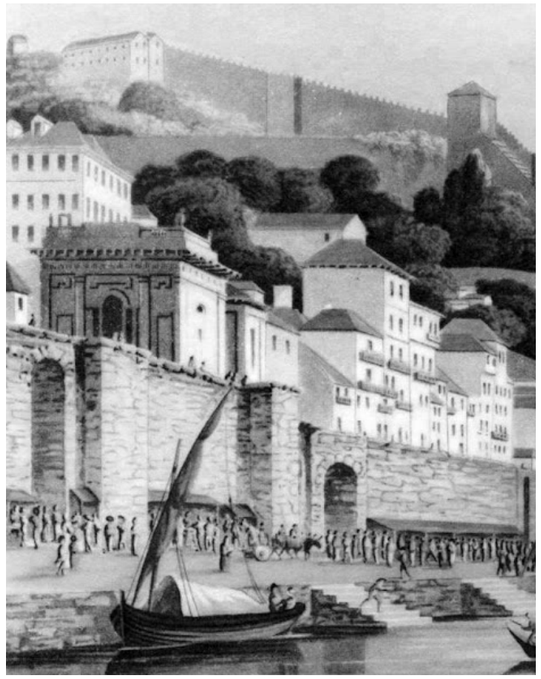


Fig. 8. Gravura de Edward Orme (1775-1848), reproduzida da original de *Henry Smith, Paisagem do Porto, 1813.*

Porto com o pano oriental da Muralha e Capela de Nossa Senhora do Ó sobre o muro da Ribeira

fonte: Smith, Henry. "Paisagem do Porto." 1813, água-tinta sobre papel, Museu Nacional Soares dos Reis por Edward Orme

trabalho era garantido pelos servos da gleba, os camponeses ligados à terra por vínculos fortes e hereditários. O campo e cidade mantinham um relacionamento completamente assimétrico mas que foi romantizado como uma relação equilibrada e harmoniosa, um mundo perfeito, natural. [11]

Portanto, como também sublinha François Ascher, o centro de uma cidade era geometricamente bem definido e configurava o bem mais protegido e simbolicamente mais rico. Todas as atividades urbanas tentavam concentrar-se aí, dando origem a uma elevada concentração e diversidade funcional. [12]

A metamorfose do urbano

Seguindo Françoise Choay, esta representação da cidade deixa de o ser quando, metaforicamente, explode e dá lugar ao urbano (que esteve sempre refém da cidade), perde a sua forma e o seu limite, bem como a sua organização clara e racional. O centro físico, funcional e simbólico perde a sua função enquanto força maior num sistema estruturador e desenvolve-se através de um sistema repartido por condições de centralidade distintas. Os vários centros conectam-se entre si através de uma rede de mobilidade, imprescindível à deslocação de pessoas, de bens ou informação, energia, capital, etc. [13]

> *"A cidade enquanto forma, centro e limite – enquanto aglomerado denso, contido no interior da muralha ou de outro limite nítido de lugar – deu origem à urbanização extensiva com a variedade de morfologias e descontinuidades que a caracteriza. A cidade perdeu o monopólio da urbanização"* [14]

Atualmente, apercebemo-nos que as questões da cidade contemporânea não são mais os problemas da cidade tradicional. Podemos afirmar que a palavra *"cidade"* deu lugar ao urbano e tem hoje um sentido múlti-

11. *Ibidem* p. 123-130

12. ASCHER, François. **Novos Princípios do Urbanismo seguido de: Novos Compromissos Urbanos. Um Léxico**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2010. p. 125

13. CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: Utopias e realidades, uma antologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

14. TRAVASSO, Nuno; DOMINGUES, Álvaro. **Território - Casa Comum: Morfologias e dinâmicas do território**. 1. ed. Vila Nova de Famalicão: Circo de Ideas, 2015. p. 164.

Fig. 9. *A metamorfose* - Chegada do primeiro comboio à futura estação de S. Bento, a 7 de Novembro de 1896.

À esquerda vemos a Igreja do convento de S. Bento de Avé-Maria e, ao fundo, a torre do Clérigos.

fonte: Foto Alvão - https://gisaweb.cm-porto.pt/topics/2812/documents/?q=&page=3&order_by=TITLE

***interpretar** o urbano*

plo - serve para identificar contextos, lugares, aglomerações de pessoas com características formais, culturais e morfológicas distintas, identifica espaços urbanos, zonas de estar e outra qualquer coisa que a urbanização o permita. Segue, portanto, padrões diferentes daqueles que caracterizavam a "*cidade tradicional*". [15]

Como também afirma Álvaro Domingues, o espaço urbano emancipa-se da cidade e passa a designar um processo em constante adaptação no que diz respeito à sua forma e dinâmicas, abraçando características e condições associadas a áreas densamente povoadas ou à urbanização de baixa densidade. Ao contrário da cidade que representou um lugar especifico, com pessoas, dinâmicas e características particulares e estáticas, circunscrito sobre si mesmo, a urbanização é um processo que toma forma e lugar nas mais diversas condições e circunstâncias sócio-territoriais.[16]

Para compreender a metamorfose do urbano Melvin Webber explicou, inicialmente, que as premissas fundamentais do processo de transformação deveriam estar enraizadas no conceito de lugar, no sentido em que o espaço físico, a economia e os agregados sociais caracterizavam uma cidade e, consequentemente, estariam associados a esse lugar específico. No entanto, a partir de meados do século XX, a motorização, a expansão urbana do pós guerra e o surgimento das novas tecnologias começaram a marcar uma transformação. Este fenómeno é assente em novos sistemas sociotécnicos, cuja compreensão parte dos modos quotidianos de territorialidade das populações, bem como das teias de relações pessoais, laborais, económicas e culturais que sempre caracterizaram a noção de urbano.[17] Por isto, Webber adapta posteriormente a sua tese explicando que deveríamos deslocar o foco do lugar para a conectividade para um melhor entendimento da metamorfose do urbano - a cidade passa a ser uma gigante rede de comunicações - que para a sua compreensão será necessário tentar medir, prever e planear as suas

15. *Os padrões da cidade tradicional - "um território edificado e com limites precisos, uma espécie de contentor da sociedade que o produz, organiza, regula e transforma (...), que representa o modelo político e moral do bom governo. Ou seja, um modelo desejável de organização social".*

PORTAS, N. et al. Politicas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades. 1. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 43.

16. A cidade ainda existe? | Álvaro Domingues | TEDxMatosinhos

17. TRAVASSO, Nuno. **"Construir a Cidade Continuada: processos e imaginários. Para um planeamento operativo a partir do Médio Ave"** Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. 2021. p. 70-77

comunicações - espaciais e virtuais. [18] Estes sistemas desenham novas territorialidades, expandidas, que anulam a fronteira urbano-rural.

A dicotomia entre o local e o global começa numa profunda crise à medida que os extremos se intersetam - os que idealizavam pequenos mundos locais, habitados por comunidades estáveis, coesas e homogêneas, associadas a um lugar, e os que defendiam que espaço e tempo são caracterizados pela fragmentação, rutura e mistura. [19] Desta forma, esta organização territorial não poderá ser reconduzida à noção de *cidade*. Pelo menos não no sentido comum atribuído ao termo, envolvendo um centro urbano compacto em contraste ao exterior, de natureza diversa.[20]

Em síntese, devemos sublinhar que esta urbanização se desenvolve através de uma teia de interações em diferentes escalas geográficas, de forma estendida e fragmentada e, ao contrário do processo de desenvolvimento concentrado em pontos nodais (núcleos das cidades), ou limitado a regiões circunscritas, este processo de urbanização vagueia densamente pelo território, consumindo e manipulando o que o rodeia. [21]

> *"As marcas da cidade estão por todo o lado nestes locais, sob a forma de trabalhadores urbanos, turistas, teletrabalho, meios de comunicação social e urbanização dos estilos de vida. A divisão tradicional entre a cidade e o campo foi completamente perfurada"* [22]

Portanto, da cidade ficou a representação de um viver comum, de uma sociedade plural e intensa compreendida num território com limites estruturados e definidos, organizada num interior compacto e rodeado pelos espaços ditos naturais, da floresta ou da agricultura. [23] É, por isso, difícil, e até contraditório, formalizar opiniões com base nos conceitos tradicionais de urbanidade, metrópoles ou mesmo dicotomias rural/urbano ou campo/cidade, pois pressupõe uma distinção clara entre áreas

18. TEITZ, Michael B. **Melvin Webber and the "Nonplace Urban Realm"**. ACCESS MAGAZINE, California, v. 1, n. 1, p. 29-34, nov./2006.

19. DOMINGUES, Álvaro. **"Lugar, Memória e Utopia."** SuperNova, nº2, Porto: Escola Artística Soares dos Reis / LAHB / Edições Afrontamento, 2023, pp. 6-10

20. TRAVASSO, Nuno. "**Construir a Cidade Continuada: processos e imaginários. Para um planeamento operativo a partir do Médio Ave"** Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. 2021. p. 70-77

21. BRENNER, Neil. "**Theses on Urbanization"**. Public Culture, Chicago, v. 25, n. 1, p. 85-114, out./2013.

22. *Idem.*, p. 85-114

23. DOMINGUES, Álvaro. "**A rua da estrada"**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2009. contra-capa

24. BRENNER, Neil. **Theses on Urbanization**. Public Culture, Chicago, v. 25, n. 1, p. 85-114, out./2013.

25. PORTAS, N. et al. "**Politicas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades"**. 1. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 43.

26. SOLÁ-MORALES, Manuel de. **"Territorios sin modelo"**. 1995.

27. Veja-se a bibliografia da Dissertação de Doutoramento: **"Construir a Cidade Continuada: processos e imaginários. Para um planeamento operativo a partir do Médio Ave"** *de* Nuno Travasso, para compreender o reconhecimento dos processos de urbanização.

claramente diferentes, afastando-se da realidade morfológica e sociológica do território. [24]

> *"Esta cidade contemporânea configura-se, cada vez mais, como uma estrutura compósita de "cidade" (ou cidades) reconhecíveis pela sua história, e de "urbanizações" sem história, ou, dito de outro modo, com e sem "modelo", impondo-se agora a gestão de ambas"* [25]

Territórios sem modelo, nos termos de Manuel de Solà-Morales[26]; O que é certo é que estas áreas correspondem à maior parte do território urbanizado, à maior parte da população residente, à maior parte das atividades e postos de trabalho e é, por isso, importante, desenvolver instrumentos de atuação compatíveis com estes cenários, capazes de contribuir para a sua qualificação e interpretação.

À medida que os discursos sobre a perda e as criticas à urbanização cada vez mais fragmentada se multiplicavam, em Portugal, autores como *Manuel Fernandes de Sá, Álvaro Domingues, Nuno Portas,* entre muitos outros, detiveram-se sobre os territórios de urbanização extensiva, interpretando-os como partes integrantes deste novo sistema mais amplo, procurado compreender as suas lógicas de funcionamento e de produção, e tentando propor modos mais adequados de intervenção e gestão, focando-se maioritariamente no estudo territorial do Médio Ave.[27]

Começa, portanto, a surgir um novo fenómeno urbano - um novo modo de organização da sociedade contemporânea - que obrigava ao desenvolvimento de um outro olhar sobre os territórios da ocupação extensiva.

cidade | rural

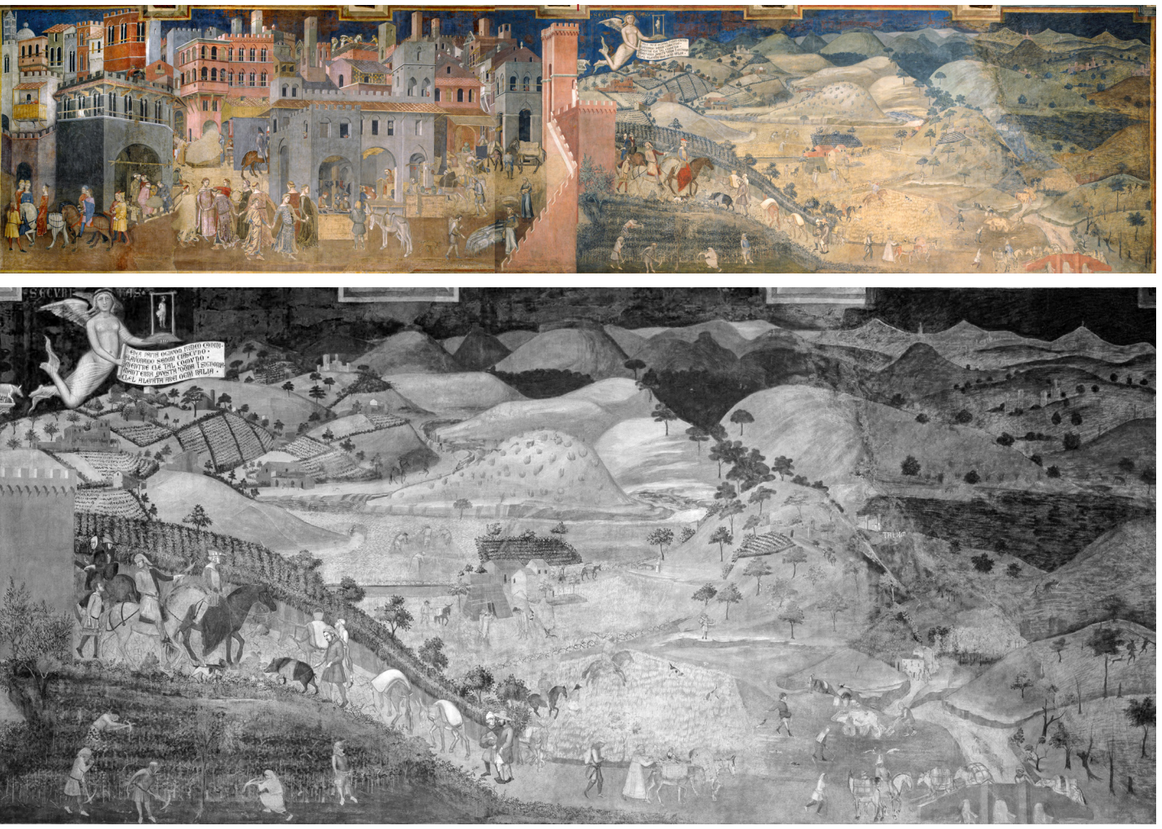


Fig. 10 e 11. A clara dicotomia entre a cidade e o campo - A representação do campo e do povo camponês, no exterior da cidade muralhada - Ambrogio Lorenzetti, Siena, 1337.
fonte: Lorenzetti, Ambrogio. Frescos d'O Bom e o do Mau Governo. 1337.
https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Ambrogio-Lorenzetti/1022013/Os-efeitos-do-bom-e-mau-governo-sobre-a-cidade-e-o-campo.-Os-detalhes-da-cidade.-Fresco-por-Ambrogio-Lorenzetti-%281290-1348%29.html

interpretar *o rural*

interpretar
o rural

"rural", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2022, disponível em: https://dicionario.priberam.org/atlas [consult. 26-01-2022]

ru·ral (latim ruralis, -e, de rus, ruris, campo)

1. relativo ou pertencente ao campo ou à vida agrícola
2. rústico, agrícola, campesino
3. diz-se das freguesias que não estão situadas em cidade ou vila

Numa tentativa de esclarecer e expor o entendimento comum do conceito de rural, numa época em que território e a forma de viver dava sentido ao verdadeiro significado da palavra, procura-se encontrar uma definição teórica e ilustrativa desta caracterização com o intuito de a poder comparar com a realidade atual.

> *"A realidade é uma coisa que não existe em si mesma - ela resulta sempre da leitura que fazemos das coisas que nos envolvem e é através dessa leitura que ela (realidade) ganha sentido para nós"* [28]

28. Território: Casa Comum 1 - Sessão de abertura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QTXFgEd4i8&abchannel=NunoTravasso.

Como afirma Nuno Travasso, a realidade é criada através nossas referências, experiências e da leitura que fazemos delas e, sem esta análise e posterior absorção, muitas vezes inconsciente, a realidade será sempre um caos difícil de compreender num mundo que se torna complexo e que talvez não conseguiríamos habitar. Por isso mesmo, para além das opiniões dos autores, será também apresentada a minha realidade para uma abordagem mais totalizante.

Dúvidas e relações acerca do significado de rural

Genericamente, o mundo rural, por mais diverso que fosse, organizava-se em **três pilares fundamentais,** que davam sentido à palavra:

Uma Economia, uma Cultura e uma Paisagem específicas.

Fig. 12. Pintura de Jean-François Millet - *"As Respingadeiras"* em 1875.

Três mulheres vergadas sob o milho. Simboliza a essência do povo camponês, a imagem da pobreza, do trabalho duro e da vida no campo e dos camponeses.

fonte: Imbroisi, Margaret, e Simone Martins. "As Respingadeiras ou As Respigadoras, Jean-François Millet." História das Artes, 2022.

Os três pilares que caracterizaram o mundo rural:

Economia, baseada na agricultura,
Cultura camponesa, trabalhadores, com valores muito próprios,
Paisagem, consequência da atividade agrícola.

29. TRAVASSO, Nuno; DOMINGUES, Álvaro. **Território - Casa Comum: Morfologias e dinâmicas do território**. 1. ed. Vila Nova de Famalicão: Circo de Ideas, 2015, p. 166

30. FERRÃO, João. **Relações entre mundo rural e mundo urbano. Evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro**, Santiago, v. 26, n. 78, p. 123-130, set./2000.

31. A cidade ainda existe? | Álvaro Domingues | TEDxMatosinhos

Uma **economia** baseada numa agricultura familiar de subsistência [29], onde predominava a policultura - produção de vegetais, produção de vinho, de azeitona, gado, etc -, uma **cultura predominantemente Camponesa**, com modos de vida, valores e comportamentos muito próprios, e uma **paisagem específica**, produzida pela atividade agrícola e tudo que lhe estava intrínseco, como uma espécie de registo cruzado entre determinadas características naturais (solo, clima, topografia, hidrografia, vegetação natural) e as transformações resultantes dos processos de produção. [30]

Desta forma, partindo de novo de Ambrogio Lorenzetti (1337), e da sua representação alegórica do campo através da pintura, podemos concluir que: Esta é a primeira representação de uma paisagem depois de alguns apontamentos em frescos da antiguidade romana [31] - observamos camponeses a trabalhar, camponeses a transportar animais, uma paisagem com campos de trigo, uma ou outra casa ou instalação agrícola (moinho) e, saindo pela porta da cidade de Siena, nobres a cavalo, vindos da cidade. Aqui está claramente explicitada a desigualdade entre quem tem o poder - elites urbanas - e os que trabalham a terra, e à terra pertencem, para os servir - os camponeses. Ao contrário da imagem da cidade, aqui os limites não são definidos, contudo, é visível uma parte da muralha que reforça a independência assimétrica que existia entre as duas realidades - o campo e a cidade.

A realidade da cultura Camponesa em Portugal

32. *Campesinato* - classe social constituída por todos os trabalhadores que dependem da produção agrícola

33. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011. p. 18-23

Não podemos falar da realidade rural sem sublinhar a realidade do campesinato [32] em Portugal, que esteve sempre associada a esse território. Esta classe social apoiava-se numa cultura que transmitia a forte presença dos laços sociais, da vida em comunidade, dos costumes e das tradições. A ruralidade dizia respeito a um povo religioso que vivia na sua simplicidade e sempre debruçado sobre a família e a sobrevivência.[33] A realidade rural pré moderna era marcada pelo camponês pobre,

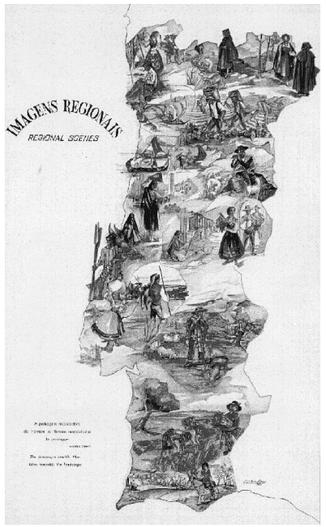


Fig. 13. Mapa de Portugal, as suas ruralidades e as suas figuras folclóricas - Amorim Girão em 1930.
fonte: Imagem Regional de Portugal. https://jorgeantropologo.wordpress.com/regioes-de-amorim-girao/

Fig. 14. Fotografia de Artur Pastor em 1956, com um grupo de Homens a caminho do lagar, descalços, com os cestos repletos de uvas e sobre um socalco em terrenos sinuosos do Douro. À frente, um tocador de concertina para abrir caminho e dar ritmo ao trabalho. Uma imagem que representa a dureza do trabalho no campo. Artur Pastor percorreu Portugal de Norte a Sul para capturar os momentos da vida no campo (umas vezes duramente retratada, outras, mais cenografada e idealizada), deixando um legado inestimável sobre a vida rural em Portugal.
fonte: Arquivo de Imagens Artur Pastor. https://arturpastor.tumblr.com/archive

que vivia da terra e dos alimentos que nela produzia, que trabalhava de "*sol a sol*" e com a força das mãos ou dos animais. Penso que Jean-François Millet (1814-1875), percursor do realismo na pintura e Artur Pastor (1922-1999), através da pintura e da fotografia, respetivamente, conseguem representar essa realidade de forma verdadeiramente expressiva. Contudo, a estética do romantismo predominante ao longo do séc. XIX na Europa (e com uma permanência que chegou até hoje), criou ficção do camponês feliz na sua relação com a natureza e com os deuses.

Representações românticas do Estado Novo

> *"A agricultura e a família camponesa constituíam um dos pilares fundamentais da trilogia Deus, Pátria e Família dos agricultores pobres mas honestos, felizes, respeitadores e tementes a Deus." (...) "Que paz e felicidade na simplicidade dos rústicos".* [34]

Navegando até ao século XX, entre 1926-1933, assistimos ao início de um período de Ditadura Nacional com a implementação do Estado Novo, por Salazar e que se prolongará até à Revolução de Abril de 1974. Esta ideologia Salazarista teve necessidade de inventar uma propaganda Nacional com base em representações românticas sobre a felicidade do povo rural e da vida no campo. Houve a intenção de criar imagens para apoiar e assentar uma identidade de realidade Lusitana - achava-se que Portugal era integralmente rural e que era reconhecido pelas suas figuras folclóricas, trajes típicos, e camponeses trabalhadores e felizes [35], tal como mostra o mapa de Portugal de Amorim Girão. O povo era o maior orgulho da pátria e da nação, tão importante quanto as histórias mitológicas dos grandes heróis. Portugal era, na boca dos seus governantes, um belo jardim[36]. Álvaro Domingues descreve-o da seguinte forma:

> *"A vida no campo era a imagem do Paraíso e do bom povo sábio, pobre mas honesto, que vivia na sua simplicidade, alegria, em comunhão com a Natureza e oração com os deuses."* [37]

34. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011, p. 123

35. Ruralidade urbana | Álvaro Domingues | TEDxFeira

36. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011., p. 18

37. *Idem*., p. 18

Fig. 15. A representação do Castelo de Guimarães, ao fundo, como alusão à pátria e ao Nacionalismo, o crucifixo representa o respeito a Deus, a mulher dentro da lareira a tratar do jantar e a filha a brincar com as "lidas domésticas". Já o filho, fardado com a farda da Mocidade Portuguesa, levanta-se para fazer a continência ao chefe de família, que chega de sacho às costas e preparado para se sentar, rezar, comer e descansar como tanto merece. O povo humilde e feliz; a triologia Deus, Pátria, Família tem tempos de ideologia salazarista.
fonte: Cartazes "A lição de Salazar", 1938. https://oliveirasalazar.org/download/documentos

"era um povo submisso, camponês de gema, resignado, ocupado nos trabalhos e nos dias, temente aos deuses e à Natureza que com eles se confundia, ensimesmado nas suas coisas de conservar o legado da tradição, de guardar os bens precisos no chão, o espírito da pátria e dos egrégios avós; conservava, simultaneamente, brutezas e imaginários sublimes." [38]

"os camponeses, presos a laços sociais onde dominava o sentido da honra e do respeito por quem manda e pode, paralisados pelas teias da família, da vizinhança, da tradição e dos brandos costumes para quem via de fora, indefesos perante o fado, as calamidades naturais ou a vontade de Deus e do desconhecido." [39]

Definitivamente nunca houve o interesse em expor e entender com clareza a desconstrução do mundo rural - a denominada desruralização [40]. Sempre foi do interesse do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), mais tarde designado por SNI (Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo), manter a política folcorista como forma de *distração* do povo. Muitos estudos que abordam as práticas do SPN/SNI teriam como objetivo principal o controlo do potencial descontentamento dos mais favorecidos, facilitando que a ditatura se legitimasse perante a população - a formação ideologia identitária cujo interesse seria o de criar o *"autoconentamento conformista"*, alimentando a *"submissão da grande massa da população"* ao poder instalado. [41]

Desta forma, o SPN/SNI constituía-se no principal difusor de uma representação poetizada do povo português, desenvolvendo uma ação e um discurso com claras implicações políticas. Desde logo, a figura do camponês-esteta, infantilizado e retratado como figura de presépio, transmitindo uma visão de ternura e paz da Nação - o modelo ideal de povo, avesso a lutas sociais e desinteressado dos assuntos políticos, representado através de retratos idílicos do povo camponês, de uma forte

38. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011., p. 18

39. *Idem., p. 21*

40. *"Desruralização é um conceito que se usa nas ciências sociais para denominar um processo de mutação sócio económica e territorial resultante da perda de importância da atividade agrícola e das culturas e modos de vida rurais tradicionais das sociedades camponesas."*

DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011., p. 69

41. MARQUES ALVES, Vera. **Camponeses estetas' no Estado Novo: Arte Popular e Nação na Política Folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional.** Tese de Doutoramento, ISCTE, Departamento de Antropologia, Lisboa, 2007.

esteticização e de um embelezamento dos materiais da cultura popular sem nunca expor a miséria, a sujidade e o mau viver da realidade camponesa e anulando qualquer pensamento relativo aos constrangimentos e dificuldades por que passavam os trabalhadores rurais durante esse período.[42]

Desde concursos para *Aldeia Mais Portuguesa de Portugal, Cartazes, Estações floridas* até às *Exposições de Arte Popular, encenações da cultura popular,* tudo era pretexto para *"transformar Portugal rústico numa constante exposição viva de arte popular".* [43]

Observemos como Artur Pastor, através da fotografia, nos apresenta a boa imagem, cenografada e idealizada, da vida rural:

Fig. 16. Fotografia de Artur Pastor em 1957 - Um rancho. Ou seja, uma fila de mulheres, de lenço na cabeça e cestas na mão. Aparentemente felizes, bem ajeitadas e de trajes cuidados. Uma imagem idealizada que queria transmitir a *"felicidade e o bom viver do povo camponês".*
fonte: Arquivo de Imagens Artur Pastor. https://arturpastor.tumblr.com/archive

42. MARQUES ALVES, Vera. **Camponeses estetas' no Estado Novo: Arte Popular e Nação na Política Folclorista do Secretariado da Propaganda Nacional.** Tese de Doutoramento, ISCTE, Departamento de Antropologia, Lisboa, 2007.

43. *Idem.*

Neste sentido, foi sempre mais fácil ficar preso a representações deturpadas de ruralidades míticas e nostálgicas que foram perdurando na sociedade, mantendo-se uma ideia de rural antiga e da aldeia típica do que interpretar o território com sentido crítico de forma a perceber o que nos rodeia.

Quão distante poderá estar a realidade da sua tentativa de representação?

Podemos afirmar que existiu um mundo rural acerca do qual foram construídas as mais diversas representações, sobretudo a partir de histórias nostálgicas e românticas, descolando-as, cada vez mais, do panorama atual. Hoje, curiosamente, estas idealizações ainda fazem parte do entendimento acerca do rural, contudo, a ideia passada já não se enquadra no território que habitamos e a prova disso é a enorme diversidade de pessoas, atividades e modos de vida que podemos encontrar nos territórios antes associados ao mundo rural.

Entretanto, o espaço para narrativas e personagens do mundo rural vai desaparecendo progressivamente. As memórias e as marcas do Portugal tradicional vão desvanecendo graças ao processo de desruralização e ao seu rasto de efeitos transversais - despovoamento, envelhecimento da população, abandono da atividade agrícola bem como o desaparecimento de certos estilos de vida, conhecimentos e práticas culturais [44].

Veja-se abaixo o modo como, na literatura, Agustina Bessa Luís aborda essa questão:

44. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011. p.23

Fig. 17. A casa que foi do Avô, em Vidago - analogia à decadência do mundo Rural.
fonte: Fotografia do autor, 2021.

interpretar *o rural*

"O campo já não existia com os seus caminhos e ramadas que os cobriam e portas de quinteiros onde ladravam os cães de guarda. Ouvia-se o cocoricar da galinha chamando os pintos. O fumo branco saía pela telha-vã das casas. Uma mulher de preto, com um braçado de couves, parava para urinar de pé, sem deixar de falar a quem passava, com modo amável e sem constrangimento. (...) As crianças que, com o crescimento, ganhavam novos sentidos (...) Não havia mais meninos extraordinários, todos se exprimiam como locutores da televisão e recebiam os nomes dos heróis das novelas. Sonhavam com computadores e queriam chegar depressa a um sucesso que lhes trouxesse o mundo na palma da mão." [45]

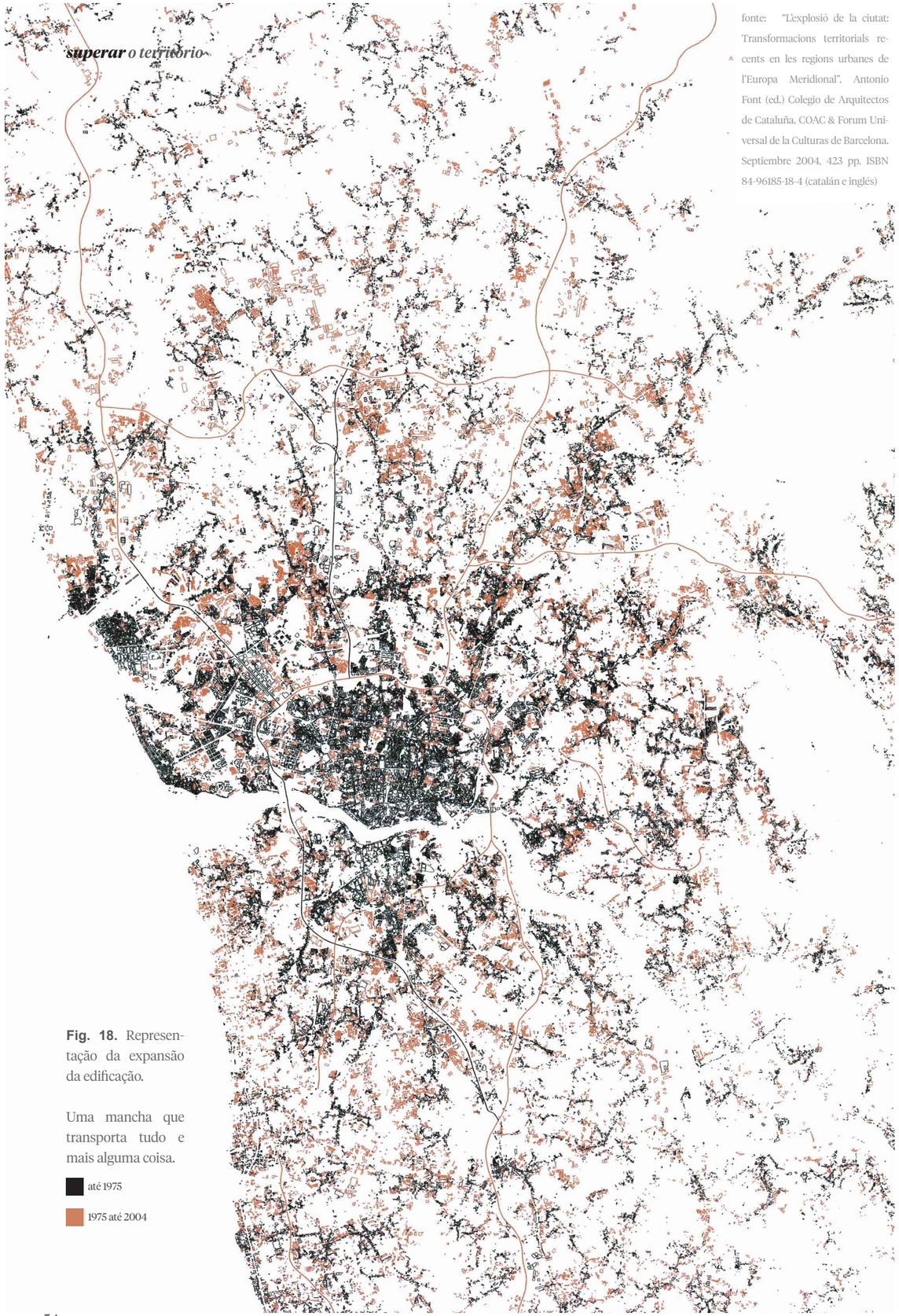
45. LUÍS, Agustina Bessa. **O Principio da Incerteza**. 2. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2002. p. 99. Citado em DOMINGUES, Álvaro. Vida no Campo. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011.

.2

superar

Este capítulo passa pela tentativa de superação entre o entendimento comum dos conceitos rural e urbano, campo e cidade no território que habitamos.

O que foi já não o é e, apesar de contraditório e complexo, é necessário abrir o discurso para o entendimento desta dicotomia. Aqui serão expostos exemplos que ilustram que o que vemos hoje em território urbanizado, distanciando-nos da definição de campo e cidade e rural e urbano como duas oposições.



fonte: "L'explosió de la ciutat: Transformacions territorials recents en les regions urbanes de l'Europa Meridional". Antonio Font (ed.) Colegio de Arquitectos de Cataluña. COAC & Forum Universal de la Culturas de Barcelona. Septiembre 2004, 423 pp. ISBN 84-96185-18-4 (catalán e inglés)

Fig. 18. Representação da expansão da edificação.

Uma mancha que transporta tudo e mais alguma coisa.

até 1975

1975 até 2004

superar
o território

"território", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2022, disponível em: https://dicionario.priberam.org/atlas [consult. 29-01-2022]

ter·ri·tó·ri·o (latim territorium, "área delimitada, terra sob jurisdição")

1. área dependente de uma nação, província ou localidade
2. termo
3. jurisdição

> *"Compreender o território implica conhecê-lo, mas implica sobretudo inventá-lo. Ficcionar a realidade é condição sem a qual essa realidade permanece opaca e indiscernível"* [1]

A ideia de território vai-se construindo através do conjunto de leituras, ações, representações, discursos e debates que são, coletivamente, produzidos em função do que se (re)conhece como algo comum e que confere sentido à nossa realidade. Portanto, quando nos referimos ao território, queremos, de facto, destacar questões que se dão a ver pela sua territorialidade - auto-estradas, fábricas, casas, campos, montanhas, hortas, etc. - que, por sua vez, se traduzem em funcionalidades, conflitos, vínculos, modos de apropriação mais ou menos públicos ou privados, formas de estar, contradições, etc, e, por isso deve ser entendido como um dispositivo político intrinsecamente ligado ao espaço físico, simbólico e social. [2]

Assim, partindo do pressuposto que o território pode ser entendido e vivenciado enquanto espaço de vida coletiva e relação do um grupo social que aí se insere, então este espaço *"deve ser o resultado da construção coletiva de um imaginário e de projetos comuns sobre o que somos enquanto sociedade e sobre as coisas e lugares que podemos e devemos partilhar."* [3]- Um espaço em constante construção e evolução.

Desta forma, seguindo Henri Lefevre, assume-se nesta dissertação que o território é uma construção social que materializa a existência e o modo de funcionamento daquilo que costumamos chamar de sociedade. [4]

1. TRAVASSO, Nuno; DOMINGUES, Álvaro. **Território - Casa Comum: Morfologias e dinâmicas do território**. 1. ed. Vila Nova de Famalicão: Circo de Ideas, 2015, p. 26

2. *Idem.*, p.26

3. *Idem.*, p.26

4. LEFEBVR, Henri. **A produção do espaço**: Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006. (Edição original publicada em 1974.)

Fig. 19. Morfologias da Urbanização - Imagem aérea de uma parcela de território correspondente à zona da Maia.
fonte: Google Earth

Fig. 20. Morfologias da Urbanização - Imagem aérea de uma parcela de território correspondente à zona de São Paio de Oleiros, a 2 quilómetros de Espinho.
fonte: Google Earth

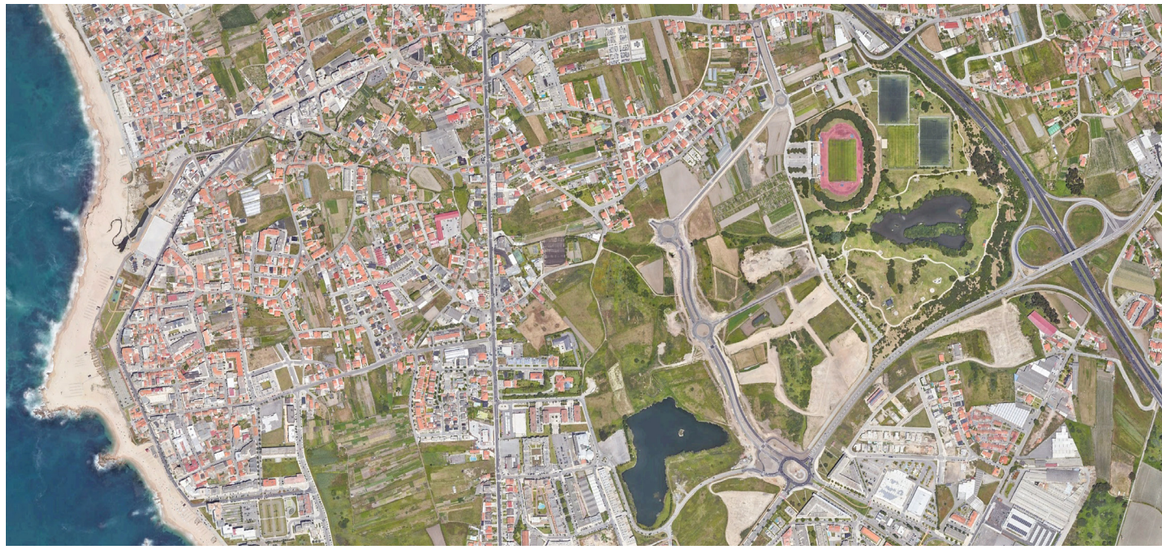


Fig. 21. Morfologias da Urbanização - Imagem aérea de uma parcela de território correspondente à zona da Póvoa de Varzim. fonte: Google Earth

Analisemos o território com base nas imagens satélite de exemplos atuais, mais concretamente na zona da Maia, onde se encontra o Aeroporto Sá Carneiro, Fig. 19, na zona de São Paio de Oleiros, onde se situam as fábricas da Corticeira Amorim, Fig. 20, e na zona da Póvoa de Varzim, Fig. 21:

Estes exemplos mostram-nos a enorme diversidade na composição morfológica do território, *"como se o território fosse trangénico"* [5], composto por elementos dessemelhantes e independentes, claramente perceptíveis como, por exemplo, fábricas, estradas, auto-estradas, campos agrícolas, edifícios e casas habitação, aeroportos, escolas, parques, estufas, mar, etc. Isto é, ter ao mesmo tempo elementos que antes faziam parte do campo ou da cidade ou do rural ou do urbano ou outra coisa qualquer, a conviver e a partilhar o mesmo espaço.

Nos esquemas seguintes foram elaborados alguns recortes a partir das imagens apresentadas, expondo individualmente as peças do *"puzzle"* que delas fazem parte:

5. A cidade ainda existe? | Álvaro Domingues | TEDxMatosinhos

Transgénico - diz-se de organismo vivo que sofreu uma alteração artificial do seu código genético, através da transferência de um ou mais genes provenientes de outra espécie, para que adquira novas propriedades

superar *o território*

metros
0 500

superar
o território

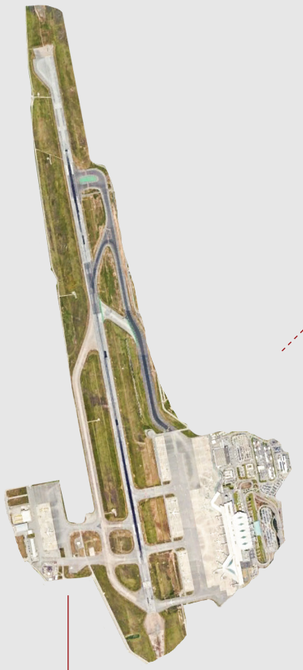
Maia

4 km (sem escala)

Zona Industrial

Habitação Unifamiliar frente de praia

Área de uso agrícola



Aeroporto

Área densamente arborizada

Autoestrada

Fábricas industriais pontuais

Área densamente edificada

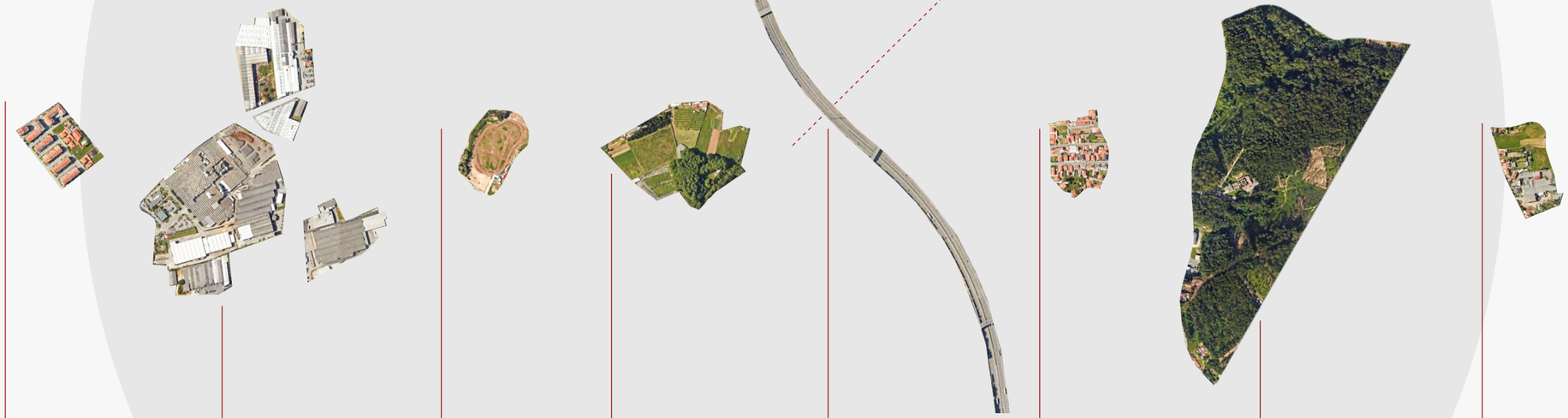
superar *o território*

metros
0 200

superar
o território

São Paio de Oleiros

1.5 km (sem escala)



Área edificada - Habitação Plurifamiliar

Conjunto de fábricas da Corticeira Amorim

Parque Público de Lazer e Recriação

Área de uso agrícola

Autoestrada

Área edificada Habitação unifamiliar

Área densamente arborizada

Quarteirão com:
hortas
habitações unifamiliares
fábrica

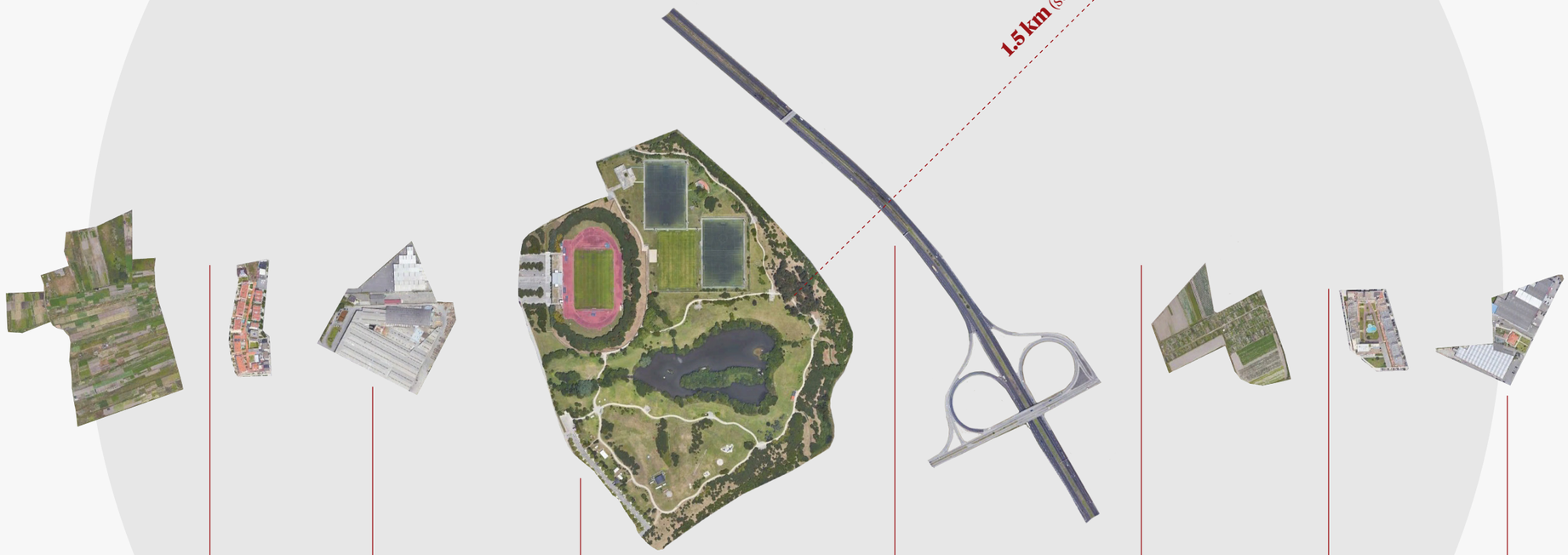
superar *o território*

metros
0 100

superar
o território

Póvoa de Varzim

1.5 km (sem escala)



Área de uso agrícola

Bairro com habitação unifamiliar

Fábrica industrial

Parque Público de lazer e recriação

Autoestrada

Área de uso agrícola

Condomínio de Habitação plurifamiliar

Fábrica industrial

Fig. 22. As diferentes peças do *"puzzle"* - sem escala.
fonte: Fotomontagem a partir de imagens Google Earth

superar *o território*

Como observamos, a atual forma de desenvolvimento e expansão do território é complexa[6], no entanto, praticamente toda a organização territorial é, geograficamente, tal como demonstram as imagens apresentadas - um conjunto de peças de um puzzle, em permanente construção, e que nada têm de homogeneidade. Cada uma destas peças contribui de maneira única para a complexidade global, destacando a singularidade de cada elemento enquanto contribui para um todo em desenvolvimento, caracterizando uma *"urbanização generalizada que se desdobra em múltiplas escalas, em geografias variáveis e em composições físicas e funcionais muito distintas que incorporam características de diferentes ideologias e modelos e resultam de um quadro racional de procedimentos produzido na interação da sociedade com o seu território."* [7]

Seguindo Stuart Elden[8], o território é um dispositivo políticos que diz respeito ao controlo, à administração, à governação e às medidas espaciais - seria redutivo ver qualquer um destes modelos em isolamento restrito. Território é também uma palavra, um conceito e uma prática. A relação complexa entre estes termos só poderá ser entendida com base na especificidade histórica, geográfica e conceptual[7]. Dizemos, portanto, que território é uma produção social impossível de se limitar apenas a uma superfície e que difere consoante todos os conceitos referidos. Por exemplo, atualmente, uma autoestrada e um sistema de telecomunicações são duas formas completamente diferentes e revolucionárias que mostram duas formas de funcionamento e construção/apropriação social do território.

Por isto mesmo, não só da morfologia se caracteriza o território nem o modo de pensar territorialidade e, contrariamente a outros modos genéricos do uso da palavra território, de facto ele compreende um conjunto de situações extremamente complexas que têm que ver com o modo como a dinâmica social transforma o próprio território. [9]

6. A cidade ainda existe? | Álvaro Domingues | TEDxMatosinhos

7. CALIX, Teresa. **"As morfologias da Cidade Contemporânea: Estruturas e Texturas. Uma matriz interpretativa da forma urbana. O sistema urbano do Porto."** Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. 2013.

Teresa Calix desenvolveu um profundo estudo morfológico acerca da escala e limitação do território da urbanização, admitindo como certo que a realidade se constrói a partir dos conceitos que a desvendam.

8. ELDEN, Stuart. **The Birth Of Territory**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

9. *Conversas com Álvaro Domingues*

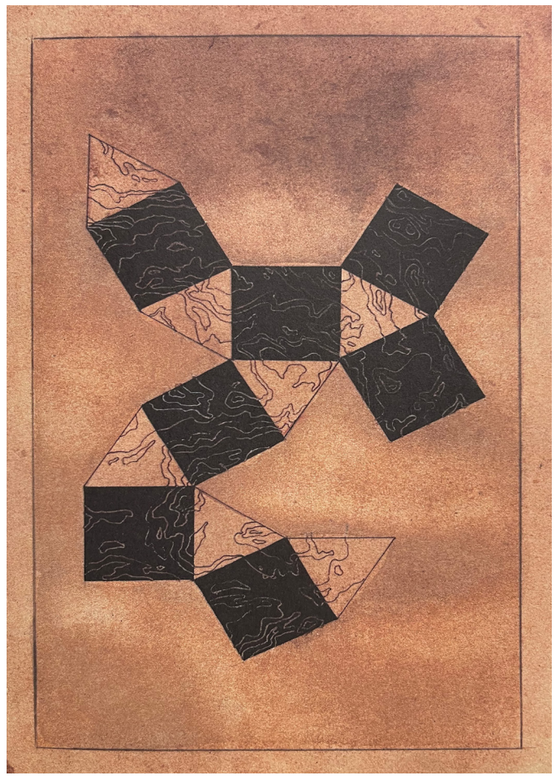


Fig. 23. "Dicotomias" - representação do *"Portugal das dicotomias"* - as formas partilham o espaço, vivem em comum, mas estão completamente fechadas sobre si mesmas, enaltecendo a sua independência, não permitindo o diálogo.

fonte: Range, M. et al. Representações, Desenhos e Imagens do Território. 3. ed. São Paulo: i2ADS, GEGOT, CITTA, 2021. p. 67.

superar *a dicotomia*

superar
a dicotomia

"dicotomia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2022, disponível em: https://dicionario.priberam.org/atlas [consult. 29-01-2022]

di·co·to·mi·a (grego dikhotomía, -as, divisão em dois)

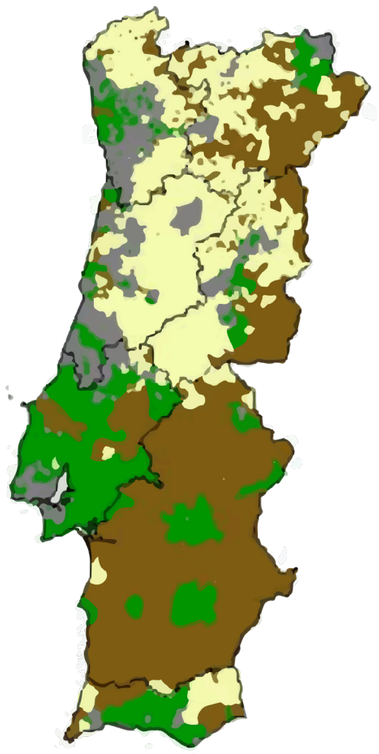
1. divisão em dois
2. oposição entre duas coisas
3. modo de divisão de certas hastes em ramos bifurcados
4. divisão de um conceito em dois outros que abragem toda a sua extensão

As dicotomias que fazem parte das categorias usadas habitualmente para adjetivar o território e, consequentemente, a sociedade são questões caracterizadas por divisões binárias que funcionam por mútua exclusividade, no sentido em que *"ou é um ou é o outro"* , organizando-se hierarquicamente. Estas oposições são frequentemente utilizadas para analisar e sintetizar questões sociais, geográficas e políticas. No entanto, na maior parte dos casos, a realidade dessas mesmas questões é muito mais complexa, perdendo sentido a sua caracterização através de opções binárias. Em muitos casos, a falta de rigor presente nesta divisão faz com que não se levem em consideração as variações e extremos que existem dentro de uma própria *"categoria"*.

João Ferrão, no livro *"Representações, Desenhos e Imagens"* aborda esta questão de uma forma curiosa; Desenvolve oito teorias para oito representações mentais acerca das várias interpretações do território Português, aos olhos dos seus governantes: [10]

"*O Portugal sem geografia", "o Portugal amputado", "o Portugal das dicotomias", "o Portugal das feiras e das rotas de carne assada", "o Portugal dos Poder", "o Portugal das notícias", "o Portugal dos esquecidos"* e, por último, *"o "meu" Portugal"*. Todas estas representações pretendem, através de uma imaginação geográfica, mapear o modo como os governantes, regra geral, percepcionam território nacional. Este entendimento é relevante no que diz respeito aos governantes, uma vez que as suas decisões, ações, definição de prioridades, políticas e soluções dependem

10. RANGE, M. et al. **Representações, Desenhos e Imagens do Território**. 3. ed. São Paulo: i2ADS, GEGOT, CITTA, 2021. p. 65-67.



Dinâmica Sócio-Económica	Competitividade Setorial da Agricultura
Rural Frágil	Agricultura Frágil
	Agricultura Competitiva
Rural Dinâmico	Agricultura Frágil
	Agricultura Competitiva

Fig. 24. O rural em Portugal, segundo a competitividade da Agricultura e as dinâmicas socioeconómicas

fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-O-rural-em-Portugal-segundo-a-competitividade-da-Agricultura-e-as-dinamicas_fig1_259150132

da forma como interpretam e compreendem o território. Desta forma, a relação entre as representações mentais do território têm naturalmente que ver com a trajetória e experiência pessoal de cada um, bem como da área que tutelam. Ou seja, mais uma vez, a leitura do território inscreve-se na complexidade de leituras que lhe estão associadas.[11]

Tal como refere João Ferrão, nenhuma das representações, individual ou combinada, pode ser caracterizada como ideal. No entanto é importante destacar que, para os domínios territorialmente sensíveis, a ausência de uma visão territorial abrangente, a captura por interesses localizados, as políticas reativas e assistencialistas, bem como o recurso a compartimentações rígidas e ultrapassadas do território nacional, representam obstáculos significativos para a definição e concretização de uma agenda ambiciosa que considere a totalidade do país, com a sua diversidade interna e as relações com os principais espaços aos quais está integrado: Península Ibérica, União Europeia, países lusófonos e redes globais.[12]

O "Portugal das dicotomias" é uma das oito representações mentais que, para o autor, é a representação mental com mais visibilidade no panorama nacional e teve origem, regra geral, em publicações de natureza científica (autores como Orlando Ribeiro, José Mattoso, Adérito Sedas Nunes, etc.) [13]. Estas representações foram transbordando para a população geral e, consequentemente, para os livros didáticos e de ensino básico que, em conjunto com a ampliação dos media, foram rapidamente interiorizadas, sem qualquer resistência, tornando-se como referências inquestionáveis usadas para descrever, explicar e até pensar estrategicamente o futuro do país.

Ao contrário do pensamento comum, as dicotomias presentes no nosso país como, por exemplo, Norte/Sul, interior/litoral, urbano/rural, entre outras, foram criadas em momentos diferentes para traduzir e explicar situações que estavam em emergência, em função de contextos histórí-

11. RANGE, M. et al. Representações, **Desenhos e Imagens do Território**. 3. ed. São Paulo: i2ADS, GEGOT, CITTA, 2021. p. 65-67.

12. RANGE, M. et al. Representações, **Desenhos e Imagens do Território**. 3. ed. São Paulo: i2ADS, GEGOT, CITTA, 2021. p. 65-67.

13. *Idem.*, p. 65-67.

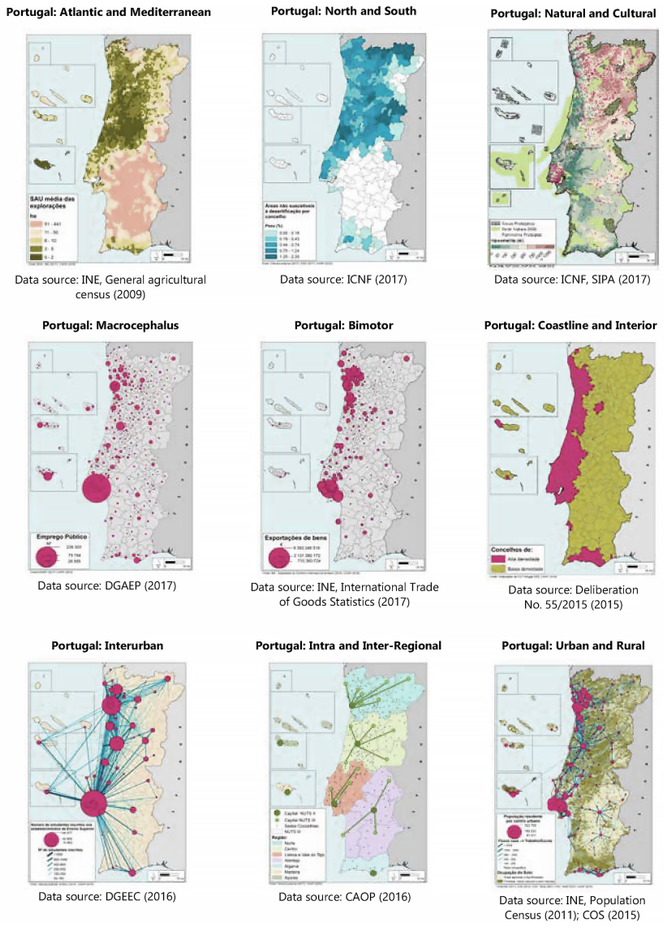


Fig. 24. As várias dicotomias em Portugal - Programa Nacional da Política do Ordenamento do Território (PNPOT).

fonte: PNPOT - Territorial Stratagy and Model, 2020. https://pnpot.dgterritorio.gov.pt/

cos específicos. [14] Ou seja, estas dicotomias nem sempre existiram, surgiram em alturas diferentes e enquadram-se em contextos específicos. No entanto, após o declínio desses mesmos contextos que justificaram a sua criação, continuaram a ser utilizadas, fracassando na capacidade explicativa das dinâmicas sociais, politicas e territoriais atuais. Pelo contrário, dão origem a confusões de significados, até porque as fronteiras dicotómicas são muito voláteis e estão, normalmente, sujeitas a interpretações subjetivas, fruto da experiência de cada pessoa. [15]

É ainda relevante destacar que estas questões continuam a ser fortes referências para além dos contextos histórico-geográficos que lhe deram origem e resistem sob representações mentais que, herdadas do passado, têm tanto influência no presente como nas políticas desenvolvidas com base nessas mesmas dicotomias, caracterizando o futuro. Todas estas questões trazem problemas para a sociedade no sentido em que há uma abertura para conflitos entre territórios e comunidades de diferentes genomas, promovidas por politicas segmentadas territorialmente e, portanto, não relacionais - um mundo das independências, dos opostos e das diferenças.

É fundamental concluir que se as coisas não cabem nestas *"caixas dicotómicas"* [16] não faz sentido usá-las. Em vez disso é mais importante desenvolver estratégias de classificação distintas, afastadas das dicotomias.

Posto isto, e apresentada uma desconstrução do significado de rural, urbano, campo e cidade, bem como o entendimento de território e a fragilidade das problemáticas que as questões dicotómicas levantam, tentar-se-á, através de exemplos e questões, superar a barreira existente entre o conceitos apresentados.

14. RANGE, M. et al. Representações, **Desenhos e Imagens do Território**. 3. ed. São Paulo: i2ADS, GEGOT, CITTA, 2021. p. 65-67.

15. RANGE, M. et al. Representações, **Desenhos e Imagens do Território**. 3. ed. São Paulo: i2ADS, GEGOT, CITTA, 2021. p. 65-67.

16. *Caixas dicotómicas* - Definições binárias com características muito específicas

Um edifício de habitação, em condomínio privado, faz frente a um terreno abandonado, à beira da estrada, que serve para quase tudo;
pastar as ovelhas,
alimentar um burro e um cavalo,
plantar algumas couves,
passear o cão.

Fig. 25. Ovelhas a pastar em pleno centro urbano da cidade de Chaves e a Oliveira, podada ao modo do jardim topiário, que já não produz azeitona.
fonte: Fotografia do autor, 2023

superar *a dicotomia entre o rural e o urbano*

superar
Superar a dicotomia entre o rural e o urbano

Superar a dicotomia entre o rural e o urbano

Atualmente, tanto o rural e o urbano como o campo e a cidade são termos totalizantes (que se referem a realidades, misturando várias das suas supostas características), desenquadrados, e de fácil associação a algo que conhecemos. Ambos se inserem em âmbitos disciplinares muito diversos e, com base num mapeamento de exemplos atuais, explorarei formas, modos de existência e contextos onde podemos assistir à sua combinação - sublinhando que, atualmente, as fronteiras não existem.

Difícil, complexa, densa e aparentemente contraditória - Do campo ficam instantâneos descontextualizados como a produção agrícola, a horta, o estábulo, o agricultor, o trabalhador, o camponês, a terra, o burro; Da cidade fica a representação de um viver comum, de uma sociedade plural e intensa compreendida num território com limites estruturados e definidos, organizada num interior compacto, densamente construído, que vive de atividades económicas não agrícolas (de serviços e da indústria transformadora) e do espaço que a rodeia, ditos naturais, da floresta ou da agricultura; [17]

17. DOMINGUES, Álvaro. **A rua da estrada**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2009. contra-capa

Então, o que observamos, hoje?

Observamos, hoje, um *território difuso* na sua configuração morfológica. Entre os conceitos associados ao termo *difuso* podemos destacar a idealização de uma forma cujas fronteiras não são perceptíveis, e cuja expansão é difícil de controlar, em consequência da evolução e necessidades das sociedades, da urbanização e da própria arquitetura, acabando por se fazer notar na paisagem [18]. Como apresentado anteriormente, é necessário ter em conta que os limites e as fronteiras são consequência

18. LOPES, Teresa Ribeiro. **Compreender e intervir sobre os espaços vazios em contexto (sub)urbano: uma análise sobre Fiães, Santa Maria da Feira**: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto. 2019.

de momentos específicos e, regra geral, são desenvolvidas por questões meramente administrativas e burocráticas [19]. Para agir será necessário compreender o território, percebendo o sistema complexo e os modos de habitar da sociedade contemporânea. E como afirmam Nuno Portas, Álvaro Domingues e João Cabral, *"a urbanização tem (sempre teve) de ser dirigida: é preciso definir estruturas, indicar caminhos, criar incentivos, desencadear dinâmicas. Uma atitude pro-activa que não pode restringir-se aos casos de excepção"*. [20] Para conseguir isso é necessário, pelo menos, ter uma imagem mais precisa do que seja a urbanização e as suas metamorfoses; idem para o que antes se classificava como rural.

Podemos assim, de modo geral, enumerar alguns factores que pesaram no modo como o território e a sociedade se foram alterando, moldando a sua evolução e enaltecendo as suas dicotomias: Ou porque já não existe a cidade muralhada nem a aldeia típica que sempre nos ensinaram, ou porque o espaço rural *"perdeu a sua gente"* [21] para o mundo lá fora, ou porque houve uma revolução industrial que mercantilizou a agricultura em função das fileiras agro-industriais e lavrou o campo com novas ferramentas tecnológicas para o mundo da globalização, ou porque se desenvolveram novas formas de apropriação do solo proporcionando o aparecimento de novos territórios ditos rurais ora urbanos, ou porque tentamos constantemente readaptar o rural e urbano com "pseudo" termos que só aumentam a complexidade do seu entendimento, ou porque há uma dificuldade comum em entender a urbanização sem desligar da ideia de cidade enquanto seu ideal-tipo. Ou porque a cidade passou a ser uma enorme rede de conexões e agora faz parte de um conjunto de processos de urbanização. Ou porque, finalmente e não menos importante, não se quer perceber a desruralização e , por isso, a falência do adjetivo. Tal como explica Michel Foucault, quando as palavras descolam das coisas que denominam, opera-se uma crise de sentido que só se pode resolver com uma outra palavra diferente. [22]

19. RANGE, M. et al. Representações, **Desenhos e Imagens do Território**. 3. ed. São Paulo: i2ADS, GEGOT, CITTA, 2021. p. 65-67.

20. PORTAS, N. et al. **Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades**. 1. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian , 2003. p.170

21. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011. p. 69

22. FOUCAULT, Michel. Les Mots et les Choses: Une archéologie des sciences. Ed. Gallimard, 1966.

superar *a dicotomia entre o rural e o urbano*

Todas estas justificações são reais e marcaram a forma como nos organizamos, contudo, são obstáculos que, por não estarem completamente resolvidos, nem serem abertamente discutidos, dificultam caminhos alternativos às dicotomias irresolúveis entre arte e ciência, a economia e a sociedade, a cultura e a tecnocracia ou, neste caso, entre campo e cidade e rural e urbano, atrasando a possibilidade de criar narrativas e projeções acerca do pensamento e planeamento para um mundo atual e coeso. [23]

A perda do mundo rural

A perda do mundo rural, ou desruralização,[24] envolve uma questão expansiva que deverá ser abordada de diferentes formas consoante o modo de problematização. Com base nas palavras de Álvaro Domingues, apesar de toda a diversidade de problemáticas expressadas habitualmente, como por exemplo o recuo demográfico, o despovoamento, ou abandono do solo agrícola, nem só de abandono ou perdas se trata; Embora seja extensa a multiplicidade de argumentos, existem pelo menos duas perspetivas distintas que merecem ser destacadas para uma melhor compreensão nas transformações do mundo rural. [25]

A primeira foca-se na transformação agrícola e no desaparecimento da agricultura enquanto pilar económico do mundo rural - quando o conceito de rural era caracterizado por uma economia, uma cultura e uma paisagem, tudo em simultâneo, não existiam dilemas. O principal suporte económico do mundo rural - **agricultura familiar de autoconsumo** - desapareceu com a modernização do qual faz parte a mercantilização, o capitalismo, a racionalidade tecnocientífica, a procura de trabalho assalariado em atividades que proporcionassem maior rendimento, o despovoamento, a emigração, o abandono do solo agrícola, etc, e evoluiu para produções agrícolas [26] com finalidades globais e de alta intensidade tecnológica, fase que caracteriza a industrialização da agricultura e, con-

23. DOMINGUES, Álvaro. **A rua da estrada**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2009.

24. *"Desruralização é um conceito que se usa nas ciências sociais para denominar um processo de mutação sócio económica e territorial resultante da perda de importância da atividade agrícola e das culturas e modos de vida rurais tradicionais das sociedades camponesas."*

DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011. p. 69

25. *Idem.*, p. 69

26. *"Agrícola é uma palavra cuja raiz é essencialmente económica_ são agrícolas os produtos, os mercados, os preços, as tecnologias e processos de produção."*

DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011. p. 69 - 70

sequentemente, o fim do campesinato, dos seus territórios e das suas paisagens.

Em Portugal, durante as décadas de 60 e 70, os fortes movimentos de migrações a partir das áreas rurais para os grandes centros urbanos constituíram o último episódio da desruralização. Contudo a atividade agrícola continuou a transformar-se noutros contextos que, hoje, não podemos denominar rurais. Se olharmos a história da agricultura em contexto Europeu, percebemos que a produção agrícola sempre existiu em meios urbanos. [27]

Se analisarmos também inquéritos e estatísticas dos rendimentos da população nas décadas de 70, a maior parte das famílias consideradas agrícolas - por posse ou arrendamento de terra ou por questões salariais - já viviam de rendimentos que pouco tinham de origens agrícolas.[28] Tornou-se "*evidente que a sociedade rural só se mantinha com vitalidade e sem grandes perdas demográficas nas regiões (...) em que a presença da indústria e serviços permitiram uma articulação, através do mercado de trabalho, entre a agricultura e estes setores, ou seja, os membros das famílias trabalham nas fábricas, armazéns e oficinas dispersos pelos campos ou localizados povoações próximas das suas casa*". [29]

A segunda importante perspetiva da desruralização tem que ver com a transformação do mundo rural enquanto modo de vida, forma de estar e sistema de hábitos, crenças e tradições. [30]

> *"Rural é um adjetivo que qualifica culturas, visões do mundo, imaginários. (...) é uma palavra que funciona como um arrastão (...) o lugar dos antepassados, os da província, o bom povo das aldeias, o espaço verde, o turismo rural, os velhos camponeses, os pós-rurais, a cultura popular (...)* [31]

27. DONADIEU, Pierre. **Campagne urbane: Una nuova proposta di paesaggio della città**. 2. ed. [S.l.]: Collana: Virgola, 2013.

28. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011. p. 84

29. *Idem.*, p. 84

30. *Idem.*, p. 69, 70

31. *Idem.*, p. 121

***superar** a dicotomia entre o rural e o urbano*

A separação das duas perspetivas da desruralização pretende enfatizar a importância da agricultura como pilar central da economia bem como o elemento cultural de uma sociedade que se insere num território marcado pela atividade agrícola. No entanto, o facto da agricultura se ter dissociado da cultura camponesa gerou questões terminológicas complexas até aos dias de hoje, dando origem a conflitos na sua clarificação e no seu entendimento. Os pilares qualificativos do mundo rural foram perturbados pelos processos de desruralização, os quais podem ser sintetizados da seguinte forma:

- Atualmente a produção de alimentos é regulada pelos mercados, pela Política Agrícola Comum e pelos acordos globais e para se produzir para o mercado é necessário culturas empresariais sofisticadas, ou seja, estes contextos passam a caracterizar meios económicos e empresariais, mais do que meios rurais;
- Estatisticamente, segundo uma análise ao PIB que diz respeito à atividade económica dominante em Portugal, podemos confirmar que está longe de ser a agricultura (só compreende 3% do PIB). [32]
- O país que antes era rural e agrícola, hoje vive de economias assistidas (transferencias, remessas, pensões, reformas, etc. de origem extra-local) ou da economia dos serviços, e a agricultura é uma forma secundária de gerar rendimento - atualmente é inviável viver unicamente da pequena escala e escassez da economia agrícola.
- A associação do mundo rural à cultura camponesa é inviável, pois atualmente ela praticamente já não existe - percebemos que se vai esgotar em breve pois a cultura camponesa já só existe em contextos muito específicos e numa determinada geração, normalmente em população envelhecida; A população com regular atividade na agricultura, segundo os Censos do Instituto Nacional de Estatística, em muito pouco se identifica com os *"camponeses de gema"*, que já há muito tempo perderam a sua clareza e coerência.
- Por último, a modificação da paisagem é a consequência da instabili-

32. Valor acrescentado bruto da agricultura em percentagem PIB. consulta em: https://www.pordata.pt/portugal/valor+acrescentado+bruto+da+agricultura+em+percentagem+do+pib-3715

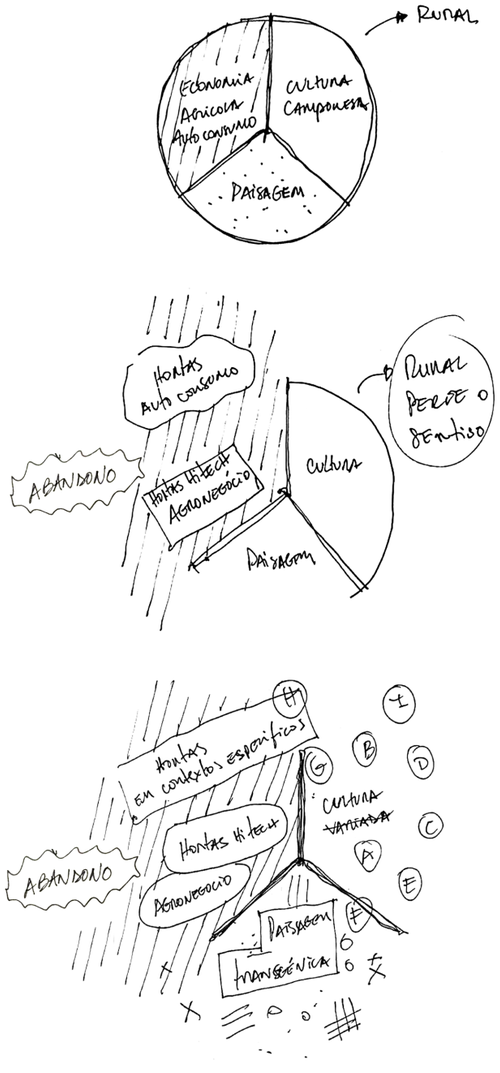


Fig. 26. Esquema representativo da *"falta de sentido na definição de rural"*.
fonte: Esquema desenvolvido pelo autor, 2023

dade de todos os pontos anteriores. A beleza dos campos cultivados é agora substituída por hectares de peças tecnológicas que ajudam e permitem a produção a escalas mundiais.

Álvaro Domingues descreve-o da seguinte forma:

> *"(...) estufas criam condições artificiais reprodutíveis em diversos contextos biofísicos; criação de gado em regime estabulado quase que se pode assemelhar a fábricas; melhoramentos genéticos permitem plantar vinhas no douro em declives impossíveis"* criando *"verdadeiras paisagens biotécnológicas"*. [33]

33. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011., p 147

Em sumário, como já referido, a palavra rural caracterizava um conjunto compacto de *"três peças"* que lhe davam sentido num mundo pré-moderno. Bastou uma dessas peças entrar em crise que todo conjunto ficou em causa. Os modos de existência da agricultura só eram concebíveis no conjunto rural concreto, do qual fazia parte uma economia baseada na agricultura, a cultura camponesa e uma paisagem específica. Caso um destes elemento perdesse o propósito, já não faria sentido caracterizar o conjunto como rural.

Analisemos os seguintes exemplos de diferentes tipos de agricultura implantados em Portugal:

Fig. 27. Produção em Estufas, Odemira - Milhares de hectares de estufas de agricultura intensiva.
Fonte: https://www.publico.pt/2021/07/06/p3/cronica/odemira-onde-agua-1969118

Fig. 28. São Teotónio, Odemira, consumido pelos milhares de hectares de estufas de agricultura intensivas, inserida no Agronegócio para o mercado global.
Fonte: Google Earth com identificação de uma área de cultivo em estufas

Como se organiza a produção agrícola das estufas de Odemira?

Há cerca de duas décadas, os principais produtores globais de frutos vermelhos (framboesas, morangos e mirtilos) descobriram no sudoeste alentejano um clima propício e ideal para a cultura intensiva destes frutos - os solos arenos e a abundância de água, proveniente do Perímetro de Rega do Mira, transformaram significativamente o território. A paisagem mudou. A demografia mudou. As relações e tecido social mudou. Os mapas mudaram, e as estufas *"pintaram de branco"* [34] hectares e hectares de território, até quase à fronteira com o mar. Em 2015, as áreas de cultivo já rondavam os 1100 hectares, com clara tendência expansionista. [35]

Este Agronegócio, segundo os produtores, fará de Portugal o maior produtor de frutos vermelhos da Europa e um dos maiores do mundo. Isto significa que para além de Portugal servir o mundo, o mundo também está, aos poucos, a vir para Portugal. Isto deu origem à maior vaga de imigrantes e São Teotónio tornou-se numa verdadeira localidade multinacional. O trabalho é duro, de sol a sol, sob quilómetros de estufas, a temperaturas altíssimas. Estes *"camponeses dos tempos modernos"* vivem onde for preciso e onde houver espaço, onde for mais barato e onde caibam muitos e paguem pouco. [36]

No que diz respeito à Agronomia [37], este tipo de agricultura corresponde a um Agronegócio baseado numa produção tecnológica de monocultura em ambientes com condições super controladas - estufas -, orientada para o mercado externo. Isto significa que este negócio representa qualquer operação do ciclo da agricultura, o que engloba a produção, os serviços financeiros, de transporte, marketing, seguros, embalagens e outro qualquer serviço que seja necessário. [38]

34. Analogia ao uso excessivo de estufas para as produções agrícolas

35. EXPRESSO. **Frutos da Circunstância**. Disponível em: https://expresso.pt/sociedade/2015-12-12-Frutos-da-circunstancia. Acesso em: 25 out. 2023.

36. EXPRESSO. **Frutos da Circunstância**. Disponível em: https://expresso.pt/sociedade/2015-12-12-Frutos-da-circunstancia. Acesso em: 25 out. 2023.

37. Agronomia é área da ciência dedicada ao estudo e práticas dos recursos naturais, com especial atenção para o aprimoramento da produção agrícola.

38. GOOGLE. **Agronegócio**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Agroneg%C3%B3cio.

Fig. 29 Barragem do Alqueva.
Fonte: https://www.lagoalqueva.eu/mapa/index.html

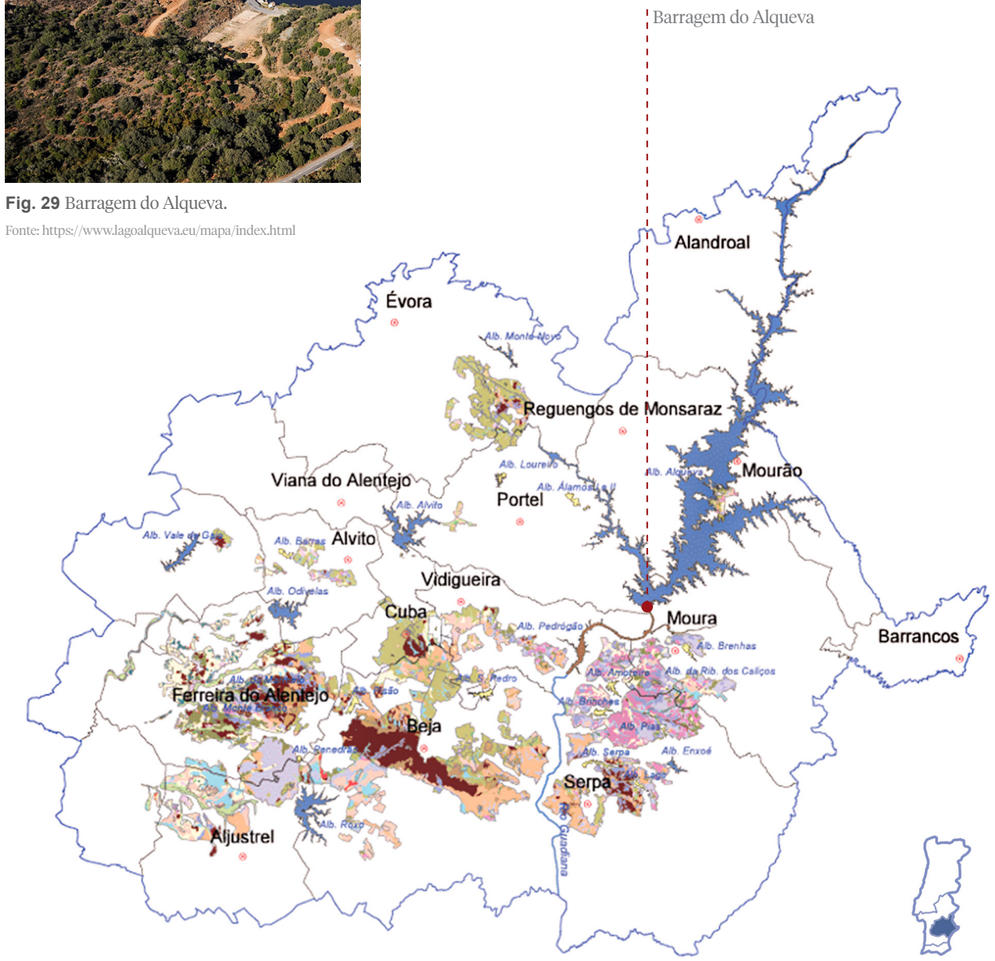


Fig.30. Mapa da áreas que a barragem do Alqueva permite regar.
Fonte: https://www.lagoalqueva.eu/mapa/index.html

Como se organiza a produção agrícola no perímetro de rega da barragem de Alqueva?

> *"Antes do Alqueva a terra era seca, praticava-se uma agricultura de sequeiro e alguma de subsistência; culturas pobres e limitadas pela escassez de água."* [39]

Quando o Guadiana se estendeu pela planície, uma nova narrativa começou para o Baixo Alentejo graças à criação do maior lago artificial da Europa - uma albufeira com 250 quilómetros quadrados e mais de 110 quilómetros de margens, desenha uma obra singular no continente Europeu. O projeto inicial é de 1957 mas só em 1976 é que começaram os primeiros trabalhos. Em 2022 nasce uma barragem que permite um enorme armazenamento de água, de forma a satisfazer as necessidades da localidade, pelos grandes períodos de seca que afetam a região como também pela falta de regularidade do caudal do Guadiana. [40]

Atualmente a barragem do Alqueva permite regar cerca de 120 mil hectares das mais variadas culturas, reforça o abastecimento público a mais de 200 mil habitantes e produz energia elétrica para praticamente toda a zona do Alentejo. [41]

Os milhares de hectares de produções agrícolas que o projeto da barragem do Alqueva consegue atender correspondem, agronomicamente, a uma Agroindústria [42]. Isto caracteriza um conjunto de atividades, agrícolas e industriais, que têm como objetivo produzir, processar, transformar e comercializar os produtos agrícolas, não só os produtos primários como também os seus derivados. Na maior parte dos casos as produções agrícolas baseiam-se numa produção de monocultura, aplicando métodos e elementos tecnológicos para aumentar e melhorar o produto final.

39. ALQUEVA. **20 anos de Alqueva**. Disponível em: https://www.edia.pt/pt/20-anos-de-alqueva-8-de-fevereiro-de-2022/.

40. ALQUEVA. **O que é o Alqueva?**. Disponível em: https://www.edia.pt/pt/o-que-e-o-alqueva/ .

41. **Barragem e Regadio do Alqueva**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1fkXyTCWGnk&ab_channel=EdiaAlqueva.

42. AGROTEC. **Alqueva e Agroindústria** . Disponível em: http://www.agrotec.pt/noticias/alqueva-e-agroindostria-uma-nova-terra-de-oportunidades/.

Fig. 31 e 32. Exterior e Interior da Estufa desenvolvida pelo Sr. João com materiais rudimentares - tubos e lonas de plástico.

Fonte: Fotografia do autor, 2023

Fig. 33 e 34. Tanque que recebe a água - Utilização de sistema de tubos, duplicadores e extensões que permitem fazer chegar a água a todo o terreno.

Fonte: Fotografia do autor, 2023

superar *a dicotomia entre o rural e o urbano*

Como se organiza a produção agrícola na horta do Sr. João?

A Fig. X, fotografia na horta do Sr. João, mostra-nos uma estrutura desenvolvida pelo próprio. Com a ideia de criar uma estufa, o Sr. João reutiliza alguns materiais e, através de técnicas e processos rudimentares como também da sua experiência basilar, desenvolve um espaço que lhe permite controlar minimamente as condições interiores, proporcionando um ambiente que facilite o cultivo de certas culturas.

No que diz respeito à questão da água, que será exposta no capítulo seguinte, o Sr. João desenvolve um sistema excepcional que permite, atualmente, regar toda a horta sem que nunca tivesse existido água no terreno.

Agronomicamente, a horta do Sr. João caracteriza-se como uma agricultura para autoconsumo, ou seja, a produção e o consumo dos alimentos é feita pela própria pessoa, e tem como base uma produção de policultura. Isto significa que se cultivam várias espécies na mesma área agrícola, permitindo a diversificação de culturas, a melhoria de estado do solo, o controlo sobre pragas e doenças e a maximização dos recursos, ao contrário da monocultura que se limita ao cultivo extensivo de uma só cultura numa área agrícola.

Exemplos das várias formas de apropriação espacial da agricultura, atualmente:

Fig. 35. Hectares de estufas high-tech na Holanda
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/932634/como-os-holandeses-usam-a-arquitetura-para-alimentar-o-mundo

Fig. 36. Porto Business School - *Horta low-tech, ecológica e eficiente*
Fonte: https://noticias.up.pt/nasceu-no-telhado-da-porto-business-school-a-maior-horta-urbana-do-pais/

Fig. 37. Horta do Sr. João
Fonte: Fotografia do autor, 2022

Fig. 38. Couve ornamental
Fonte: https://bernadetealves.com/2021/06/23/couve-ornamental-arco-iris

Embora os intervenientes, o contexto, os métodos e a escala dos exemplos apresentados seja completamente diferente, qualquer um deles se organiza e se caracteriza como uma *"produção agrícola"*. Esta análise comparativa tem como objetivo perceber que, atualmente, as produções agrícolas estão organizadas em diversas formas espaciais, facilmente observáveis no território.

Em nota conclusiva, conseguimos perceber que a dicotomia do rural em oposição ao urbano estabilizou-se, de forma confusa, com o processo de modernização no qual o rural, a agricultura e as paisagens se transformaram numa confusão de significados e definições. A agricultura, hoje, existe em tantas diversidades culturais que é impossível afirmar que estamos perante uma "ruralidade". Tornou-se assim numa atividade como outra qualquer - desde a ultra-tecnológica, gigantesca, global, até às mitologias da permacultura ou do vaso tomateiro na varanda (micro--produção individual)[43] e inserem-se em contextos muito distintos que servem os mais variados propósitos - sociais, pedagógicos, mercantis, de lazer, para o mundo da globalização, para consumos particulares e a prova disso são os exemplos da agricultura high-tech completamente estabilizada na Holanda, ou as estufas de agricultura intensiva em Odemira, ou a própria horta do Sr. João, para autoconsumo, ou as flores do meu jardim, como apresentam as imagens.

Os pilares do mundo rural perderam-se e a palavra tornou-se numa concepção perdida e passada, tanto no seu significado como na sua morfologia, completamente deslocada da realidade que caracterizava.[44] Esta mesma realidade tem um efeito duplamente negativo visto que se criam discursos e visões distorcidas e dificulta-se a compreensão das mutações entre a agricultura tradicional, praticamente abandonada, e a agricultura hiper-tecnológica, movida por mercados globais. [45]

"(...) O rural era verde, veio uma cabra e comeu-o". [46]

43. *Conversas com Álvaro Domingues*

44. DOMINGUES, Álvaro. **A rua da estrada**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2009, p. 166

45. *Idem*, p. 166

46. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011.

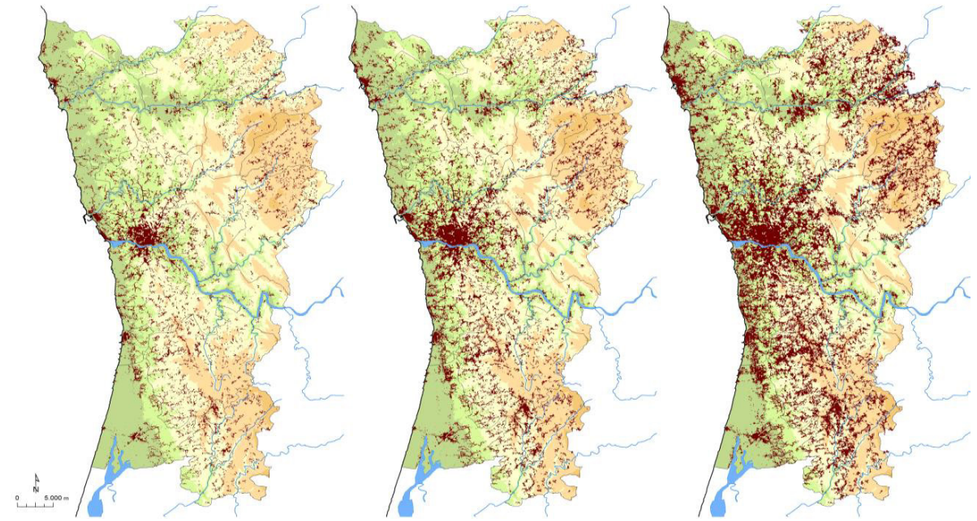


Fig. 39. Evolução das manchas edificadas. Da esquerda para a direita: 1950, 1975 e 2000.
fonte: Silva, F. B. E; Marques, Teresa Sá; Delgado, Carlos. Processos de expansão urbana e mudanças na paisagem: ensaio metodológico (1950-2000). Revista da Faculdade de Letras , Universidade do Porto, v. 1, n. 2012, p. 161-183, nov./2012. https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10561.pdf

O mesmo aconteceu à cidade quando a sua realidade e representação deixou de ser o único produto da urbanização.

A transformação do mundo urbano

> "A segunda metade do século XX conheceu um fenómeno de expansão das áreas edificadas por quase todo o Mundo. Em Portugal, este fenómeno observou-se com particular incidência na faixa litoral e em torno das duas principais cidades portuguesas, Lisboa e Porto. O crescimento económico e demográfico conduziu à expansão da mancha edificada, e esta potenciou o desenvolvimento de extensos contínuos urbanizados que contribuíram para a consolidação das áreas metropolitanas, e determinou fortes mudanças na paisagem."[47]

A configuração espacial e social dos territórios urbanos é consequência do processo de explosão das cidades. Estes grandes processos de urbanização e transformação das cidades e das suas paisagens variam em escala e natureza consoante o país e região, e fizeram-se sentir nos E.U.A e na Europa, de forma mais intensa, na segunda metade do século XX. Países como o Reino Unido, a Alemanha e os Países Baixos foram dos primeiros países onde ocorreram grandes fenómenos de expansão e são, hoje, países densamente povoados com uma longa história de urbanização. Mais tarde, França, norte de Itália, Áustria e Espanha sentiram um processo intenso de urbanização, dando origem a grandes regiões urbanas. Na Europa Meridional como Portugal, Irlanda, sul de Itália, Grécia e Suécia, grande parte do território está, atualmente, ainda a atravessar um intenso período de urbanização e suburbanização. [48]

Ascher desenvolve, nos primeiros anos do século XXI, uma noção do compromisso urbano e explica que esta é uma condição necessária e essencial para manter a coesão social.[49] Sublinha, em primeiro lugar, a ne-

47. SILVA, F. B. E; MARQUES, Teresa Sá; DELGADO, Carlos. **Processos de expansão urbana e mudanças na paisagem: ensaio metodológico (1950-2000)**. Revista da Faculdade de Letras , Universidade do Porto, v. 1, n. 2012, p. 161-183, nov./2012.

48. SILVA, F. B. E; MARQUES, Teresa Sá; DELGADO, Carlos. **Processos de expansão urbana e mudanças na paisagem: ensaio metodológico (1950-2000)**. Revista da Faculdade de Letras , Universidade do Porto, v. 1, n. 2012, p. 161-183, nov./2012.

49. ASCHER, François. **Novos Princípios do Urbanismo seguido de : Novos Compromissos Urbanos**. Um Léxico. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2010. p.107

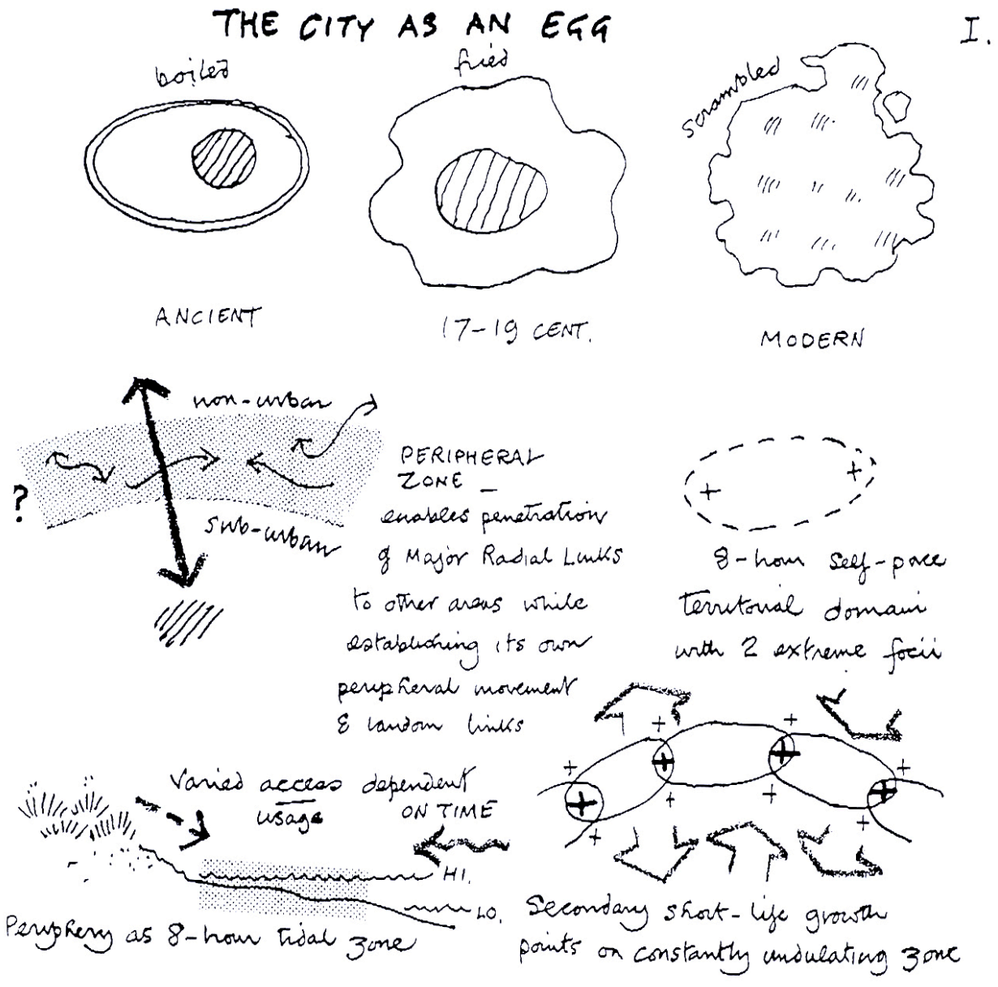


Fig. 40. Esquema de Cedric Price em relação à expansão das cidades, fazendo a analogia aos vários tipos de estados de um ovo.

fonte: Price, Cedric. The City as an Egg, 1982. https://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/420807

cessidade de acabar com as imagens nostálgicas das cidades europeia, visão esta que retarda e impõe restrições ao desenvolvimento moderno, pois o *"mundo de hoje"* tem necessidades e características diferentes - é um mundo tecnológico que gera novas formas de urbanização. Em segundo lugar, explica que deve existir uma diversidade e um comprometimento entre as necessidades e as práticas urbanas para que todos fluam e comuniquem entre si pensando no futuro da vida urbana e deixando *"para trás"* o que foi e já não o é, pois apesar de nostálgico, é só um caminho para *"o não desenvolvimento do território e dos seus intervenientes."*[50]

Cedric Price utiliza uma metáfora para explicar a expansão da cidade através de três formas distintas de cozinhas um ovo. [51] O arquiteto faz analogia ao *boiled egg (ovo cozido)*, *fried egg (ovo estrelado)* e, por fim, ao *scrambled egg (ovo mexido)*, a qual podemos explicar da seguinte forma:

O *boiled egg* representa a ideia da cidade tradicional, caracterizada pelo seu núcleo claramente definido e visível, circunscrita sobre si mesma, rodeada por uma casca/muralha, criando uma nítida dicotomia entre o interior e o exterior. Posteriormente, já nos séculos XVII a XIX, assistimos a uma metamorfose das cidades, através dos meios industriais e tecnológicos, adaptando-se a ideia de *boiled egg* para *fried egg*, em que, analisando o desenho, o seu centro ainda é visível mas os limites começam a navegar e perdem a sua leitura coesa.

Com o desenvolvimento do *fried egg*, que caracteriza o ideal-tipo da área metropolitana, surgem diferentes anéis perimetrais que fixam a dualidade de centro, periferia ou subúrbio, mas que ainda conservam a dicotomia entre o rural e o urbano, o que dificulta o entendimento. Este *fried egg* é também a representação da expansão urbana em mancha de óleo, por contiguidade espacial a partir da cidade antiga e do seu centro. Os sistemas rádio-concêntricos de suporte da mobilidade e dos transportes, ganham uma importância fundamental e viabilizam um fluxo

50. ASCHER, François. **Novos Princípios do Urbanismo seguido de : Novos Compromissos Urbanos**. Um Léxico. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2010. p.108

51. Analogia da expansão das cidades ao ovo mexido, por Cedric Price

crescente de movimentos pendulares em função do centro.

Ou seja, claramente é perceptível que o núcleo urbano se expande adicionando cinturas de zonas e bolsas industriais e residenciais - ganha novas valências, e articula diferentes artefactos ora urbanos ora rurais - parques, fábricas, caminhos de ferro, autoestradas, campos, casas, animais, hortas, empresários, agricultores, etc, - no entanto, ainda se continuaram a referenciar aos conceitos de rural e urbano.[52]

Por fim, surge a representação do *scrambled egg*, como uma nova metrópole, em que se perde a leitura da existência de um único centro, todo o espaço ganha importâncias desiguais, mais ou menos centrais ou periféricas e os seus limites começam a desaparecer, mas não completamente. As tecnologias, estruturas e sistemas de transporte - de pessoas, telecomunicações, energia, mercadoria, água, etc. - cobrem extensas áreas geográficas e criam a possibilidade de emergência de localizações funcionais muito diversas, sobretudo novas centralidades e um mosaico diversos de tendências de localização e atividades económicas fixadoras de emprego e de efeitos de polarização.

No entanto, a realidade da forma física encontra-se numa situação completamente inversa à sua representação que continua a considerar a *"cidade"* como um aglomerado de limites reconhecíveis; que tem dificuldade em entender conurbações e galáxias urbanas que resultaram da fusão de diversas formas e processos de urbanização; que continua a dar primazia ao centro do *fried egg*, considerando o restante como periferia, etc.

No seguimento da expansão da cidade de Cedric Price sentiu-se a necessidade de desenvolver o *scrambled egg*, tornando-o um *re-scrambled egg* (ovo remexido) - no sentido em que os limites deixam de se perceber claramente e tudo se mistura, como um sistema de milhares de redes de

52. *Conversas com Álvaro Domingues*

fonte: Desenho do autor seguido a lógica de Cedric Price

53. SILVA, F. B. E; MARQUES, Teresa Sá; DELGADO, Carlos. **Processos de expansão urbana e mudanças na paisagem: ensaio metodológico (1950-2000)**. Revista da Faculdade de Letras , Universidade do Porto, v. I, n. 2012, p. 161-183, nov./2012.

54. CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: Utopias e realidades, uma antologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

conexões, físicas e virtuais sem limites - desta forma se poderia caracterizar, com base nos desenhos de Price, o território e a sociedade atual.

A rede das conexões (?)

Refletindo acerca dos modelos de *cidade tradicional*, de *cidade canónica*, da *cidade dos períodos pré-industriais*, podemos agora afirmar que fazem parte de um conjunto de redes com diferentes formas de apropriação. [53]

Choay escreve o seguinte acerca destas transformações:

"A cidade explode e dá origem ao urbano". [54]
Esta explosão da cidade é uma imagem sintética do que ocorreu na última fase do nosso processo de urbanização, equivalente à área metropolitana, que resultou na dispersão das atividades e dos fluxos pelo território, bem como na transformação interna dos núcleos urbanos equivalente à região metropolitana, às conurbações, à urbanização difusa, etc., que resultaram das atividades e dos fluxos pelo território, bem como na transformação interna dos núcleos urbanos mais antigos.

Devemos, portanto, compreendê-la tanto a partir dos processos mais visíveis de dispersão quanto os menos evidentes, de forma a encontrar relações entre ambos. Podemos explicar esta explosão como um processo de desenvolvimento através da criação e fortalecimento de novas dinâmicas urbanas - desde o crescimento populacional, a concentração económica, a evolução das redes de transporte, comunicação e mobilidade, as transformações sociais e culturais, o desenvolvimento político e tecnológico, até às questões mais técnicas como a forma como o espaço é organizado, o consumo de solo e energia, o uso intensivo de recursos, entre outros. Estas dinâmicas relacionam-se através de redes complexas de entendimentos, integrando-se de forma espacial, social e económica

no território.

O desenvolvimento desta rede de conexões simplificou o deslocamento físico e virtual, como também facilitou a ligação e continuidade novas comunidades e atividades. Por exemplo, as infra-estuturas essenciais como água, saneamento e eletricidade expandem-se e deixam de pertencer só aos núcleos. A construção progressiva novos meios de ligação, como estradas e, posteriormente, auto-estradas e outras vias rápidas, impulsionou uma rápida mudança no entendimento das distâncias, como também desenvolveu novas relações entre os espaços, as pessoas e a própria capacidade produtiva dos espaços. Desta forma, este aumento produtivo, impulsionado pela revolução industrial e pelo desenvolvimento tecnológico global, deu origem a novos territórios, que antes definiam uma paisagem específica enquanto subjugados a espaços agrícolas, mas que acabaram por esvanecer, misturados com a rede de estradas, caminhos, e tudo o resto de que da industrialização faz parte.

Como descreve Álvaro Domingues, os espaços caracterizados antes como *"rural e urbano"* encontram-se em constante metamorfose, pois fazem já parte de um conjunto de "coisas" consideradas confusas e caóticas à luz dos modelos de referência antes existentes e que vão permanecendo apesar das mudanças drásticas dos modos de urbanização

Podem-se entender estas transformações das seguintes formas. **A primeira**, de acordo com os desenhos de Cedric Price em que a cidade se expande em mancha de óleo, que cresce sem limites, processando e absorvendo o território rural *"como uma espécie de ceifeira-debulhadora-enfardadeira"* e a **segunda**, através de mutação do próprio meio rural, em consequência do que o rodeia, também chamado de - *"mutação in situ"* [55] - processo de industrialização e de urbanização em meio (ex) rural.

55. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011, p. 38

superar *a dicotomia entre o rural e o urbano*

Superar a dicotomia

Superar a dicotomia entre o rural e o urbano é um esforço para abrir caminhos e discussões para debater elementos que pertencem a diferentes *genomas* ou universos conceptuais - urbano, natural, industrial, manual, comercial, rural, etc. [56] Após a perda das relações que revelavam a narrativa da realidade rural, o contexto de mudança está desmultiplicar-se, a grande velocidade, acerca das representações da vida no campo. Esta compreensão do meio rural dispersa-se em múltiplas esferas muito diversas entre si - componentes ambientais, produtivas, patrimoniais, turísticas, etc - que acabam por desenvolver uma crise de sentido [57] graças à dificuldade em reconhecer transformações derivadas da era digital, da circulação intensiva de informação, da velocidade e complexidade das transformações, da generalização da multifunção ou da emergência de novas funções, etc.

Apesar de ser *"difícil reaprender o rural e sobre ele construir novas identidades"*, de ser *"difícil encontrar continuidades entre as memórias mais ou menos ficionadas do passado e o que lhes está a acontecer"*, de ser "*difícil entender a simultaneidade e a contradição dos acontecimentos"*, de ser *"difícil (...) controlar as emoções acerca do que acontece"*, acredito que o próximo passo para uma melhor clarificação do que nos rodeia é percebermos as limitações destes espaços, o papel que desempenham para as pessoas e para a paisagem, partindo da ideia que estamos perante uma infinidade de sensações e emoções, de cheios e vazios, de coisas e relações entre as coisas. Se ignorarmos a existência da palavra "rural" e ficarmos apenas com as questões que a ela se associavam;

- O que é a diversidade da produção agrícola e das suas geografais,

- Como se reconhece a diversidade das visões do mundo, dos estilos de vida, da diferenciação social,

56. DOMINGUES, Álvaro. **A rua da estrada**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2009.

57. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011, p. 317

- Como se organiza o estudo da constante modificação da paisagem, quais os seus principais motores de transformação, como são (diversa e contraditoriamente) avaliados,

Talvez não seja difícil entender as tantas formas de produção de território e os seus diferentes atores, interesses, poder ou processos dominantes de regulação.

Acredito também que seja necessário um entendimento da instabilidade e da generalidade que este tema carrega e, por isso mesmo, requer uma abstração de ideias pré formalizadas, assumindo que o este estudo poderá realmente ser uma perspetiva da realidade ao invés de um confronto à realidade - o ponto de partida é tentarmos desconstruir o que nos rodeia ao invés de tentarmos, de forma imediata, caracterizá-lo com base no que nos foi transmitido, através de julgamentos, limitações dos nossos códigos de inteligência ou conceitos que aprendemos. Por este motivo, *"há que resistir à tentação inevitável de pensar numa coisa por oposição à outra e construir caminhos alternativos às dicotomias irresolúveis entre a arte e a ciência, economia e sociedade, cultura ou tecnocracia"*.[58]

Por fim, pode-se constatar que as definições territoriais baseadas na dicotomia rural/urbano serão praticamente inúteis porque a sua simplicidade não reflete o leque de diversidades presentes na sociedade e no território e que incluem as pequenas zonas urbanas, grandes aglomerados populacionais, zonas industriais, zonas produção agrícola de micro a grande escala, zonas remotas, zonas selvagens - tudo faz parte.

A velocidade e as rupturas inerentes aos processos de desruralização em Portugal caracterizam um exemplo claro das definições caóticas atribuídas aos lugares, memórias e identidades. Num ritmo acelerado, graças aos processos de globalização e à inundação de referências cul-

58. DOMINGUES, Álvaro. **A rua da estrada**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2009. Contra-capa

***superar** a dicotomia entre o rural e o urbano*

turais, de memórias distorcidas do antigo mundo rural, de imagens, locais, ruínas e legados identitários, alimentam-se nostalgias e narrativas fictícias, imaginando que a vida no campo era sinónimo da vida ideal e feliz, esquecendo completamente a realidade do povo rural, dos relatos da pobreza extrema da vida no campo e do mau viver que sempre existiu. Isto transforma a *"miséria do Portugal rural numa arcádia perdida, num mundo perfeito pronto a exorcizar as angústias e as dificuldades do presente."*[59]

Posto isto, graças às representações romanceadas da ruralidade por parte do Estado Novo em Portugal que ainda hoje fazem perdurar as imagens nostálgicas do *"povo simples"* do Portugal mais-que-perfeito, como *o "povo das aldeias e dos seus vários mundos num só local"*[60], assistimos hoje uma outra representação nostálgica da *vida rural*, *"onde tudo é autêntico, patrimonial, natural, histórico, sustentável, verde, ou outro qualquer adjetivo que frequentemente ilustre a fetichização da ruralidade e as novas estratégias de mercantilização de lugares encantados, agora equipados com passadiços e wifi"*.[61]

Estamos perante um paradoxo, pretendendo acreditar que a vida rural são expressões que ainda correspondem aquilo que era a sociedade, a cultura, o território, a economia ou a paisagem da ruralidade pré-moderna. Se o *rural* acabou e a *cidade* não serve para caracterizar a urbanização, há que encontrar outras estratégias de entender aquilo que muda e as razões da mudança. Chama-se a isso uma ruptura epistemológica.

Através de uma analogia à pintura de Wassily Kandinsky, foi representada a dicotomia entre o campo e cidade em relação ao território urbanizado contínuo.
As diferenças apresentam-se da seguinte forma:

59. DOMINGUES, Álvaro. **"Lugar, Memória e Utopia."** SuperNova, nº2, Porto: Escola Artística Soares dos Reis / LAHB / Edições Afrontamento, 2023, pp. 6-10

60. DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011. p. 136

61. DOMINGUES, Álvaro. **"Lugar, Memória e Utopia."** SuperNova, nº2, Porto: Escola Artística Soares dos Reis / LAHB / Edições Afrontamento, 2023, pp. 6-10

o campo e a cidade

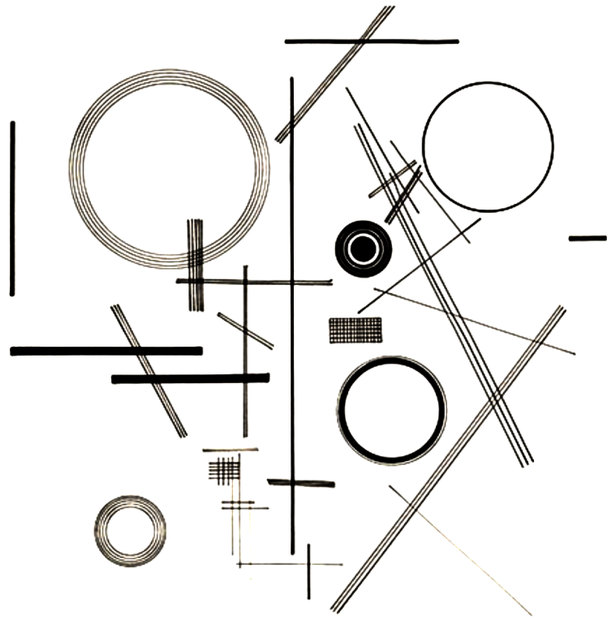


Fig. 41. Quadro de Wassily Kandinsky - Círculos concêntricos.

Analogia às diferenças e relações entre o espaço urbano e o espaço rural.
Os círculos representam a cidade tradicional, todas elas fechadas sobre si mesmas, umas maiores, outras mais densas.
As linhas retas representam o campo, como um espaço ao redor das cidades, que se desenvolve de uma forma orgânica, tal como a natureza.
Conseguimos perceber facilmente o que é o quê e, neste caso, faria sentido caracterizar o espaço através de binómios.

fonte: Wassily Kandinsky - Circulos concêntricos. https://www.posterlounge.pt/p/640684.html#paid=19450

o território urbanizado

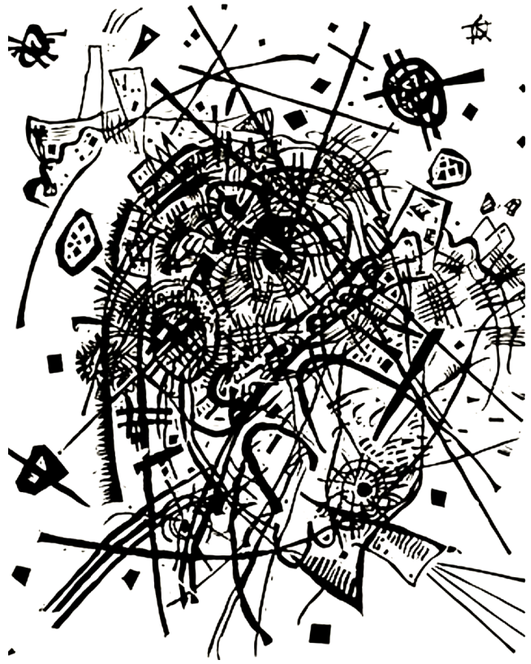


Fig. 42. Quadro de Wassily Kandinsky - Small Words VIII.

Uma imagem caótica, que se apresenta através de um espetro de diferentes coisas e relação entre elas - uma ordem que não se entende.

É possível identificar alguns círculos, ainda que imperfeitos, inacabados ou em espiral, bem como várias linhas (que deixaram de ser retas e claras), cuja organização é distinta do exemplo anterior - é impossível caracterizar o que quer que seja através de uma regra pela infinidade de peças diferentes que encontramos. Os limites desaparecem e as formas começam a mover-se para todos os lados.

fonte: Wassily Kandinsky - Small Words VIII. https://www.posterlounge.pt/p/640684.html#paid=19450

.3

explorar

Neste capítulo tentarei mapear e apresentar, de forma genérica, algumas hortas no Porto, variadas na sua escala, localização e funcionamento.

Posteriormente, será abordado o laboratório de projeto - A horta do S. João, através uma análise mais pormenorizada ao espaço, funcionamento, relações e formas de organização e, posteriormente, através de uma conversa que conta a história aos olhos de quem a vê.

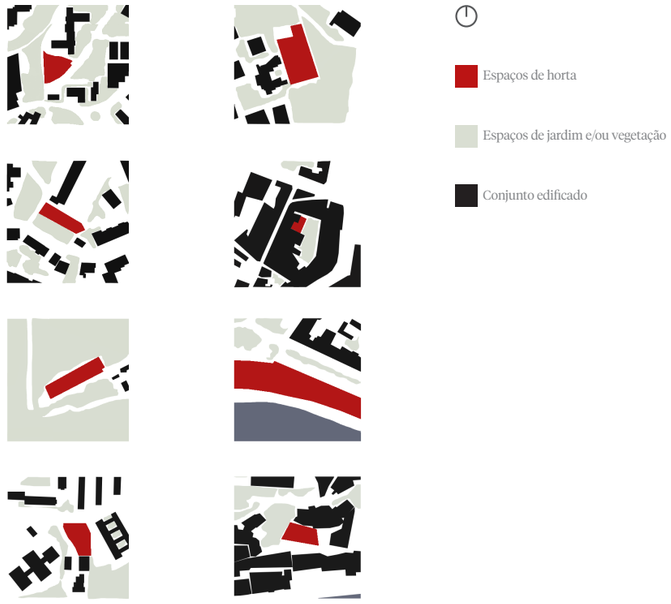


Fig. 43. Esquema de implantação das hortas implantadas em contexto urbano do Porto.
fonte: Esquema realizado pelo auto com implantação das hortas

explorar
contexto de hortas do Porto

Definição de horta

A horta, agronomicamente, representa um espaço com valências para a produção através de uma cultura intensiva de autoconsumo; Na maior parte dos casos localiza-se junto a um regadio, ou num local com fácil acesso a água e, geralmente, junta plantas de ciclo curto, com rotação consoante a estação. O que difere os vários tipos de hortas é, simplesmente, o seu contexto - a escala familiar, a envolvente, o tipo de terreno, a sua área, o número de talhões para cultivo e o uso tecnologia mais ou menos avançada. [1]

Como referido acima, em Portugal, durante séculos de pré-modernidade camponsa, miséria e mau viver, a horta foi recolhendo e implementando prodígios de sabedoria, desenvolvendo técnicas peculiares, tudo aproveitar e reciclar e aprender como do menos fazer mais. Variando sobre a região (contexto), a horta é um imenso puzzle formado por pequenos espaços, combinações, ciclos de produção desfasados ou sincronizados, intensivos no Verão e mais distendidos no Inverno, onde é crucial o instruído uso da água, o calendário das sementeiras e dos ciclos de produção e a própria combinação das plantas consoante o clima. [2]

Como defende Álvaro Domingues, assim se poderiam ir caracterizando as hortas, tal como as conhecíamos no *"mundo rural"* a que pertenciam. A questão é que esse *"mundo rural"* desapareceu e, por isso, as hortas mudaram também a sua condição - *"Chamemos-lhe agora simplesmente pequena produção hortícola (pondo para já de parte a produção especializada de hortícolas e os seus sofisticados processos tecnológicos e de inserção no mercado), seja ela para autoconsumo ou simples prática para passar umas horas mexendo na terra e ter a auto-satisfação de comer umas*

1. DOMINGUES, Álvaro. **A mais Excellente Orta que no Mundo se Posa Achar.** Revista Interact, nº1, 2017.

2. *Idem.*

alfaces da nossa própria produção." [3]

Atualmente, mais do que questionar o que são/foram *"as hortas"*, será importante perceber para que servem e em que contexto se inserem. Hoje a horta pode ser adjetivada como pedagógica, urbana, social, comunitária, hidropónica, suspensa, orgânica, biológica ou outra coisa qualquer que a possa caracterizar pois a facilidade de adjetivação é diretamente proporcional à expansão da ficção mágica da horta. [4]

Em consequência, também as razões, funcionalidades e usos da horta se desmultiplicam: a procura por alimentação saudável, a menor perda de nutrientes, a diminuição do sedentarismo, o contacto com a natureza, o efeito relaxante, a prática da agricultura biológica, o apreço pelo sabor, entre muitos outros. [5]

No entanto, nada retira interesse ao tema pois para além da definição objetiva das hortas, inclui-se também a diversidade de práticas sociais e estilos de vida que as impulsionam, o imaginário em que proliferam e as narrativas que as incorporam, justificando e explorando novos mundos.

Apresentação de hortas no Porto

Neste capítulo são abordadas seis hortas, das dezenas, que se inserem no território urbanizado do Porto. Através de um levantamento geral, pretende expor-se e mapear as diferentes hortas, que variam na sua configuração espacial, área, intervenientes, métodos de fazer e modo como são geridas.

Esta pesquisa inclui desde hortas institucionalizadas, como as hortas que fazem parte do programa *horta à porta*, patrocinado e iniciado pela LIPOR (Gestão, tratamento e valorização de resíduos) através do Projeto Horta à Porta - *tem o objetivo de articular a disponibilidade de várias entidades locais numa rede que viabilizasse uma estratégia para a Região do Grande Porto, no domínio da compostagem caseira, na promoção da agricultura biológica e na criação de hortas urbanas."* [6], como o exemplo das hortas espontâneas - apropriações agrícolas localizadas em espaços negligenciados ou abandonados da cidade, sem supervisão ou controlo de qualquer entidade. Esta análise tem como objetivo analisar os diferentes tipos de abordagens em função das suas circunstâncias - se para subsistência, se para lazer, se para ambos, ou outro qualquer interesse, bem como a área, acessos, intervenientes e o seu espaço envolvente.

3. DOMINGUES, Álvaro. **A mais Excellente Orta que no Mundo se Posa Achar.** Revista Interact, nº1, 2017.

4. *Idem.*

5. *Idem.*

6. LIPOR. **Projeto de Hortas Urbanas**. Disponível em: https://www.lipor.pt/pt/sensibilizar/hortas-urbanas/o-projeto-de-hortas-urbanas/.

***explorar** o contexto*

explorar o contexto

Fig. 44. Plano Diretor Municipal da cidade do Porto, com qualificação de solo - espaços verdes e frente atlântica ribeirinha - e identificação das hortas em estudo.

fonte: Mapa PDM, editado pelo autor

horta das condominhas

c.m. porto / lipor

Fig. 45. Imagem aérea com identificação da horta, acesso e envolvente. Sem Escala. fonte: Google Earth

Acesso à horta

Limites da horta

A horta das Condominhas localiza-se na freguesia de Lordelo do Ouro, mais concretamente num quarteirão delimitado, a norte, pela Rua de Diogo Botelho, a Oeste pela Travessa das Condominhas e a Este pela Rua das Condominhas, onde se encontra o único acesso à horta, que é feito através de um portão metálico.

Esta horta faz parte do projeto "Horta à Porta", financiado pela Câmara Municipal do Porto e pela Lipor, e disponibiliza 27 talhões para cultivo para quem faça a candidatura e cumpra os requisitos necessários para obtenção do espaço, e corresponde a uma área de cerca de 1170 metros quadrados. [7]

A envolvente é caracterizada por uma malha densamente edificada, que vai desde edifícios plurifamiliares e habitações unifamiliares, a espaços religiosos e hoteleiros.

7. CM PORTO. **Horta da Condominia**. Disponível em: https://ambiente.cm-porto.pt/hortas/horta-da-condominia.

Fig. 47. Identificação da horta, a vermelho, da área edificada, a preto, e dos espaços com vegetação, a verde.

horta de antero de quental

apropriação espontânea

Fig. 46. Imagem aérea com identificação da horta, acesso e envolvente. Sem Escala. fonte: Google Earth

Acesso à horta

Limites da horta

A horta de Antero de Quental situa-se na União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória e está inserida no logradouro de vários edifícios. É circunscrita, a Norte e a Sul, pela Travessa Antero de Quental e pela Travessa de São Brás, respetivamente, a Este pela Rua de São Brás e a Oeste pela Rua Antero de Quental - envolvente excessivamente edificada, na sua maioria, por edifícios de habitação coletiva.

Esta é uma horta espontânea, o que significa que a sua gestão é feita pelos próprios intervenientes. Normalmente neste tipo de hortas torna-se difícil definir com precisão o número de talhões pois a sua organização é orgânica e fruto da necessidade e espaço disponível. A sua área é de aproximadamente 2240 metros quadrados e encontra-se atualmente em funcionamento.

Fig. 48. Identificação da horta, a vermelho, da área edificada, a preto, e dos espaços com vegetação, a verde.

horta do parque josé avides moreira

s.c. misericórdia do porto / lipor

Fig. 49. Imagem aérea com identificação da horta, acesso e envolvente. Sem Escala. fonte: Google Earth

A horta do Parque José Avides Moreira situa-se na Freguesia de Paranhos e está associada ao Parque José Avides Moreira, instalado no Centro Hospitalar Conde de Ferreira, e é financiada pela Santa Casa da Misericórdia do Porto, juntamente com a Lipor.

A área de implantação da horta é de, aproximadamente, três hectares e acolhe, ao todo, 200 hortas e 30 viveiros terapêuticos para uso diário, bem como um vasto programa de Terapia Ocupacional de acordo com as características sociais, cognitivas e físicas de cada utente. O parque dispõe de hortas, parque infantil, jardim, pomar, estufas, viveiros, plantas aromáticas, animais, para usufruto dos utentes do Centro Hospitalar.[8]

É, acima de tudo, uma horta pedagógica e terapêutica que promove, de alguma forma, o bem estar dos seus utilizadores.

Acesso à horta

Limites da horta

8. PORTAL DA SAÚDE. **Parque José Avides Moreira**. Disponível em: https://portaldasaude.scmp.pt/pt-pt/noticias/parque-jose-avides-moreira-e-exemplo-de-boas-praticas-ambientais.

Fig. 51. Identificação da horta, a vermelho, da área edificada, a preto, e dos espaços com vegetação, a verde.

horta da bananeira

apropriação espontânea

Fig. 50. Imagem aérea com identificação da horta, acesso e envolvente. Sem Escala. fonte: Google Earth

Acesso à horta

Limites da horta

9. HORTA DA BANANEIRA. **Horta da Bananeira**. Disponível em: https://hortadabananeira.hotglue.me/.

10. *Idem.*

Fig. 52. Identificação da horta, a vermelho, da área edificada, a preto, e dos espaços com vegetação, a verde.

A horta da Bananeira apresenta-se da seguinte forma:

"A Bananeira é uma horta comunitária de espírito livre e espontâneo situada nas Escarpas das Fontainhas, no Porto. Desde 21 de Maio 2020 visa promover a participação comunitária e ativa das pessoas na requalificação do espaço urbano, a responsabilização dos cidadãos no cuidado direto da terra e o desenvolvimento de dinâmicas sociais igualitárias e horizontais". [9]

Esta horta está implantada na encosta das Fontainhas e tem cerca de 5000 metros quadrados. Organiza-se através de um processo *"informal, desenvolvendo-se pela criação espontânea de grupos de trabalho para lidar com os problemas e os objetivos comuns que vão sendo detectados."* [10]

horta de vilar

c.m. porto / lipor

Fig. 53. Imagem aérea com identificação da horta, acesso e envolvente. Sem Escala. fonte: Google Earth

Acesso à horta

Limites da horta

A horta de Vilar implanta-se no interior de um quarteirão no bairro de Vilar, ao lado do Seminário de Vilar, e pertence à freguesia de Lordelo do Ouro. Enquadra-se no conjunto de hortas institucionalizadas, financiada a pela Câmara Municipal do Porto e pela Lipor.

Esta horta serve, maioritariamente, os residentes do bairro de Vilar e, devido à sua escala reduzida, nem toda a gente tem possibilidade de adquirir um talhão para produzir - este processo necessita de uma candidatura, de participação obrigatória em *workshops* específicos e um regular uso e manutenção do talhão cedido.

A área da horta é de cerca de 400 metros quadrados e disponibiliza 12 talhões para os seus utilizadores. [11]

11. CM PORTO. **Horta de Vilar**. Disponível em: https://ambiente.cm-porto.pt/hortas/horta-de-vilar.

Fig. 55. Identificação da horta, a vermelho, da área edificada, a preto, e dos espaços com vegetação, a verde.

horta das maceirinhas

museu romântico do Porto _ apropriação espontânea

Fig. 54. Imagem aérea com identificação da horta, acesso e envolvente. Sem Escala. fonte: Google Earth

Acesso à horta

Limites da horta

A horta das Maceirinhas é uma horta de ocupação espontânea e está implantada junto aos jardins do Palácio de Cristal, mais especificamente numa área muralhada anexa ao lado Museu Romântico do Porto.

Este terreno pertence à casa Tait - A Quinta do Meio, hoje conhecida como Casa Tait, deve a atual designação ao facto de ter sido comprada pelo negociante de vinho do Porto e naturalista, William Tait - contudo, o funcionamento atual da horta não depende de nenhum financiamento (simplesmente implanta-se num terreno associado a um edifício público) e pode ser utilizada por qualquer pessoa que preencha um formulário no Museu Romântico do Porto.

A horta tem um área de cerca de 2500 metros quadrados e encontra-se, neste momento, em funcionamento.

Fig. 56. Identificação da horta, a vermelho, da área edificada, a preto, e dos espaços com vegetação, a verde.

Fig.57 . O Sr. Pinto a atar os tomateiros a uma estaca de madeira para controlar o seu crescimento vertical.
fonte: Fotografia do autor, 2021

***explorar** o contexto*

Análise genérica de hortas em contexto do Porto

A análise genérica e informal destas seis hortas, implantadas no centro urbano do Porto pretende sublinhar que apesar de todas elas terem características muito distintas - financiamento ou falta dele (hortas de apropriação espontânea sem qualquer apoio ou hortas institucionalizadas e moderadas por diferentes entidades), área, envolvente e intervenientes -, todas sobrevivem com base na produção agrícola e todas elas dão uma possibilidade produtiva ao terreno, não apagando um lugar para inventar outro. Os intervenientes que proporcionam estes novos usos descobrem ou adquirem o seu território em áreas internas da cidade - no interior do quarteirão, ao lado de linhas de caminho de ferro, de autoestradas, de linhas de eletricidades, em escarpas, em parques e outros sítios. Territórios que antes eram espaços negligenciados, os quais os *camponeses ocasionais* souberam e quiseram reativar .

> *"eles habitam o futuro do terreno e, ao fazê-lo , cultivam, frutificam, alimentam e desenham outra forma e outra lei para o direito à cidade"* [13]

Todas estas hortas são atualmente produtivas mas diferentes das formas dominantes da agricultura tradicional pois são desenvolvidas por pessoas com diferentes objetivos; Encontramos várias particularidades nas suas estratégias, métodos e efeitos utilizados em função do conjunto de pessoas que as utilizam - são espaços de cultivo, espaços de lazer, espaços de repouso, espaços de conversa, espaços terapêuticos, espaços de convívio, etc, que respondem às pretensões de trabalhadores, desempregados, reformados, marginais, pessoas com deficiências ou de outro qualquer indivíduo que dela queira tirar proveito. [14]

Interessa fazer aqui um paralelo para nos posicionarmos, com base em exemplos reais e atuais, acerca da questão dicotómica que estamos a

13. DELMAR, A. et al. **Notes from the Underdog: Agriculture for Subsistence in Porto**. 1. ed. Leipzig: Spector Books, 2021. *post scriptum*

14. *Idem., post scriptum*

Fig. 58. Fotografia no parque de estacionamento da Faculdade de Arquitetura onde se inicia o percurso para aceder à horta.
fonte: Fotografia do autor, 2023

abordar. Se analisarmos os exemplos (hortas) acima, observamos que, independentemente das suas diversidades, todos elas sobrevivem com base na agricultura, como já foi referido. Partindo do pressuposto que o *mundo rural* se caracterizou pelos três pilares já descritos no decorrer do trabalho - economia, cultura e paisagem, a questão que se coloca é:

Faz sentido subjugarmos as hortas ao mundo rural?

-Praticamente todos os utilizadores têm outra profissão para além dos trabalhos na horta e, apesar da horta ser uma grande ajuda financeira, não é o meio de subsistência de nenhuma das pessoas;
-Por último, a paisagem, que será o resultado da soma dos outros dois pilares (economia + cultura), nada mais é do que uma mescla, tal como podemos observar na imagem exemplo abaixo, do Porto:

Fig. 59. Imagem aérea da zona do Porto com identificação da horta em estudo - Horta do Sr. João.
fonte: Google Earth

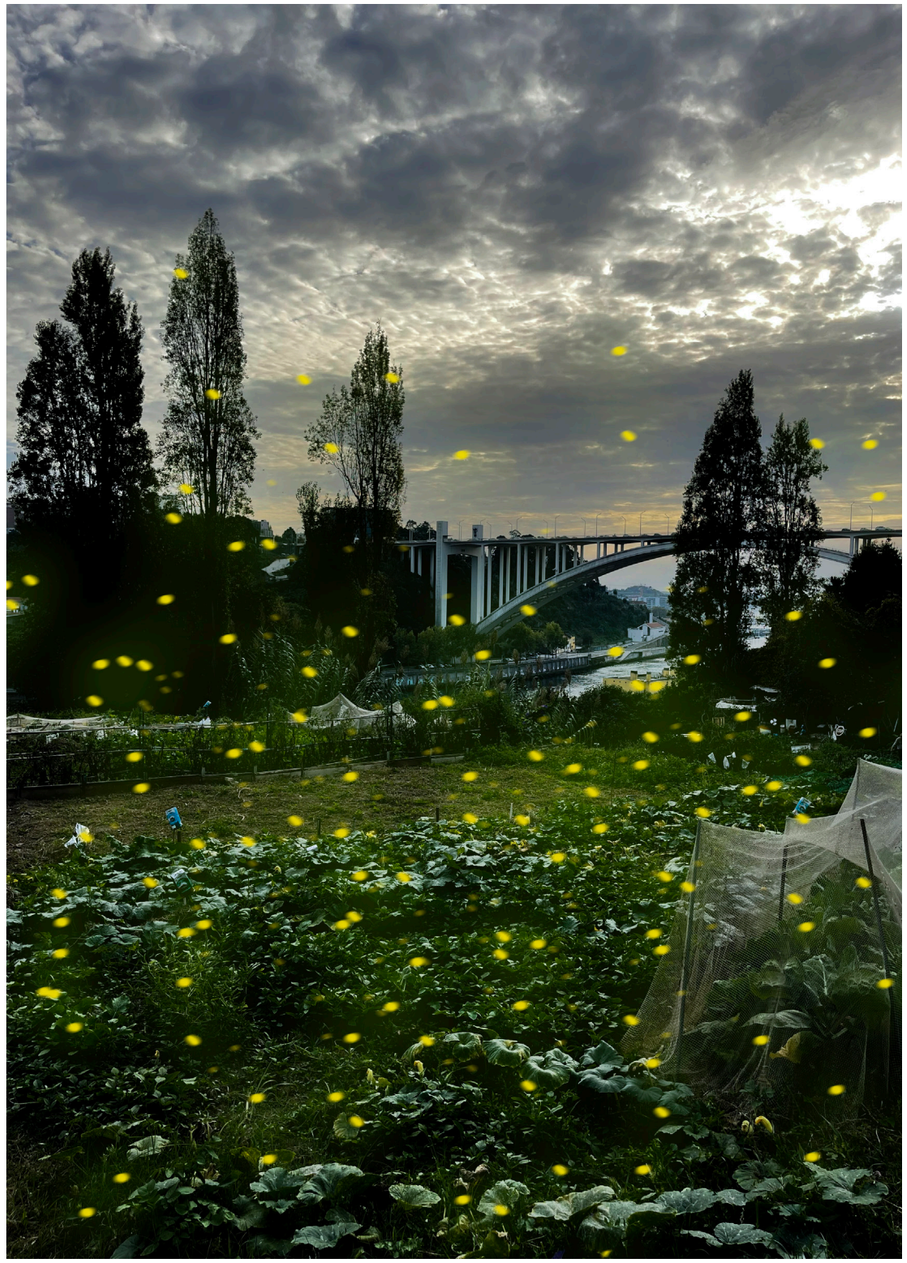


Fig. 60. Fotomontagem do espaço da horta com vista para a Ponte da Arrábida, restaurada a *"dança dos pirilampos"*.
fonte: Fotografia e edição do autor, 2023

explorar *o contexto*

Hortas espontâneas

Importa, a partir de agora, aprofundar o temas das hortas sem qualquer apoio ou financiamento de câmaras municipais ou de outras instituições e, por isso, daqui em diante, tentarei dirigir o discurso para as hortas de apropriação espontânea, mais especificamente, a horta do Sr. João - o nosso laboratório de projeto. Deste modo, o próximo capítulo navega por um espaço em constante evolução, por um terreno em adaptação, por sementes a brotar, por pessoas distintas com passados marcantes, por vontades vigorosas, por uma comunidade. Importa compreender que tudo isto está intrinsecamente ligado à arte da agricultura que, no exemplo em estudo, ganhou o seu propósito no terreno à beira da Faculdade de Arquitectura do Porto.

Joaquim Moreno e Yehuda Safran, talvez de uma forma nostálgica, escrevem o seguinte em relação às hortas *de "formalidade informal"*:

"Porquê insistir em chamar informais a estes pequenos paraísos? Não conseguimos ver as suas portas? Os seus limites? As fileiras de culturas bem plantadas? Os barracões onde as ferramentas são mantidas em segurança? Os regos e a água encanada e distribuída? O solo perfeitamente mondado? (...)". "Estes hortelãos revelam-nos as palavras que nós, como sociedade, estamos a apagar do léxico" [15] e, por isso, *"É de nosso dever louvá-los (...) , é nosso o dever do testemunho que restaurará a dança dos pirilampos"*. [16]

Por isto mesmo, o interesse do estudo que se segue é enaltecer a importância que estas pessoas e este tipo de espaços poderá ter na construção da nossa sociedade. Na construção da nossa individualidade. Na construção de uma comunidade.

115 DELMAR, A. et al. **Notes from the Underdog: Agriculture for Subsistence in Porto**. 1. ed. Leipzig: Spector Books, 2021. *post scriptum*

16. *Idem., prefácio*

Fig. 61. Fotografia aérea da horta em estudo e identificação da envolvente. Lado Sudoeste.

fonte: Fotografia e edição do autor, 2022

explorar
o laboratório de projeto

O caso de estudo, designado no decorrer do trabalho por ***"laboratório de projeto"***, ***"horta do Sr. João"*** ou ***"horta da FAUP"*** é uma horta de ocupação espontânea - horta sem apoio financeiro, gerida pelas próprias pessoas que dela usufruem - situada no centro urbano do Porto, mais concretamente no terreno identificado, a sul da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. É delimitada pelo bairro da Boa Viagem, pela calçada da Arrábida e pela estrada Via Panorâmica.

Grande parte do terreno pertence à Faculdade de Arquitetura e encontra-se classificado, pelo Plano Direto Municipal do Porto, como *"Área verde de proteção e enquadramento"* [17] e a permanência da horta é possível com base num acordo tácito [18] de manutenção entre o Sr. João (e os restantes intervenientes) e a Faculdade de Arquitetura.

17. Artigo 17.º - Área verde de proteção e enquadramento;
A área verde de proteção e enquadramento é constituída por espaços ocupados por vegetação natural ou plantada, dominantemente sujeitos ao regime da REN, nos quais a função de enquadramento paisagístico e de proteção dos recursos naturais é privilegiada face a outros usos.

18. *Tácito* - acordo constituído através do uso da palavra e da confiança entre as partes.

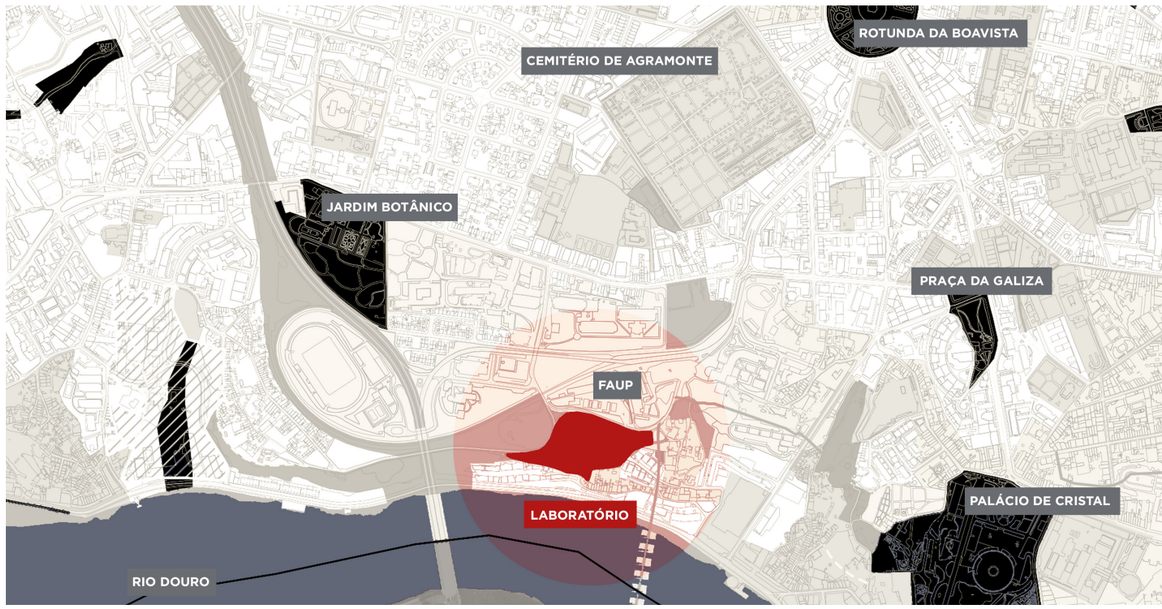


Fig. 62. Identificação do Laboratório de Projeto, Horta do Sr. João ou Horta da FAUP.

fonte: Mapa PDM, editado pelo autor

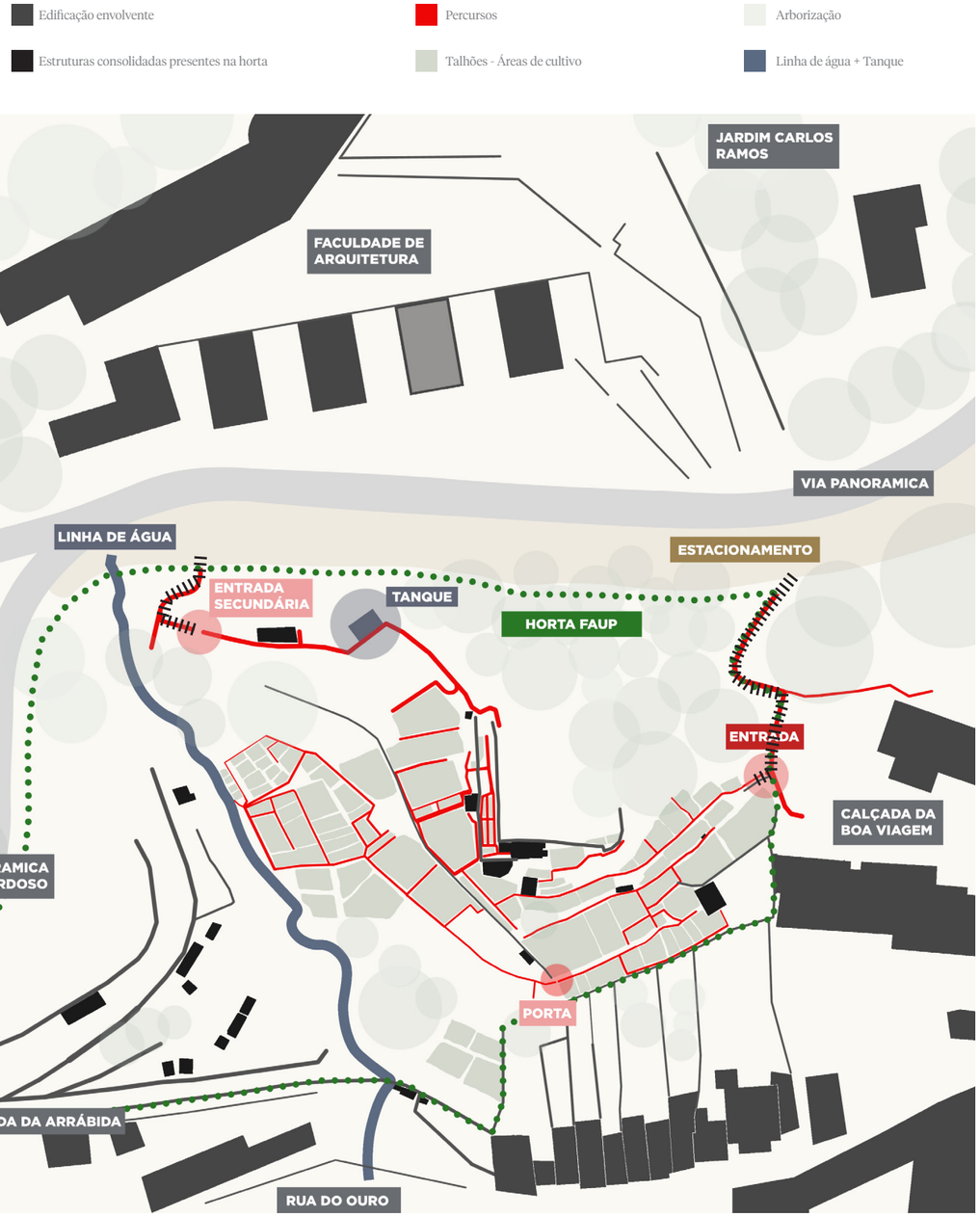


Fig. 63. Planta de implantação da horta do Sr. João com identificação da envolvente, dos acessos, socalcos, percursos, talhões, estruturas, linha de água e árvores.

fonte: Desenho de implantação da horta, desenvolvido pelo autor

A área total do terreno identificado é de, aproximadamente, 15 000 metros quadrados, sendo que a área onde se desenvolve a horta e as suas práticas tem cerca de 8 000 metros quadrados.

Acessos

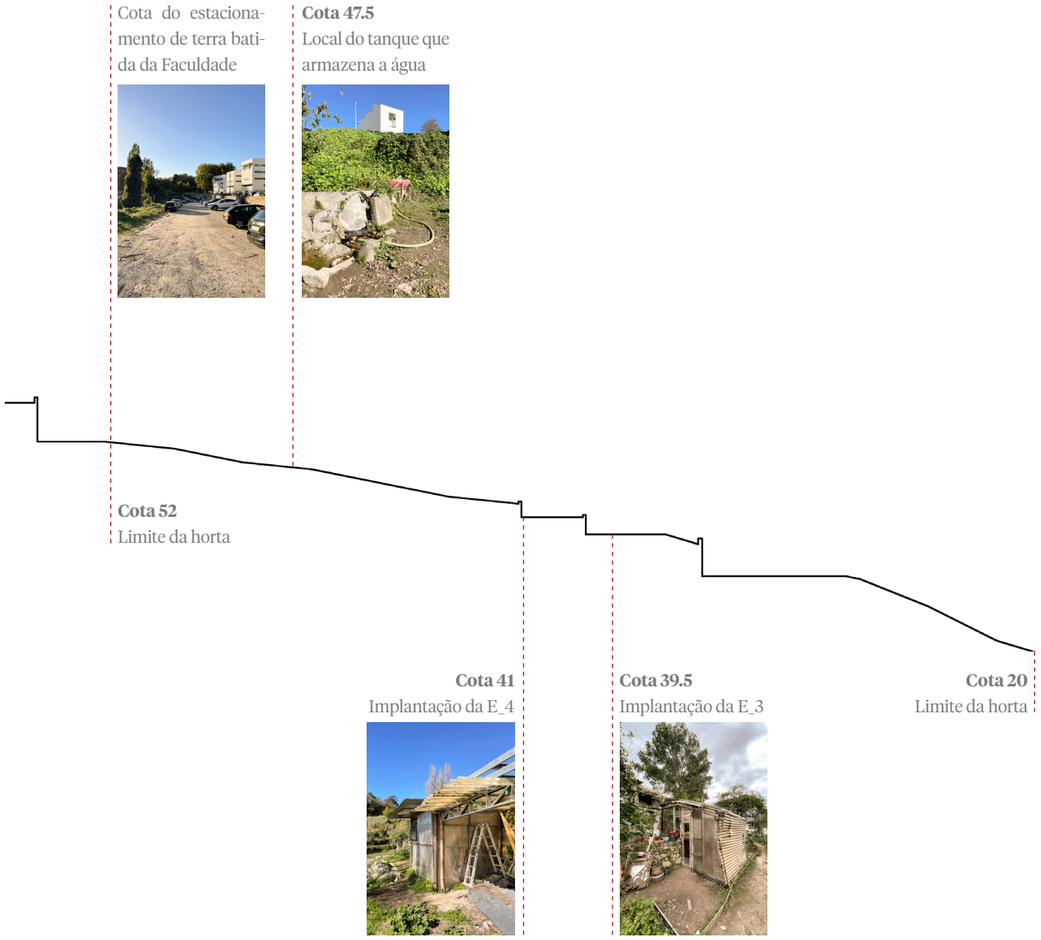
O acesso à porta principal da horta (entrada) - porta com fecho por atravessamento de tábuas e ferros que dispensa chave [19] - pode ser feito através de uma promenade com origem no estacionamento de terra batida, em frente à Faculdade. Este percurso caracteriza-se por uma grande escadaria, identificada pela sua guarda metálica vermelha e pelos degraus pouco consistentes que, com diversas orientações na descida, vão apresentando ao utilizador diferentes perspetivas do rio, da Ponte da Arrábida, de Gaia e da encosta onde está implantada a horta, até chegarmos a um patamar a cota intermédia, onde está localizada a porta.

Ainda pela mesma porta, o acesso também pode ser feito através da calçada da Boa Viagem; Existe também outra entrada, um acesso alternativo possível de aceder através do estacionamento da Faculdade, contudo é de mais difícil circulação pela irregularidade do terreno, tornando-se, por isso, pouco usado.

19. DELMAR, A. et al. **Notes from the Underdog: Agriculture for Subsistence in Porto**. 1. ed. Leipzig: Spector Books, 2021, p. 53.

Fig. 64-68. Promenade de acesso à horta com vista sobre a Ponte, sobre o Douro e sobre Gaia, até chegarmos à porta de entrada.

fonte: Fotografia do autor, 2023



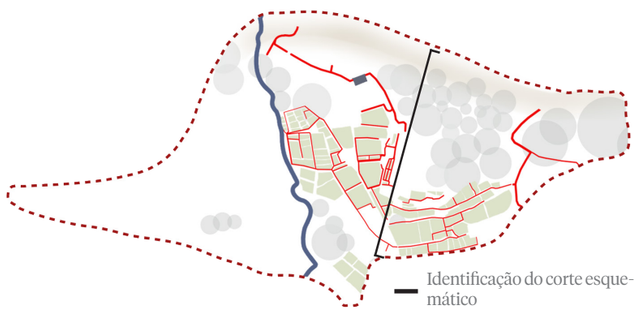


Fig. 69. Corte esquemático do terreno com relação entre a pendente e os socalcos onde estão implantadas as hortas e as estruturas.
fonte: Fotografia e corte desenvolvido pelo autor, 2023

Talhões

Tal como nos exemplos de hortas espontâneas acima apresentados, é difícil, neste tipo de apropriações agrícolas, definir com precisão o número de talhões pois a organização dos mesmos é consequência do espaço existente. Em alguns casos, dependendo do alimento, plantam-se sementes sem grande critério espacial, desde que não comprometam o funcionamento da própria horta. Por exemplo, *"os espargos selvagens crescem facilmente em qualquer sítio e como não ocupam muito espaço quando crescem, plantamos em vários sítios aqui à beira das hortas"* [20], bem como acontece com outros alimentos e, por isso mesmo, torna-se complexa ou até impossível a quantificação do número de talhões disponíveis para cultivo - tudo pode servir para cultivar. Outro motivo que torna esta quantificação praticamente impossível é o facto dos talhões *"de hoje"* não serem os *"talhões de amanhã"* graças à multiplicidade de opções, variedades de alimentos e técnicas de cultivo. Na planta esquemática apresentada é possível quantificar os talhões existentes pois o critério para a sua representação teve que ver com a identificação dos talhões formalmente delimitados no momento da fotografia aérea.

20. *Conversas com o Sr. João*

Topografia . socalcos, muros e percursos

> *"Quando os rolos de fumaça branca das neblinas matinais do rio deixam passar os primeiros raios dum Sol ardoso, as encostas já não são simples encostas de elevações imponentes: tabuleiros sucessivos de verdura, sustidos por muros de pequenas pedras, dão conta duma obra paciente, persistente e hercúlea, a que os olhos nunca se acostumarão, porque a sensação de respeito persistirá com o hábito."* [21]

21. PORTUGUESES, A. D. A. **Arquitectura Popular em Portugal**. 3. ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 1988. p. 188.

Tal como a paisagem duriense, a paisagem da nossa horta representa um esforço humano na apropriação e organização de um terreno de for-

Fig. 70. Imagem da década de 60 com identificação do terreno onde está, hoje, implantada a horta, antes da construção da Faculdade de Arquitectura.

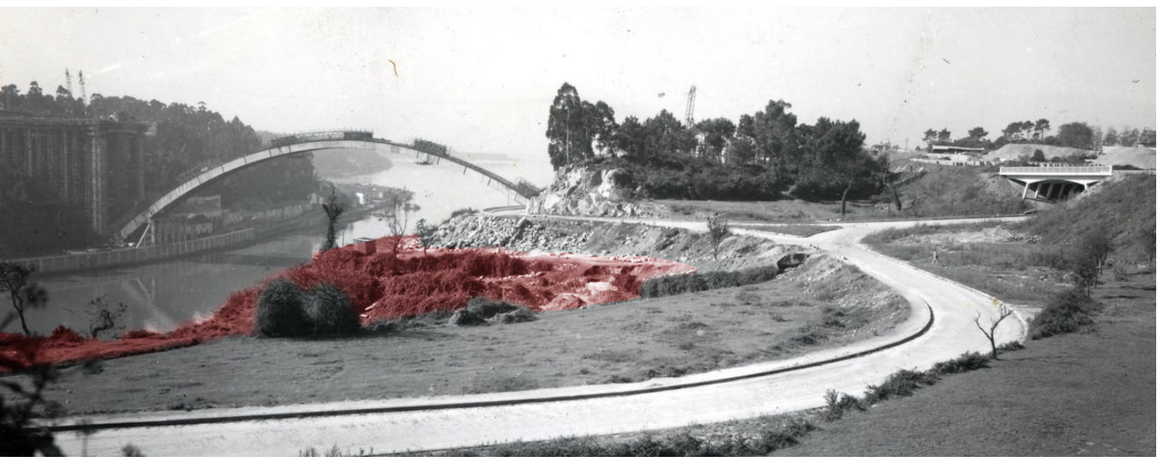


Fig. 71. Imagem da década de 60 com identificação do terreno onde está, hoje, implantada a horta, antes da construção da Faculdade de Arquitectura.

fonte: Imagem da década de 60 - https://gisaweb.cm-porto.pt/places/2133/

ma disciplinada contudo, ao contrário da paisagem atual do Douro, estes socalcos são organizados sem qualquer recurso a máquinas, fruto da necessidade, do espaço e das ferramentas possíveis. Representa, por isso, *"o esforço sobre-humano, que sensorialmente se traduz nesta obra-prima colectiva, uma paisagem de autor anónimo."* [22]

22. REBOLO, Sebastião. **Da Estética à Técnica. A casa, a cozinha e a ruína num projeto para o Douro**: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto., 2021. p. 71.

Como é possível observar nas fotografias que identificam o terreno entre os anos de 1960-1970, a sua configuração geométrica já seguia uma organização de muros e socalcos resultantes da topografia sinuosa e irregular existente. Este terreno, por ser classificado como "*Área verde de proteção e enquadramento*" foi sempre utilizado para produção agrícola por agricultores portuenses [23]. Com o passar do tempo os *"jardineiros da paisagem"* foram modelando a terra consoante as novas necessidades de produção.

23. *Conversas com o Sr. João*

Atualmente, estes socalcos em pedra desenham plataformas acessíveis, a diferentes cotas que permitem organizar percursos de fácil circulação para ser possível chegar a praticamente todas as zonas da horta, bem como desenvolver áreas de plantação a cotas regulares para maior facilidade dos trabalhos.

O ponto principal nesta abordagem, com um carácter mais técnico, foi dar ao leitor uma primeira ideia acerca do terreno e da sua história com factos observáveis através de plantas, desenhos e imagens.

A conversa que complementa este capítulo, em anexo, conta a história do impulsionador e principal utilizador da horta, sendo que, através um *"tom romântico"*, vamos perceber a horta aos olhos de quem a vê - o Sr. João.

Fig. 72. Imagem aérea da zona da horta em estudo.
fonte: Fotografia do autor, 2022

Fig. 73. Imagem aérea da zona da horta em estudo, com identificação dos socalcos existentes que permitem criar plataformas acessíveis para a produção agrícola.

Fig. 74. Imagem aérea da zona da horta em estudo, com identificação percursos identificáveis que permitem a circulação no espaço da horta, bem como organizam e limitam a área de cada talhão.

Fig. 75. Imagem aérea da zona da horta em estudo, com identificação dos talhões onde se cultiva. Estas áreas estão em constante alteração pois variam conforme o tipo de alimento que se planta e o espaço disponível.

fonte: Fotografia e edição do autor, 2023

Fig. 76. Imagem aérea da zona da horta em estudo, com identificação da linha de água existente e do tanque desenvolvido pelo Sr. João que faz chegar água a praticamente toda a horta.

Fig. 77. Imagem aérea da zona da horta em estudo, com identificação das estruturas existentes, desenvolvidas pelos utilizadores da horta. Estas estruturas sofrem regularmente alterações por diversos motivos, e, por isso, o que é hoje pode não ser amanhã; Alguns dos motivos são a necessidade de manutenção e, por isso, utilização de novos materiais que fazem com que se altere a sua forma ou, por exemplo, a necessidade de mais espaço na estrutura.

Fig. 77. Imagem aérea da zona da horta em estudo, com identificação das árvores existentes, mapeadas através da mesma fotografia aérea.

fonte: Fotografia e edição do autor, 2023

.4

esclarecer, imaginar

Fig. 77. Robô opera numa instalação agrícola vertical em recinto fechado, controlado através de luz artificial e com adubos químicos para controlo de qualidade dos produtos, na Holanda

fonte: https://www.countrylife.co.uk/news/farmings-greener-future-mean-return-tradition-new-technology-heralds-end-sustainable-agriculture-know-208162

Fig. 78. Sr. Pinto a atar os tomateiros a uma estrutura de madeira para controlar o seu crescimento vertical, a céu aberto, na horta do Sr. João.

fonte: Fotografia do autor, 2021

esclarecer, imaginar

considerações finais

"Ella está en el horizonte – dice Fernando Birri -. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. Para qué sirve la utopia? Para eso sirve: para caminar." [1]

1. GALEANO, Eduardo (com gravuras de J. Borges). **Las Palabras Andantes**. Buenos Aires: Eduardo Galeano/Catálogos SRL, 1993, p. 230.

Acredito que o ponto de partida para começar a trilhar o caminho é entender a fragilidade que este tema acarreta e, por isso mesmo, exige um raciocínio desprovido de ideias pré formalizadas. É necessário olhar e interpretar, desconstruindo o que nos rodeia ao contrário de tentarmos, imediatamente, caracterizá-lo com base em algo que conhecemos.

Superar a dicotomia

A perda da dicotomia entre o rural e o urbano é uma realidade objetiva, reflexo da crescente complexidade dos territórios e sociedades do mundo atual. À medida que o mundo evoluiu, as fronteiras tradicionais entre o mundo rural e o mundo urbano foram sendo cada vez menos fechadas sobre si mesmas, desintegrando-se do conceito totalizante e rígido que representavam - é fundamental compreender que a interpretação destes dois mundos não deve mais ser mais classificada em termos binários - o urbano emancipou-se da cidade, caracterizando-se agora por um processo desconfinado e instável [2] e o rural tanto serve para classificar o vaso tomateiro da nossa varanda, como os hectares de agricultura tecnológica que produzem para o mundo global - organizado ou confuso, financiado ou desenvolvido naturalmente, em grande ou pequena escala, tudo acaba por caber na palavra rural.

2. DOMINGUES, Álvaro. **A rua da estrada**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2009, p. 166

É também fundamental entender que as principais questões dicotómi-

Fig. 79. Maquete da *Broadacre City,* cidade-ideal desenvolvida por Frank Lloyd Whright
fonte: https://arquiscopio.com/archivo/2013/08/10/broadacre-city/?lang=pt

esclarecer, imaginar

cas têm que ver com assuntos administrativos que têm a necessidade burocrática de criar perímetros e definir áreas para aplicar leis, definir regras e impor ordens. Desta forma, parece-me que grande parte do problema surge quando se tenta classificar uma área do território com base no tipo de apropriação humana (ou não) que ali existe, subjugando-a a representações formalizadas, sem que haja uma análise concreta ao espaço - se há uma fábrica é urbano, se há uma ovelha é rural.

Atualmente, com base nos exemplos apresentados, percebemos que é difícil classificar o território com base na sua configuração espacial, social e económica pois compreendemos que diversas atividades, formas de estar e de viver e usos de solo, que antes estavam conotados com o rural, com o urbano ou com outra qualquer coisa, podem coexistir na enorme diversidade que caracteriza atualmente os contextos de urbanização - e o contrário também se aplica.

Em 1958, Frank Lloyd Whright apresenta , em maquete, o seu modelo de cidade ideal - *Broadacre City.* É possível observar a agregação de atividades como *indústria, agricultura, supermercados, espaços de lazer e recreação, arenas, universidade, igreja, clínicas, aeroporto, espaços comuns, zoo, etc*. LLoyd Whright defendia a descentralização da indústria e *Broadacre City* representaria novo tipo um aglomerado na qual não existiria mais uma separação física entre o campo e a cidade, onde cada um teria o seu pedaço de terra para produção e todas estas atividades funcionariam em conjunto. [3]

Este caso, como tantos outros, torna-se curioso e causa alguma estranheza porque nos faz questionar como é que uma proposta dos anos 60, vista como uma utopia, conseguiu interpretar e resolver os problemas territoriais de forma mais real, direta e contínua, com base numa análise abrangente e alargada, ao contrário de algumas soluções atuais que abordam o espaço de forma pontual e individual.

3. BLAKE, Peter. **Os grandes arquitetos: Frank Lloyd Wright e o domínio do espaço**. Rio de Janeiro, Record, 1966, p. 112

É ainda importante sublinhar que a romantização da ruralidade resume o contexto no seu momento atual, sendo que cada caso é um caso, podendo e devendo ser definido literalmente como é, sem necessidades de o caracterizar ou subjugar ao *urbano ou rural*, ou *campo ou cidade*, ou outra coisa qualquer. Mesmo os pseudos termos como *"hortas urbanas"*, *"edifício rural"*, *"hotel rural"*, entre outros muito frequentes, têm, atualmente, que ver com questões exclusivamente de marketing, que em nada acrescentam e, por vezes, até confundem o seu entendimento. [4]

Sabemos que o registo da natureza utópica destaca a crise, e embora possa parecer um escape fantasioso à realidade, pode, na verdade, transportar uma vontade de transformação social e um ideal de futuro que ainda não tenha sido completamente compreendido. De facto, o pensamento utópico é a fronteira que nos permite trilhar novos caminhos e dar sentido a um imaginário.

Por isto mesmo, ainda que possa parecer utópico, tal como a abordagem de Lloyd Wright, é importante que este discurso continue a ser debatido pois é essencial que as políticas e as estratégias de planeamento urbano, do exercício da arquitetura e da própria geografia tenham esta realidade em consideração e adotem abordagens flexíveis e integradas de forma a responder aos problemas reais da sociedade e do seu território. Segundo Álvaro Domingues, o espetro de fundamentos morais, políticos ou éticos que a utopia carrega pode constituir uma verdadeira confusão de ilusões para chegar a lugar nenhum, contudo serve *"para continuarmos a caminhar"*. [5]

> *"Hoje, assombrados por um presente demasiado instável e por um futuro opaco ou ameaçador, os tempos correm favoráveis à fertilidade do pensamento utópico enquanto estratégia para estimular o pensamento crítico, vislumbrar a transformação e a possibilidade de abertura de novas possibilidades e horizontes."* [6]

4. DOMINGUES, Álvaro. **"Lugar, Memória e Utopia."** SuperNova, nº2, Porto: Escola Artística Soares dos Reis / LAHB / Edições Afrontamento, 2023, pp. 6-10

5. GALEANO, Eduardo (com gravuras de J. Borges). **Las Palabras Andantes**. Buenos Aires: Eduardo Galeano/Catálogos SRL, 1993, p. 230

6. DELMAR, A. et al. **Notes from the Underdog: Agriculture for Subsistence in Porto**. 1. ed. Leipzig: Spector Books, 2021. *post scriptum*

O Laboratório de Projeto

O *Laboratório de Projeto* surge como um exemplo de um espaço de produção agrícola que antes pertencia ao *mundo rural* e que, atualmente, se insere e sobrevive em território urbanizado, em contexto densamente edificado - que em nada representa o *mundo rural*. Este, é mais um exemplo da infinidade de coisas que existe, hoje, em território urbanizado. É também a prova de que espaços como este sobrevivem em variadíssimos contextos sem estarem associados ao que quer que seja - a horta não precisa do *"rural nem do urbano"* para sobreviver em contexto densificado, ou deserto - basta água e um *"Sr. João"*.

Se no início achava que a horta do Sr. João era só mais uma horta de iniciativa espontânea, com o desenvolvimento do trabalho foi-se percebendo a profundidade da sua história, das suas pessoas, das suas relações, dos seus comportamentos, das formas de fazer, dos ensinamentos e dos diferentes modos de vida que este tipo de hortas promove. Desde a descoberta da mina da água e a sua solução, à gestão das pessoas e do próprio espaço, podemos afirmar que o Sr. João é tudo o que foi descrito - *"é corredor, é ciclista, é pai, é marido, é engenheiro, é agrónomo, é arquiteto, é sociólogo, e funcionário na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto"* - e muito mais.

Resumindo, nenhuma horta é só *"uma horta"*, e se em vez da horta do Sr. João tivesse sido estudada outra horta qualquer, iríamos encontrar outros *"Sr.s Joões"*, outras histórias, outras pessoas, outras relações, outros modos de vida, outros modos de fazer e outras comunidades.

E por isso, tal como afirma Joaquim Moreno, *"é nosso o dever do testemunho que restaurará a dança dos pirilampos", "é de nosso dever louvá-los aos nossos concidadãos"*. [7] Houve, por isso, o interesse em contar a história desta horta por todo o contexto que lhe está intrínseco, para que fi-

7. DELMAR, A. et al. **Notes from the Underdog: Agriculture for Subsistence in Porto**. 1. ed. Leipzig: Spector Books, 2021. *prefácio*

Fig. 80. A queda de uma árvore na horta do Sr. João.
fonte: Fotografia do autor, 2023

esclarecer, imaginar

que documentado a existência deste espaço com as suas características e pessoas específicas. Talvez este seria, portanto, um trabalho infinito porque tal como o território e a sociedade, estes espaços vão estar sempre em evolução e vão sempre fazer parte do território urbanizado.

Seguindo Ernst Friedrich Shumacher, deveríamos defender e promover a economia e o desenvolvimento local, proporcionando autonomia às comunidades na forma como adquirem parte dos seus bens essenciais. Através de uma lógica baseada no *"small is beautifull"*, deveríamos focar o nosso interesse na economia da pequena escala e na *"tecnologia intermediária"* - sistema que envolve o uso de tecnologias apropriadas, adaptáveis às condições locais e concebida para servir a pessoa humana, ao contrário das super tecnológicas.

> *"(...) Chamo-lhe tecnologia intermediária para significar que é muito superior à tecnologia primitiva de eras passadas, mas, ao mesmo tempo muito mais simples, mais barata e mais livre do que a super tecnologia dos ricos"* [8]

Estes espaços são, sem dúvida, locais onde se desenvolvem comunidades, que prezam pela saúde de quem os utiliza e que permitem com que espaços negligenciados ou, neste caso, sob a classificação de "*Área verde de proteção e enquadramento*" tenham funções produtivas e se tornem espaços cuidados, com regular manutenção, permitindo a criação de pequenos pulmões à urbanização.

Por fim, esta dissertação não aspira fixar soluções concretas, mas pelo menos contribuir com uma abordagem aos sistemas, relações e processos que se estabelecem nos lugares comuns do território contemporâneo de forma a compreendê-los um pouco melhor e, acima de tudo, representando e interpretando a realidade.

8. SCHUMACHER, Ernst Friedrich. **Small is beautifull: a study of economics as if people mattered**. 1. ed. London: Blond and Briggs, 1973.

referências bibliográficas

referências bibliográficas

livros, dissertações, revistas e sites

AGROTEC. **Alqueva e Agroindústria** . Disponível em: http://www.agrotec.pt/noticias/alqueva-e-agroindostria-uma-nova-terra-de-oportunidades/.

ALQUEVA. **20 anos de Alqueva.** Disponível em: https://www.edia.pt/pt/20-anos-de-alqueva-8-de-fevereiro-de-2022/.

ALQUEVA. **O que é o Alqueva?.** Disponível em: https://www.edia.pt/pt/o-que-e-o-alqueva/ .

ANPC. **Manifesto pelo mundo Rural**. Disponível em: https://anpc.pt/manifesto-pelo-mundo-rural-foi-apresentado/.

ASCHER, François. **Novos Princípios do Urbanismo seguido de : Novos Compromissos Urbanos. Um Léxico.** 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

BLAKE, Peter. **Os grandes arquitetos: Frank Lloyd Wright e o domínio do espaço**. Rio de Janeiro, Record, 1966, p. 112

BRENNER, Neil. **Theses on Urbanization**. Public Culture, Chicago, v. 25, n. 1, p. 85-114, out./2013.

CALIX, Teresa. **As morfologias da Cidade Contemporânea: Estruturas e Texturas. Uma matriz interpretativa da forma urbana. O sistema urbano do Porto.** Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. 2013.

CARVALHO, J. R. D. **Trás-Os-Montes, o Nordeste.** 2. ed. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2017.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: Utopias e realidades, uma antologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CM PORTO. **Horta da Condomina.** Disponível em: https://ambiente.cm-porto.pt/hortas/horta-da-condominia.

CM PORTO. **Horta de Vilar**. Disponível em: https://ambiente.cm-porto.pt/hortas/horta-de-vilar.

CULTURA. **Instalações Artísticas** . Disponível em: https://www.culturagenial.com/instalacao-artistica/.

DAMÁSIO, António. **O Livro da Consciência: A construção do Cérebro Consciente.** 3. ed. Mem Martins: Temas e Debates, 2010. p. 218.

DELMAR, A. et al. **Notes from the Underdog: Agriculture for Subsistence in Porto**. 1. ed. Leipzig: Spector Books, 2021. livro + conteúdo fotográfico

DOMINGUES, Álvaro. **A rua da estrada.** 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2009.

DOMINGUES, Álvaro. **Vida no Campo**. 1. ed. Porto: Dafne Editora, 2011.

DOMINGUES, Álvaro. **A mais Excellente Orta que no Mundo se Posa Achar.** Revista Interact, nº1, 2017.

DONADIEU, Pierre. **Campagne urbane: Una nuova proposta di paesaggio della città**. 2. ed: Collana: Virgola, 2013.

ELDEN, Stuart. **The Birth Of Territory**. 2. ed. Chicago: THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS, 2013.

EXPRESSO. **Frutos da Circunstância**. Disponível em: https://expresso.pt/sociedade/2015-12-12-Frutos-da-circunstancia.

FAO. **Food and Agriculture**. Disponível em: https://www.fao.org/3/ca6030en/ca6030en.pdf.

FERRÃO, João. **Relações entre mundo rural e mundo urbano. Evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro**, Santiago, v. 26, n. 78, p. 123-130, set./2000.

GALEANO, Eduardo (com gravuras de J. Borges). **Las Palabras Andantes**. Buenos Aires. Catálogos SRL, 1993, p. 230.

GOOGLE. **Feira de Chaves**. Disponível em: http://c-geneal.over-blog.com/article-feiras-antigas-a-feira-do-gado-49563187.html.

HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres Sociaux de la Mémoire**. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

HORTA DA BANANEIRA. **Horta da Bananeira**. Disponível em: https://hortadabananeira.hotglue.me/.

JUAN, Marta Labastida. **El Paisaje Próximo. Fragmentos del Vale do Ave V.II**: Tese de Doutoramento, Escola de Arquitetura, Univerdade do Minho . 1. ed. [S.l.: s.n.], 2013. p. 85-86.

LEFEBVR, Henri. **A produção do espaço**: Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

LIPOR. **Projeto das Hortas Urbanas**. Disponível em: https://www.lipor.pt/pt/sensibilizar/hortas-urbanas/o-projeto-de-hortas-urbanas/.

LOPES, Teresa Ribeiro. **Compreender e intervir sobre os espaços vazios em contexto (sub) urbano: uma análise sobre Fiães, Santa Maria da Feira** : Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto. 1. ed. , 2019.

LUÍS, Agustina Bessa. **O Príncipio da Incerteza**. 2. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2002. p. 99.

PORTAL DA SAÚDE. **Parque José Avides Moreira**. Disponível em: https://portaldasaude.scmp.pt/pt-pt/noticias/parque-jose-avides-moreira-e-exemplo-de-boas-praticas-ambientais.

PORTAS, N. et al. **Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades**. 1. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian , 2003. p. 43.

PORTUGUESES, A. D. A. **Arquitectura Popular em Portugal**. 3. ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 1988. p. 188.

referências bibliográficas

RANGE, M. et al. **Representações, Desenhos e Imagens do Território**. 3. ed. São Paulo: i2ADS, GEGOT, CITTA, 2021. p. 65-67.

REBOLO, Sebastião. Da Estética à Técnica. **A casa, a cozinha e a ruína num projeto para o Douro**: Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto. 1. ed., 2021. p. 71.

SCHUMACHER, Ernst Friedrich. **Small is beautifull: a study of economics as if people mattered**. 1. ed. London: Blond and Briggs, 1973.

SILVA, F. B. E; MARQUES, Teresa Sá; DELGADO, Carlos. **Processos de expansão urbana e mudanças na paisagem: ensaio metodológico (1950-2000)**. Revista da Faculdade de Letras , Universidade do Porto, v. 1, n. 2012, p. 161-183, nov./2012.

SILVA, João Santos, et al. **Uma aproximação quantitativa à disponibilidade de subprodutos**, 2020

SOUSA, Rute; SALES, Desidrio. **Urban Agriculture: The Allotment Gardens as Structures of Urban Sustainability. Advances in Landscape Architecture**. 1. ed. [S.l.]: InTech, 2013. p. 18-20.

STRAUSS, Claude Levi. **O Pensamento Selvagem**. 8. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2008. p. 34-37.

TEITZ, Michael B.. **Melvin Webber and the "Nonplace Urban Realm"**. ACCESS MAGAZINE, California, v. 1, n. 1, p. 29-34, nov./2006.

TEIXEIRA, Flávia, BOITEUX, Leonardo, CLEMENTE. **Produção de Tomate para Processamento Industrial**. Embrapa, 2012, Brasília

TRAVASSO, Nuno; DOMINGUES, Álvaro. **Território - Casa Comum: Morfologias e dinâmicas do território.** 1. ed. Vila Nova de Famalicão: Circo de Ideias, 2015.

URBANISME. **The city as an Egg**. Disponível em: https://urbanisme.video.blog/2019/10/27/the-city-as-an-egg/.

VENTURI, Robert. **Complexity and Contradiction in Architecture** . 2. ed. New York: The Museum of Modern Art, 1977. p. 16.

YOUTUBE. **A cidade ainda existe?** | Álvaro Domingues | TEDxMatosinhos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nvhv3hR2Nw8&ab_channel=TEDxTalks.

YOUTUBE. **Barragem e Regadio do Alqueva**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1fkXyTCWGnk&ab_channel=EdiaAlqueva.

YOUTUBE. **Território: Casa Comum 1 - Sessão de abertura**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QTXFgEdj4i8&ab_channel=NunoTravasso.

ZUMTHOR, Peter. **Pensar a Arquitectura**. 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. p. 7.

.5

anexos

Fig. 1. Sr. João no espaço da horta.

fonte: Fotografia do autor, 2023

explorar *a horta do Sr. João*

explorar

conversas _ a horta do sr. joão

Quem é o Sr. João

Natural de Freixo de Espada à Cinta, João é corredor, é ciclista, é pai, é marido, *é engenheiro, é agrónomo, é arquiteto, é sociólogo*, e funcionário na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto há cerca de trinta anos.

Construção da Faculdade

Quando iniciou o seu trabalho na Faculdade de Arquitectura, na fase final da construção, ainda não existiam aulas nas chamadas torres, ainda em betão aparente. Os muros exteriores estavam a ser construídos, os serviços ainda funcionavam nas Cavalariças e na casa Cor-de-Rosa, a estrada Via Panorâmica estava ainda em construção e vegetação densa vagueava sem regra pelo espaço envolvente. Estávamos, portanto, numa fase de conclusão da construção da obra, para então anunciar a abertura da tão esperada Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, projetada pelo Arquiteto Álvaro Siza.

Durante esta fase final, o Arquiteto José Salgado, vice-presidente da Faculdade de Arquitetura, encarregou o Sr. João de ajudar e orientar no que fosse necessário, desde a construção dos muros até à colocação da calçada, questionando-o sempre que houvesse qualquer dúvida ou problema. Era, portanto, um intermediário entre o Engenheiro, encarregado de obra, e o próprio Arquiteto José Salgado. O Sr. João tinha todo o consentimento para resolver e ajudar nos problemas que tivesse capacidade, caso contrário, teria que reunir e com o Arquiteto José Salgado de forma a encontrarem a melhor solução para as adversidades que surgissem.

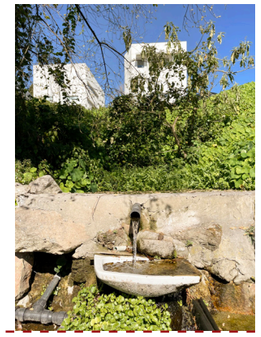
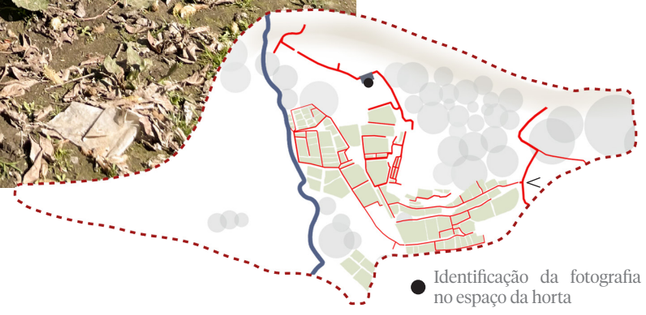


Fig. 2 e 3. Atual tanque de água que faz chegar água, através de extensores a todo o terreno.
A sua localização, à cota mais alta, permite com que com que os tubos transportem a água naturalmente, por via da gravidade.

fonte: Fotografia do autor, 2023



O estímulo [a descoberta da água]

Foi durante a construção dos alicerces para a nova estrada, a Via Panorâmica, que o Engenheiro consulta o Sr. João e explica que uma retroescavadora, durante os trabalhos, tinha rebentado uma mina de água existente.

> *"Havia água por todo o lado, e tinha de se arranjar uma solução rápida e eficaz"* [1]

Com uma grande necessidade em resolver o problema de forma pragmática, o Sr. João sugere o seguinte: *"colocar um tubo de 30 ou 40 e mandar a água para o terreno (onde está hoje a horta), tapa-se e está resolvido. Não passa saneamento aqui por isso podem fazê-lo sem problema".* [2]

E assim foi feito, sem grande alarido, claro, pois não era algo que se fi-

1. *Conversas com o Sr. João*

2. *Conversas com o Sr. João*

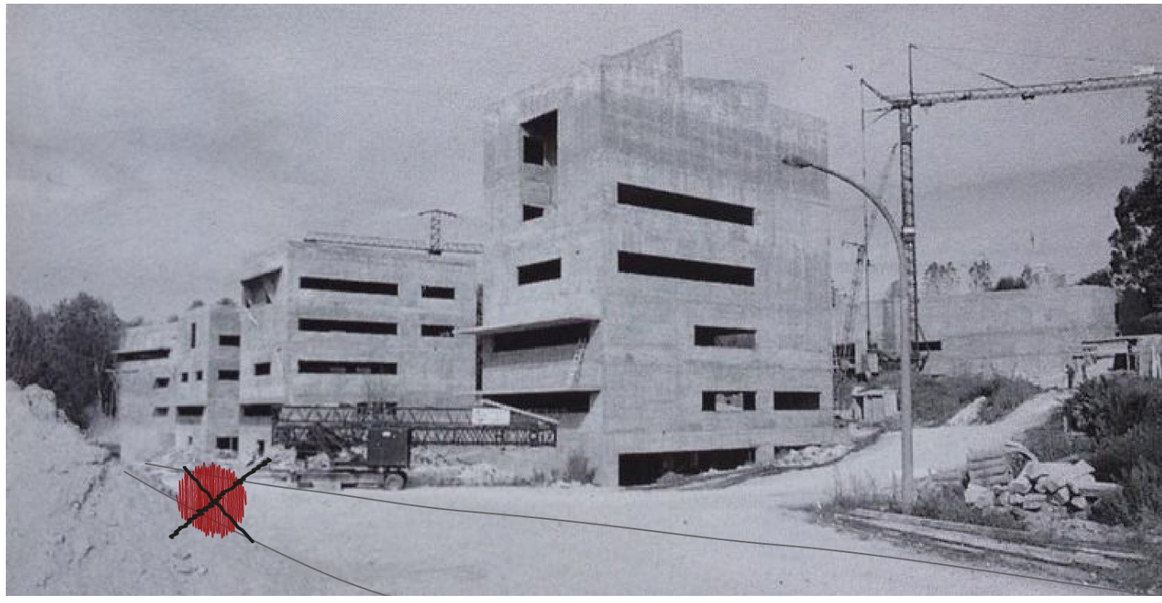


Fig. 4. Local onde a retroescavadora rebentou a mina de água e que permitiu fazer chegar o "bem imprescindível" ao terreno onde se implanta a horta, 1992.

fonte: https://sigarra.up.pt/faup/pt/album_geral.fotografia?p_id=13

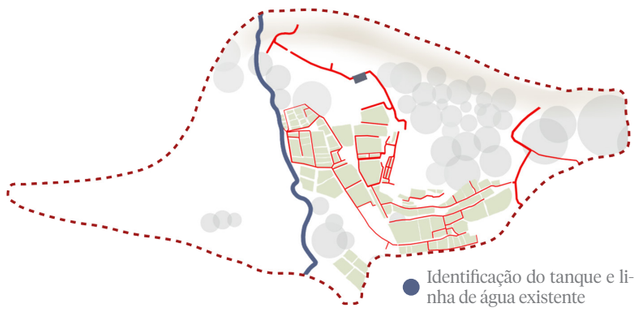
Fig. 5. Local onde se localiza o tanque de água, desenvolvido pelo Sr. João, no contexto da horta.

Fig. 6. Linha de água existente (domínio hídrico).

Fig. 7. Imagem aérea da horta do Sr. João com identificação dos dois pontos existentes de água - A linha de água e o tanque.

fonte: Fotografia do autor, 2022

fonte: Fotografias do autor, 2023



zesse questão em saber. Desta forma, inconscientemente, fez chegar o elemento mais importante para qualquer produção agrícola - a água.

> *"Haviam outras coisas para fazer, tanto a nível pessoal como profissional, e nunca pensei nessa questão, até porque a solução de mandar a água para baixo foi a forma mais simples e rápida de resolver um problema"* [3]

A noção de estímulo, segundo o seu significado etimológico, tem que ver com um agente físico, químico ou mecânico que desencadeia uma reação funcional num organismo, como também o incitamento para algo funcionar. O estímulo prepara para que algo aconteça, gerando impulsos e ações de relação com o lugar. Neste sentido, a descoberta da água representou também a descoberta de um estímulo, permitindo desenvolver um processo de transformação e reconhecimento do lugar. [4]

Como apresenta Marta Labastida, o processo de interpretação do elemento *"água"* é um agente indispensável às funções básicas do território e, ao mesmo tempo que caracteriza a sua forma, faz parte dos processos que condicionam a sua apropriação. A sua presença desencadeia um conjunto de interações e pensamentos racionais de uso, armazenamento e transporte, estimulando novas formas, geometrias, espaços e engenhos de interação com o espaço. [5]

> *"A água não só estimula a construção de engenhos (...) que permitem o aproveitamento do recurso, como também configuram o espaço e determinam as formas de assentamento e ocupação do lugar."* [6]

Embora existisse já uma linha de água, soterrada e um poço, na zona Oeste do terreno, sempre houve muito pouco fluxo sendo que a decisão de encaminhar a água descoberta para a parte Este, permitiu com que

3. *Conversas com o Sr. João*

"estímulo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2022, disponível em: https://dicionario.priberam.org/atlas [consult. 10-10-2023]

4. JUAN, Marta Labastida. **El Paisaje Próximo. Fragmentos del Vale do Ave V.II**: Tese de Doutoramento, Escola de Arquitetura, Universidade do Minho. 2013. p. 85-86.

5. *Idem.*, p. 85-86.

6. *Idem.*, p. 85.

Fig. 8. Parcela de terreno atual onde está inserido o objeto de estudo - Horta do Sr. João.
fonte: Fotografia e edição do autor, 2022

explorar *a horta do Sr. João*

toda a área de hortas, lado este e oeste, tivesse acesso total e *"infinito"* à água . Através de um conjunto de engenhos desenvolvidos pelo Sr. João - a criação de um tanque que recebe a água e armazena parte dela, bem como a utilização de tubos duplicadores, extensores e mangueiras, que se vão observando pelo terreno, consegue fazer chegar água a todo o terreno por meio da gravidade.

O terreno

Numa fase de inauguração da Faculdade, onde tudo tinha que funcionar corretamente, havia muito trabalho e nunca houve tempo para pensar nos possíveis usos daquele terreno, contudo, por este terreno fazer parte da Faculdade de Arquitetura houve, na altura, uma espécie de acordo tácito de manutenção, em que o Sr. João teria a possibilidade de *"tratar o terreno da forma que bem entendesse, desde que a sua manutenção e limpeza fosse feita com regularidade"*. [7]

7. *Conversas com o Sr. João*

Conta o Sr. João que o sedentarismo nunca fez parte da sua rotina, mas foi devido a uma lesão nas corridas que sentiu necessidade de ocupar o tempo com outras atividades que não prejudicassem a sua recuperação. Foi então nesta fase que decidiu começar a "desbravar" o mato que consumia o terreno para depois dar início a uma pequena produção para consumo próprio.

> *"As silvas eram tantas e tão grandes que me cobriam, tinham dois metros ou mais (...) mas devagarinho, com uma inchada e uma pequena foice lá se foi fazendo"* [8]

8. *Conversas com o Sr. João*

A atividade

Com um passado muito ligado à agricultura porque os seus pais sempre tiveram terrenos e viveram durante muito tempo dos produtos cultiva-

Fig. 9. Pôr do Sol na horta, com vista para o rio Douro e Ponte da Arrábida.
fonte: Fotografia do autor, 2022

dos, o Sr. João sabia que este passatempo lhe iria trazer comida fresca para a mesa. Produtos que sabe realmente de onde vêm e faz questão de referir que nunca usou nem usará fertilizantes químicos na sua produção. Ao invés utiliza, por exemplo, a própria relva cortada do terreno da Faculdade, ou restos de alimentos que já não servem para consumo.

> *"E foi assim que comecei a pequena horta nos socalcos à beira da FAUP. Eu tinha de fazer alguma coisa... Estar sentado no sofá? Esqueça, não consigo."* [9]

Entretanto, sempre que havia tempo, maioritariamente durante os fins de semana, o Sr. João dedicava-se à horta, cada vez com mais raízes, com mais talhões, com mais alimentos, com mais relações, com mais pessoas, com mais vida.

Desde então, conta o Sr. João que já não compra verdura para casa há muito tempo e que a quantidade de alimentos que produz na horta chaga-lhe perfeitamente. *"Por vezes tenho de dar para não se estragarem"*.[10]

Refere o Sr. João que antes da sua horta já existiam duas pessoas com pequenos espaços para cultivo, na zona sudoeste do terreno. Utilizavam a água do pequeno ribeiro que alimentava o tanque da calçada da Arrábida , mas ainda eram hortas pouco consolidadas.

As relações

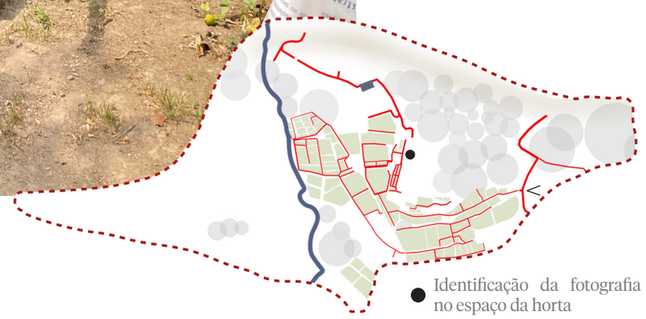
Percebemos que, atualmente, existe uma horta organizada que serve um ou vários propósitos consoante o interveniente. Percebemos também que o Sr. João é o protagonista sem nunca o ter referido e, talvez, sem o próprio saber exatamente.

Inicialmente, as pessoas que desejavam ter um espaço para cultivo

9. *Conversas com o Sr. João*

10. *Conversas com o Sr. João*

Fig. 10. Zona de convívio da horta, com mesa, cadeiras e um limoeiro ao dispor.
fonte: Fotografia do autor, 2022



questionavam o Sr. João acerca do funcionamento da horta e tudo era moderado e organizado através do diálogo e da confiança, sem contratos, sem preços, sem assinaturas - processo este que, em paralelo, com o passar do tempo e com a consistência do método, dá origem a uma comunidade - a comunidade da horta.

> *"cada pessoa tem o seu espaço, somos todos amigos, conhecemo-nos todos e também nos ajudamos todos. Sempre que é preciso alguma coisa há alguém a quem pedir que vai, de certeza, ajudar."* [11]

11. *Conversas com o Sr. João*

Há um interesse comum em tratar este espaço, pois é a casa de algumas pessoas; chegam de manhã e vão embora à noite, com vontade de voltar no dia seguinte bem cedo. As refeições são feitas na horta, com uma vista sobre o Douro e a Ponte da Arrábida. Que espaço é este, com o melhor que a Natureza nos pode dar?

Aqui, as próprias pessoas têm a responsabilidade de tratar do que é delas e conseguem criar um todo coeso, onde cada um tem e cumpre o seu papel.

> *"eu gosto daquilo bem organizado, e todos eles sabem e gostam de ter a horta limpa porque na verdade todos sabemos que o que sai daquela terra vai para nossa casa e faz parte da nossa rotina alimentar"* [12]

12. *Conversas com o Sr. João*

As perspetivas

Neste momento estão cerca de 7 pessoas a cuidar e usufruir das hortas; Todas elas com idades entre os 70 e 80 anos e reformadas, fora um casal mais novo. Há pessoas do bairro da Boa Viagem e pessoas que vêm de longe, e fazem esse esforço porque realmente gostam de estar na horta

Fig. 11-13. Trabalhos na horta.

Faixa superior, da esquerda para a direita:
Sr. João a preparar o terreno com a enxada;
D. Dolores na sua pausa;
Sr. Pinto a atar tomates.
fonte: Fotografia do autor, 2022-2023

Fig. 14-16. Trabalhos na horta. Faixa inferior, da esquerda para a direita:

Sr. Pinto a preparar o terreno; Sr. Luís a apanhar ervas daninhas; Sr. Jorge a posar no seu talhão.
fonte: Fotografia do autor, 2022-2023

e, para além de obterem alimentos saborosos, é também uma ajuda financeira considerável.

Em relação à continuidade e à permanência das pessoas, o Sr. João acredita que, infelizmente, algumas pessoas vão deixar a horta em breve.

> *"o corpo já não aguenta, as pessoas, apesar de gostarem muito, já não conseguem estar a trabalhar aqui.. eu sou o mais novo, e o único que ainda trabalha para além da horta.."* [13]

Lamentavelmente afirma que se não existir, por parte dos mais jovens, alguma iniciativa para continuar a cultura da agricultura, este tipo de hortas não institucionalizadas pode deixar de existir. Isto porque sente que as pessoas *"daqui"* não querem nada com a agricultura e *"só pessoas com passados rurais é que têm capacidade e vontade de contribuir para este desenvolvimento"*. [14]

Na minha opinião, parece-me que vivemos uma fase em que a produção agrícola está voltar a ganhar força e caminha para ser vista como um bem essencial. Assistimos, hoje em dia, a uma mudança progressiva das mentalidades no sentido em que se prevê uma maior sensibilidade em relação a este tema, tanto é que atualmente observamos vários exemplos, em várias partes do mundo, de criação e desenvolvimento de hortas com características semelhantes com o intuito de enquadrar conscientemente a prática agrícola para atender a necessidades pessoais a indivíduos de todas as faixas etárias.

As estruturas

Não menos importante são as estruturas construídas pelos intervenientes, no local, a partir de materiais reutilizados, que servem os mais variados propósitos - desde espaços para trocar a roupa, para se abrigarem,

13. *Conversas com o Sr. João*

14. *Conversas com o Sr. João*

Fig. 19. Interior da Estrutura do Sr. Pinto, onde guarda os alimentos depois da colheita. Podemos ver restias de cebolas, courgettes, batatas e alguns utensílios.
fonte: Fotografia do autor, 2022

Fig. 17 e 18. Courgette e cebolas oferecidas pelo Sr. Pinto.

Tamanho XXL - Crescimento natural, sem químicos. Adubo natural, sol, água e sapiência.
fonte: Fotografia do autor, 2022

Identificação da fotografia no espaço da horta

Fig. 20 e 21. Exemplo de duas estruturas com características, funções e materiais muito diferentes.

Estrutura em desenvolvimento.
fonte: Fotografia do autor, 2023

15. *bricoleur* - termo cunhado por Levi Strauss qualifica aquele que executa um trabalho utilizando os meios expediente.

16. *heteróclitos* - termo usado por Levi Strauss. Significa algo excêntrico, extravagante ou até ridículo.

para guardar alimentos, para guardar ferramentas ou para criar ambientes específicos para produção.

São, portanto, estruturas em que os requisitos passam essencialmente por cumprir a sua função, ter a maior resistência possível ao tempo e responder às necessidades imediatas de quem as utiliza. Para além do uso, tudo o resto se torna indispensável e a prova disso é a forma e os materiais com que são construídas. Predomina o uso da madeira, mas conseguimos identificar uma infinidade de materiais e artefactos como restos de portas, de janelas, de chapa, plástico, telas, telhas, cerâmicas, fios, cabos, etc.

O *"bricoleur"*

Segundo Levi Strauss, o pensamento primitivo pode ser designado, comumente, pelo termo francês *bricoleur* [15] e qualifica aquele que executa um trabalho utilizando os meios expedientes, improvisando sob a falta de um plano pré-determinado e afastando-se dos procedimentos e técnicas convencionais. Uma grandes caraterísticas do *bricoleur* é o facto de executar com materiais já existentes e fragmentados ao contrário, por exemplo, do engenheiro que depende da matéria como parte essencial do seu trabalho e, por isso, tem a capacidade e vontade de explorar um grande número de técnicas e tarefas diversificadas. No entanto, não sujeita nenhuma delas à possibilidade de obtenção de matérias-primas exteriores ou de utensílios concebidos na escala do seu projeto. Estamos, portanto, perante um universo instrumental limitado, fechado sobre si mesmo do qual fazem parte materiais muito heteróclitos. [16]

No caso do *bricoleur* o resultado do conjunto não se limita a nenhum projeto particular, nem ao próprio projeto do momento, mas sim ao resultado contingente de todas as oportunidades que se apresentaram disponíveis para renovar e enriquecer o conjunto, sejam elas construtivas ou destrutivas. Desta forma, resultado final é definido pela sua instru-

Fig. 22. Estrutura desenvolvida pelo Sr. João

Treliça construída com montantes metálicos, normalmente usados para a fixação do pladur.

Neste caso foi desenvolvida para suportar umas "vigas" perpendiculares para proteger os alimentos de animais.

fonte: Fotografia do autor, 2023

mentalidade e pelo modo como os materiais que tem à sua disposição são conjugados, pois as suas escolhas estão limitadas *"ao que houver"* e, consequentemente, ao *"pode ou tem de servir"*. Assim, cada elemento representa um infinidade de soluções e possibilidades ao mesmo tempo concretas e virtuais, onde não existe o certo e o errado. [17]

> *"Eu fiz uma estrutura há pouco tempo, toda com materiais daqui da horta. Tinha barrotes de madeira, que até era mais fácil, mas decidi usar ramos de árvores daqui. Eu próprio os cortei e tratei e fui fazendo porque acho que assim se integra melhor neste ambiente. Não está grande coisa, mas dá para o que eu quero..."* [18]

Percebemos que o Sr. João se enquadra nas premissas lançadas por Levi Strauss e é, juntamente com as restantes pessoas que trabalham na horta, um *bricoleur*. O seu processo de planeamento é retrospetivo e parte da análise de um conjunto de elementos, grande parte deles já constituídos, de forma a fazer e refazer o seu inventário e listar, antes de proceder à escolha, as possíveis respostas que o conjunto pode oferecer ao problema colocado - um processo de interrogação constante (por vezes inconsciente) aos objetos que reuniu a fim de compreender o que cada um deles pode significar e qual o seu papel no projeto final. [19]

> *"Este cubo de carvalho pode ser um calço, para suprir a insuficiência de uma tábua de abeto, ou ainda um soco, o que permitiria realçar a aspereza e a polidez da velha madeira. Num caso, ele será a extensão, no outro, matéria."* [20]

Apesar da humildade nas palavras do Sr. João, percebemos que este *bricoleur* desenvolveu mais do que a intuição da arte de construir, talvez pelo facto de ser funcionário de uma Faculdade de Arquitetura, onde observa diariamente os contrastes entre, por exemplo, as várias fases do projeto, umas mais conceptuais, outras mais técnicas, umas mais abs-

17. STRAUSS, Claude Levi. **O Pensamento Selvagem**. 8. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2008. p. 34-37.

18. *Conversas com o Sr. João*

19. STRAUSS, Claude Levi. **O Pensamento Selvagem**. 8. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2008. p. 34-37.

20. *Idem.*, p. 34-37

tratas e outras super pormenorizada. Quero com isto dizer que o facto de lidar há cerca de trinta anos com diversos temas, questões e assuntos da arte da Arquitetura pode ter influencia na forma como pensa e como faz; Contudo, a base de tudo isto também tem que ver com a própria pessoa e a forma como faz as simples coisas do dia-a-dia, a atenção ao detalhe que lhe está intrínseca, a exigência que imprime no próprio trabalho, o rigor e a disciplina.

Instalações [?]

Entende-se por *"instalação artística"* uma obra de arte que se insere no espaço e surge, normalmente, como uma manifestação a questões ou necessidades do seu tempo. Apesar de interagir necessariamente com o espaço onde está inserida, a sua permanência varia entre instalação efêmera, permanente ou modular, no sentido em que se pode instalar em vários locais. Normalmente a sua função é variável e vai desde a simples função de ser observada e interpretada, à interação com o utilizador e/ou com o próprio espaço. [21]

Poderíamos caracterizar estas estruturas como instalações artísticas no sentido em que se caracterizam como estruturas singulares e conceptuais que surgem como manifestações funcionais de resposta a necessidades específicas. Podemos e devemos também caracterizá-las como objetos artísticos pelo modo como são pensados e construídos no contexto singular onde se inserem.

Estas peças, de origem espontânea, pretendem responder de forma direta e pragmática à realidade e necessidades de quem a constrói. O que são agora podem não ser depois, e se amanhã qualquer uma destas estrutura tiver que servir outro propósito, o *bricoleur* limita-se a retirar uns materiais e acrescentar outros [22], com pouca ou nenhuma interferência com o meio natural que a rodeia, de forma a readaptar a estrutura para que volte novamente a ser útil. É, portanto, um objecto em constante

21. CULTURA. **Instalações Artísticas** . Disponível em: https://www.culturagenial.com/instalacao-artistica/.

22. STRAUSS, Claude Levi. **O Pensamento Selvagem**. 8. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2008. p. 34-37.

23. *Conversas com o Sr. João*

mutação e possibilita, recorrentemente, uma adaptabilidade ao seu contexto. Além disso, são peças individualizadas que têm uma beleza plástica muito própria, com uma componente técnica bastante peculiar pela complexidade e diversidade na forma como se escolhem e agregam os diferentes materiais. [23]

Por tudo isto, será feita um mapeamento de quatro estruturas consolidadas que pretende dar a conhecer a sua história e perceber, tecnicamente, o que implica desenvolver uma estrutura com estas características.

A identificação e implantação das quatro estruturas é a seguinte:

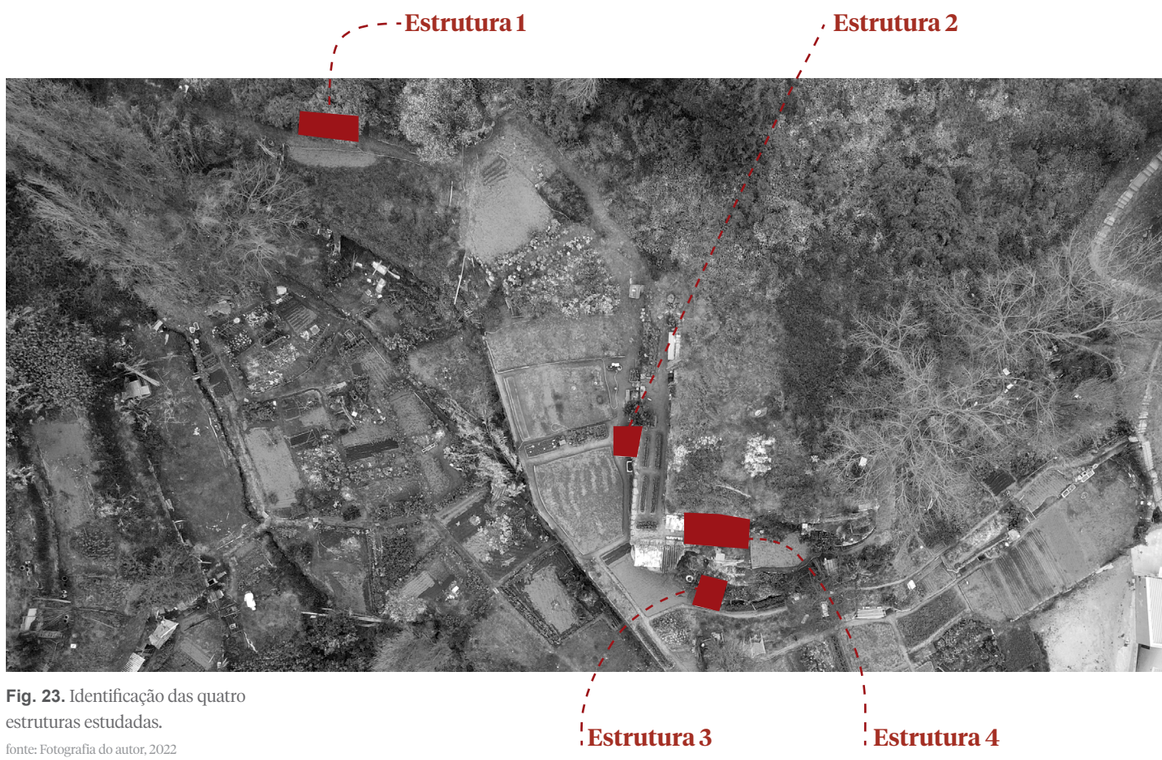


Fig. 23. Identificação das quatro estruturas estudadas.
fonte: Fotografia do autor, 2022

Fig. 24-27. Quatro estruturas que fazem parte da horta do Sr. João.

fonte: Fotografia do autor, 2023

E_1

fonte: Fotografia do autor, 2023

E_2

explorar
quatro estruturas

fonte: Fotografia do autor, 2023

E_3

fonte: Fotografia do autor, 2022

E_4

Fig. 28. Fotografia da fachada Este/Sul da Estrutura_1.
fonte: Fotografia do autor, 2023

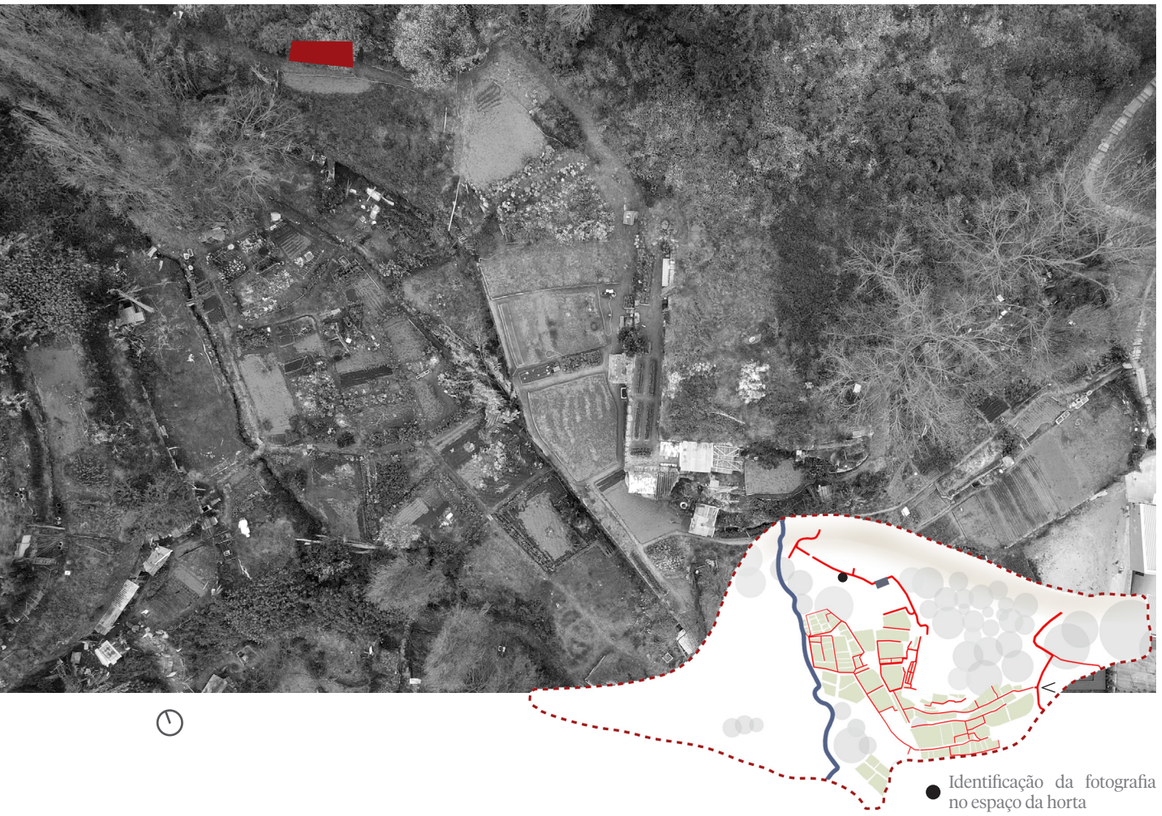


Fig. 29. Fotografia aérea com identificação da Estrutura_1, objeto de análise, no contexto da horta.
fonte: Fotografia do autor, 2022

explorar
E_1

A estrutura identificada como **E_1** faz parte do conjunto de estruturas que caracterizam o espaço da horta. O interesse do seu estudo surgiu pelo facto de ser uma estrutura planeada e construída pelo Sr. João, bem como pela sensibilidade construtiva e pela forma visualmente "limpa" que apresenta.

A estrutura localiza-se na zona norte do terreno, perto do tanque de água existente e a sua idealização parte de uma forma simples, um retângulo, talvez pela facilidade construtiva e de organização espacial interior. Desenvolve-se através de uma agregação específica de materiais de forma

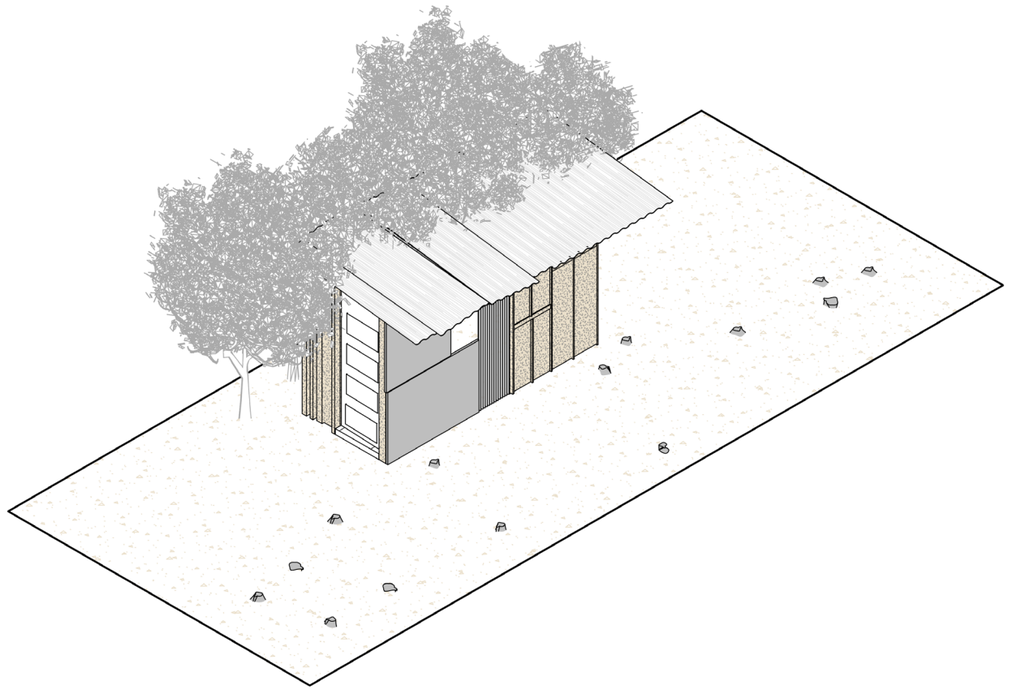


Fig. 30. Axonometria ilustrativa da Estrutura_1.
fonte: Axonometria desenvolvida pelo autor, 2023

a criar um espaço habitável. Neste exemplo, a maior parte dos materiais utilizados são fragmentos de diferentes madeiras, tanto para peças estruturais como para revestimentos, fora a cobertura que, em praticamente todos os exemplos, é executada em chapa metálica ou placas de policarbonato.

Através de sobreposições e encaixes de materiais bastante rudimentares, surge um volume formalmente bem definido, com uma entrada em cada um dos topos - duas portas de madeira com dobradiças ocultas para o exterior que funcionam através de uma fechadura com chave - dando origem a um corredor (inconsciente) de circulação no seu interior, permitindo que o restante espaço seja organizado confirme a necessidade do utilizador. Em relação à iluminação natural, apesar de podermos contar dois fragmentos de janela, só uma delas é que está subjugada ao seu principal uso - deixar passar luz -, sendo que a outra é exclusivamente para resolver um problema e, consequentemente, acaba por fazer

E_1

Fig. 31-33. Imagens exteriores da estrutura - relação dos materiais. Alçado Oeste, Alçado Sul e Alçado Oeste da Estrutura_1.
fonte: Fotografia do autor, 2023

E_1

Fig. 34. Vão que permite a entrada de luz no interior da estrutura.
fonte: Fotografia do autor, 2023

parte da composição do alçado. Praticamente todos materiais parecem agregados de forma pragmática, no sentido em que são só usados para resolver problemas. Por exemplo, as simples peça de madeira que desenham a moldura de suporte da janela acabam também a ser o elemento de fixação da própria fachada - transmite sensibilidade e simplicidade do pensamento à execução.

A cobertura, construída através da sobreposição de um conjunto de chapas perfiladas, tem pendente por questões de vazamento de água pluvial de forma direta dando origem a esta abordagem simplificada.

Por se implantar em solo permeável, a estrutura foi construída sobre uma base de cimento pois, caso contrário, haveria um grande risco de ceder às movimentações do terreno e, possivelmente, tornar-se-ia inabitável.

O espaço interior tem cerca de 10 metros quadrados e é, neste momento, utilizado para armazenamento de utensílios de trabalho, como por exemplo, enxadas, pás, serrote e outras ferramentas para preparar o solo, plantar, podar e colher. Serve também para trocas de roupa e armazenamento de alimentos.

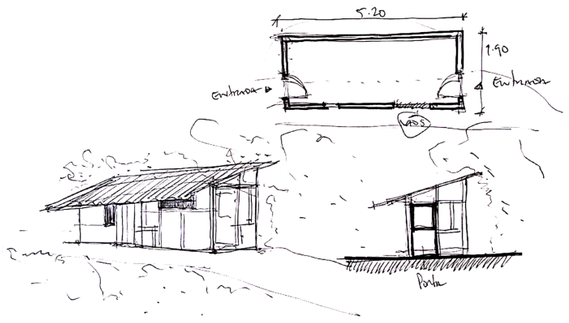


Fig. 35. Desenhos de processo da estrutura E_1, na horta

E_1

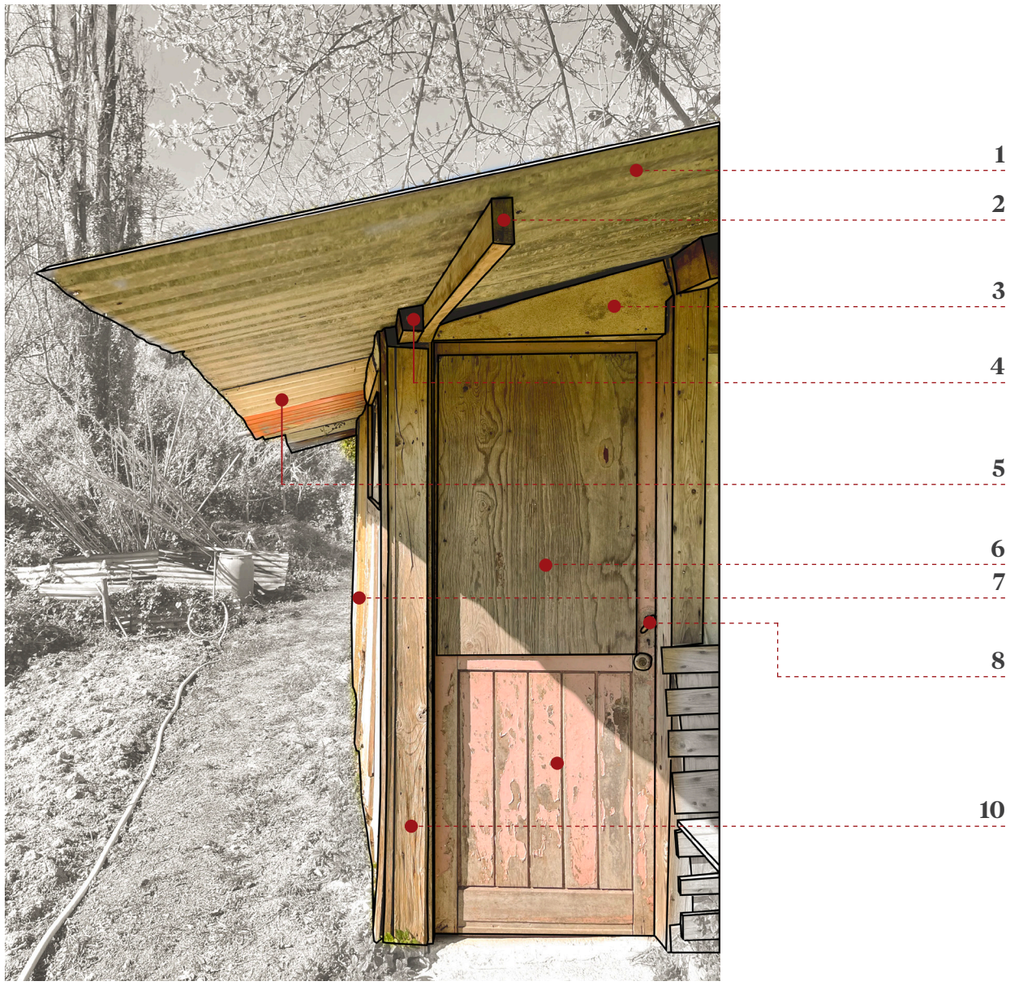


Fig. 36. *Pormenor Construtivo* - Identificação dos diversos materiais utilizados - pelo Sr. João. Estrutura_1.

fonte: Fotografia e edição do autor, 2023

explorar *a horta do Sr. João*

pormenor
legenda

1. Conjunto de placas de chapa perfilada sobrepostas que, através da sua inclinação permitem o vazamento de água de forma natural da cobertura.

2. Viga de madeira que suporta a cobertura, define inclinação e faz o fechamento da fachada

3. Bandeira de remate da porta, em aglomerado de madeira, recortada especificamente para a sua finalidade

4. Barrote de madeira que auxilia na fixação dos materiais da fachada e da cobertura

5. Conjunto de placas de chapa perfilada sobrepostas para cobertura

6. Reforço de madeira para conceder mais robustez à porta

7. Primeiro terço da fachada desenha-se sobre uma base metricada, que é desconstruída através de barrotes horizontais e verticais, dando origem a um vão horizontal. O segundo terço da fachada destaca-se pela cor e materialidade de excepção - um placa de fibro-cimento que cria uma clara divisão no plano da fachada. O último terço é rematado com duas placas metálicas que, por falta de comprimento, foram rematadas com uma janela vertical - sentido funcional e estético.

8. Puxador composto por um cabo que, quando o canhão está destrancado, permite a abertura da porta

9. Porta em madeira, reutilizada, com canhão e fechadura por chave. Dobradiças ocultas para o exterior

10. Barrote vertical que permite a fixação da porta e remata o canto da estrutura

E_1

Fig. 37. Imagem de pormenor da instalação da janela na fachada, com a Faculdade de Arquitectura ao fundo.

Janela de uso funcional, sem estar subjugada ao seu uso específico - deixar passa luz.

fonte: Fotografia do autor, 2023

E_1

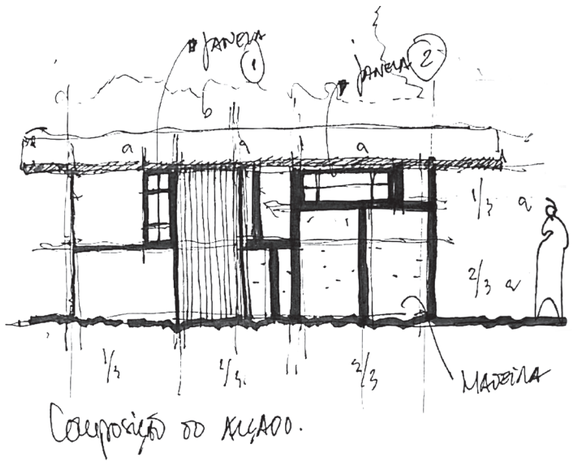


Fig. 38. Desenho de estudo da fachada Sul da E_1, na horta.

Fig. 39. Imagem interior da Estrutura_1. Conjunto de prateleiras desenvolvidas com recurso a calhas metálicas de transporte e proteção de cabos para armazenamento de cebolas.

fonte: Fotografia do autor, 2023

Fig. 40. Fotografia da fachada Sul da Estrutura_2.
fonte: Fotografia do autor, 2023

Fig. 41. Fotografia aérea com identificação da Estrutura_2, objeto de análise, no contexto da horta.
fonte: Fotografia do autor, 2022

explorar
E_2

A segunda estrutura, identificada como **E_2**, foi desenvolvida pelo Sr. Pinto e destaca-se pelo uso engenhoso de materiais técnicos da construção, estabelecendo um diálogo arrojado entre a forma e a sua materialidade e demonstrando as diferentes possibilidades da aplicação dos próprios materiais. Este é um exemplo da visão criativa do *bricoleur*. [24]

Tal como o exemplo anterior, a planta parte de uma forma retangular,-sendo que neste caso a implantação é feita junto a um socalco de pedra, permitindo utilizá-lo como uma das paredes interiores. Isto permitiu com que a construção se limitasse às restantes três paredes e à cobertura.

24. O *"bricoleur"* no sentido de Levi Strauss

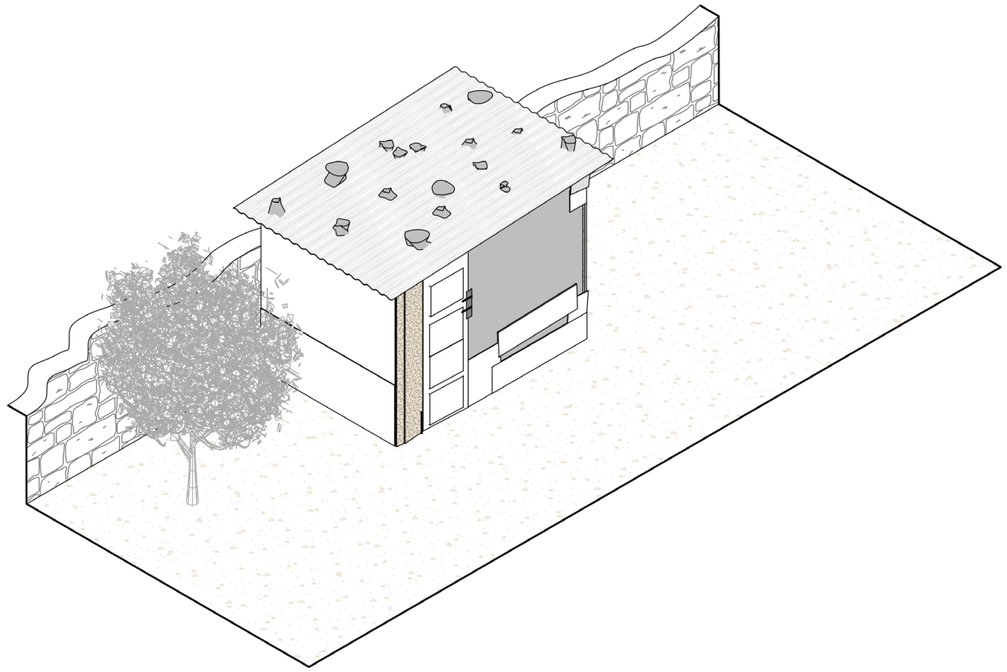


Fig. 42. Axonometria ilustrativa da Estrutura_2.
fonte: Axonometria desenvolvida pelo autor, 2023

E_2

Estruturalmente desenvolve-se com base num conjunto de barrotes e tábuas de madeira, utilizando posteriormente materiais como tela pitonada, lonas plásticas e placas de policarbonato para o revestimento da fachada.

A tela pintonada, como material técnico, também designada como drenante alveolar, é uma tela em polietileno de alta densidade e é utilizada pela sua excelente capacidade de drenagem e proteção a paredes e estruturas enterradas, garantindo o escoamento das águas do terreno e controlando as condensações.

Percebemos uma certa inocência na utilização de alguns materiais, no entanto, a tela pitonada foi usada de forma a resolver um problema especifico e, na verdade, não está tão assim distante da sua verdadeira finalidade - aqui foi utilizada como revestimento da fachada, para proteger e isolar a estrutura de madeira do contacto direto com o terreno.

Fig. 42-44. Imagens exteriores da estrutura - relação dos materiais. Alçado Oeste, Alçado Sul e Alçado Oeste da Estrutura_2.

fonte: Fotografia do autor, 2023

E_2

Para além da tela, foi utilizada lona plástica, também para o revestimento e proteção da estrutura de madeira - este é um material mais versátil, sendo identificado em vários contextos, contudo é normalmente utilizado em camadas de isolamento.

Para rematar uma das fachadas utilizaram-se placas policarbonato. Nota-se uma especial atenção no modo como foram aplicadas porque, normalmente, os parafusos indicados para a fixação destas placas têm uma cabeça mais larga que o normal e incluem uma borracha de proteção, que fica em contacto com a placa, para não a danificar. No caso da ***E_2***, o *bricoleur* percebe esta fragilidade do material e utiliza uns *"quadradinhos"* de esponja que solucionam este problema.

A cobertura é revestida a placas de chapa perfilada, pousadas sobre a estrutura de madeira que, através de um conjunto de pedras de granito, colocadas em cima das chapas, asseguram a sua fixação e segurança.

Conseguimos perceber que o agrupamento dos materiais é praticamente sempre consequência das possibilidades existentes e dos materiais disponíveis, contudo verificamos sensibilidade na forma como é feito.

Esta estrutura tem cerca de 4.40 metros quadrados e é utilizada para armazenamento de tudo e mais alguma coisa. Desde ferramentas manuais, equipamento de proteção individual, coadores, cadeiras, chapéus, alimentos, até a uma corda, no exterior, para estender e secar a roupa.

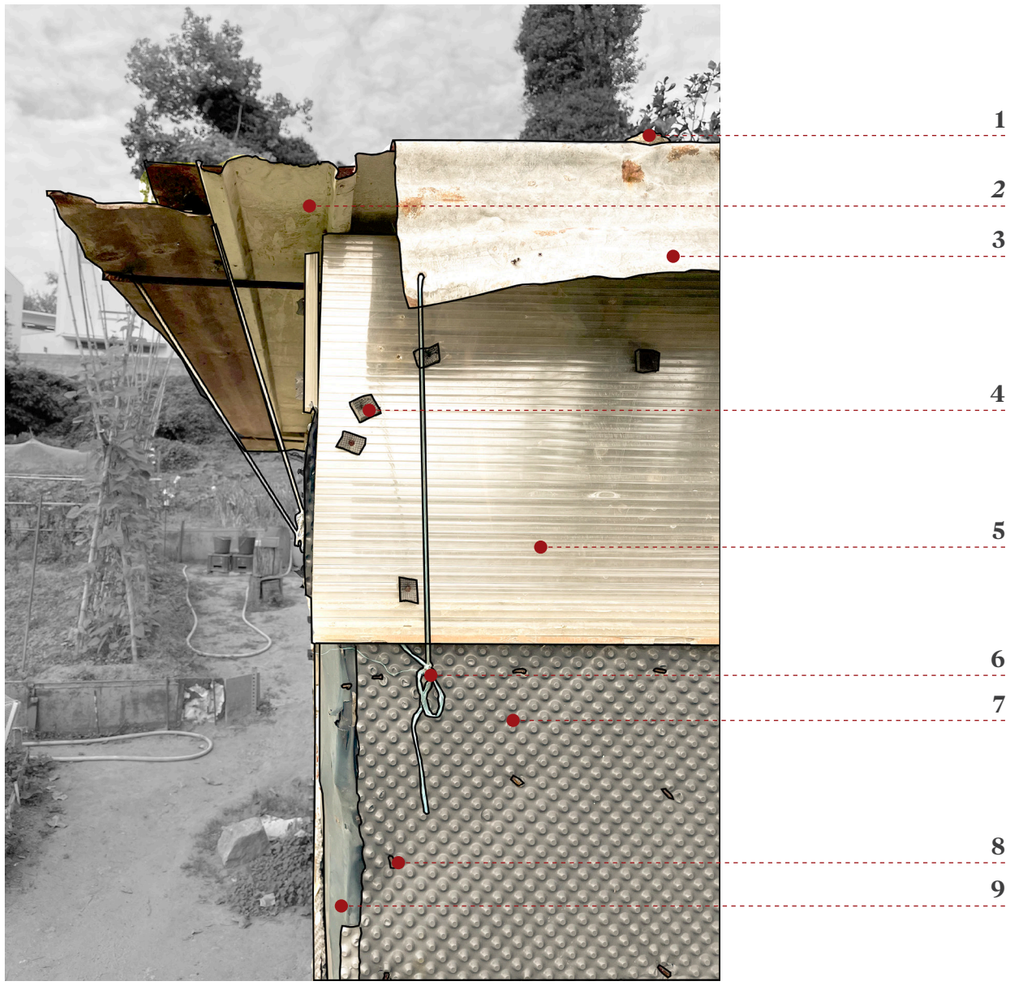


Fig. 45. *Pormenor Construtivo* - Identificação dos diversos materiais utilizados - pelo Sr. João. Estrutura_2.

fonte: Fotografia e edição do autor, 2023

explorar *a horta do Sr. João*

pormenor
legenda

1. Conjunto de pedras de granito com *"peso suficiente"* para aguentar rajadas de vento e manter a cobertura, em chapa, no sítio

2. Chapa metálica canelada, com vários donos anteriores, a ser usada para a cobertura, juntamente com mais fragmentos semelhantes

3. Chapa usada para cobertura com remate lateral

4. *"Quadradinhos"* de esponja que permitem a furação e fixação do policarbonato à fachada da estrutura

5. Sobras de placas de policarbonato para revestimento da fachada

6. Corda sintética, de nylon, que ajuda na fixação da chapa de remate lateral

7. Pedaço de sobra de tela pitonada - ajuda no remate entre o plano vertical e horizontal e assume características estéticas na fachada

8. Parafusos com segunda vida para fixação da tela pitonada

9. Lona de plástico que unifica, formalmente, toda a peça, auxiliando também no seu isolamento

E_2

Fig. 46. Imagem interior da Estrutura_2.

Local de armazenamento de tudo e mais alguma coisa.

Vemos cebolas, limões, chapéus, sacos, caixas, e uma cadeira para o merecido descanso.

fonte: Fotografia do autor, 2023

E_2

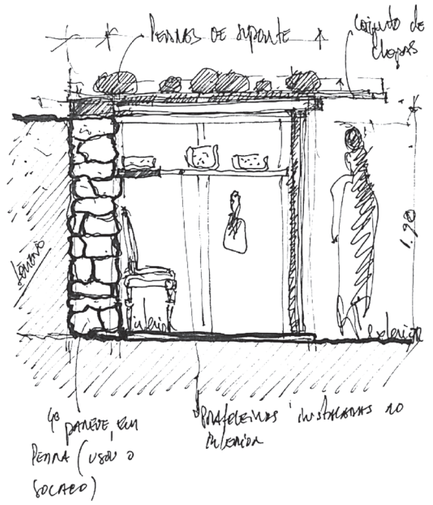


Fig. 47. Desenho de estudo da fachada Sul da E_2, na horta.

Fig. 48. Imagem da cobertura da E_2, com vista para a Ponte da Arrábida.

Pedras de granito, do local, com *"peso suficiente"* para aguentar a cobertura, em placas de chapa ondulada

fonte: Fotografia do autor, 2023

Fig. 49. Fotografia da fachada Sul da Estrutura_3.
fonte: Fotografia do autor, 2023

Fig. 50. Fotografia aérea com identificação da Estrutura_3, objeto de análise, no contexto da horta.
fonte: Fotografia do autor, 2022

explorar
E_3

A terceira estrutura, formalmente mais distinta que as demais, foi desenvolvida pelo Sr. José e destaca-se pela forma inventiva como agrupa os diversos pedaços de janelas.

A ideia desta estrutura tem como base a criação de um espaço com ambiente propício à reprodução de sementes - uma alternativa à estufa. Provavelmente, por falta de materiais ideais para desenvolver uma *"estufa clássica"*, o *bricoleur* [25] repensa a ideia de estufa e desenvolve um espaço que consiga proporcionar características de produção e controlo semelhantes, utilizando os materiais quem tem disponíveis.

25. O *"bricoleur"* no sentido de Levi Strauss

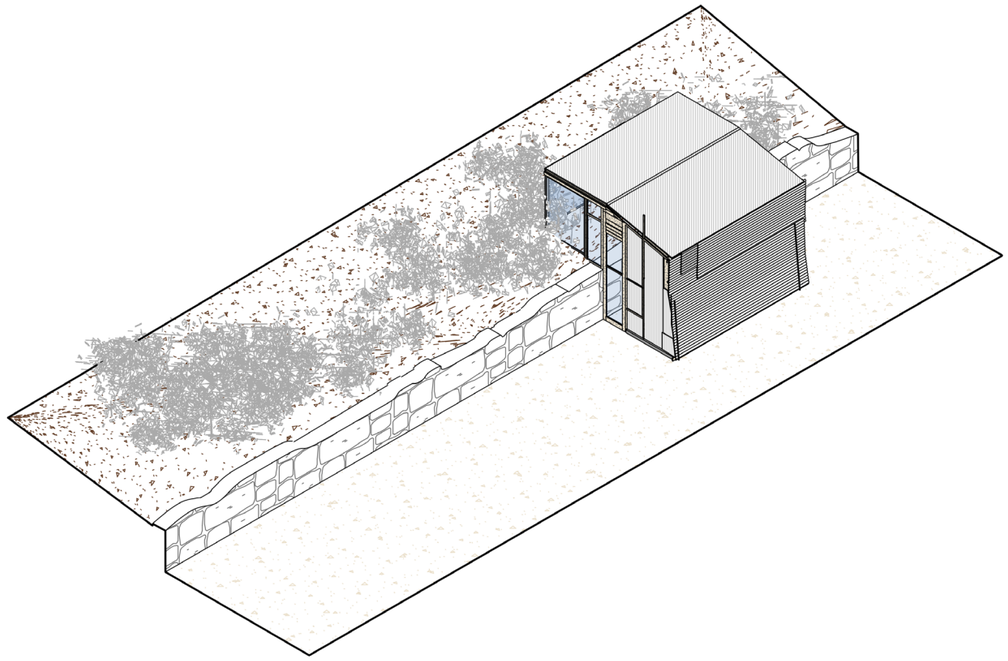


Fig. 51. Axonometria ilustrativa da E_3.
fonte: Axonometria desenvolvida pelo autor, 2023

E_3

Entendemos por *"estufa clássica"* uma estrutura fechada usada para cultivar plantas num ambiente controlado. Estas estufas são frequentemente construídas com estruturas metálicas ou de madeira e cobertas por materiais transparentes, como vidro ou plástico. A cobertura transparente permite a entrada de luz solar enquanto retém calor, criando um microclima favorável para o crescimento das plantas. [26]

Em relação à implantação, neste caso o *bricoleur* [27] optou por desenvolver a estrutura entre a cota baixa e a cota alta de um dos socalcos, o que permitiu criar dois momentos dentro do próprio espaço. O primeiro momento com pé direito total caracteriza a zona da entrada e o segundo momento, à cota mais alta do socalco, estabelece uma bancada de apoio fixa, em pedra, servindo para tudo o que seja necessário. Outra vantagem desta implantação a duas cotas é utilização de menos recursos para a construção.

26. EPAMAC. **Produção de hortícolas em estufa** . Disponível em: https://www.epamac.com/producao-de-horticolas-em-estufa/

27. O *"bricoleur"* no sentido de Levi Strauss

Fig. 52-54. Imagens exteriores da estrutura - relação dos materiais. Alçado Oeste, Alçado Sul e Alçado Oeste da Estrutura_3.
fonte: Fotografia do autor, 2023

E_3

A planta, desenvolvida a duas cotas, prefaz um total de 6.10 metros quadrados, sendo que a cota baixa tem cerca de 3.10 metros quadrados e a cota da bancada os restantes.

De todos os materiais, destaca-se uso abundante do vidro e das placas onduladas de fibra de vidro e de policarbonato. Os materiais transparentes com maior controlo solar como as placas de fibra de vidro e de policarbonato foram colocados na fachada orientada a sul e na cobertura, permitindo a entrada de uma luz difusa e um maior controlo solar. Esta escolha, propositada, demonstra bastante sensibilidade no modo como o *bricoleur* compreende os materiais e a incidência solar, obtendo resultados vantajosos nas condições climáticas no interior do espaço.

A cobertura é assente numa estrutura mista - um conjunto de barrotes e tábuas de madeira e quatro estendais da roupa, metálicos, que auxiliam na definição da pendente da cobertura. Aqui, os elementos de fixação visíveis são maioritariamente fios, cordas, cabos de eletricidade e arames.

Neste momento a estrutura ainda é aproveitada para o seu uso inicial - criação de um ambiente controlado para o desenvolvimento de sementes, como também a proteção contra animais e contra condições atmosféricas que possam danificar o processo - cumprindo o seu propósito.

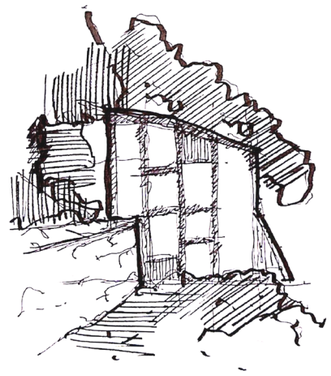


Fig 55. Esquisso na horta da estrutura de madeira da fachada oeste

E_3

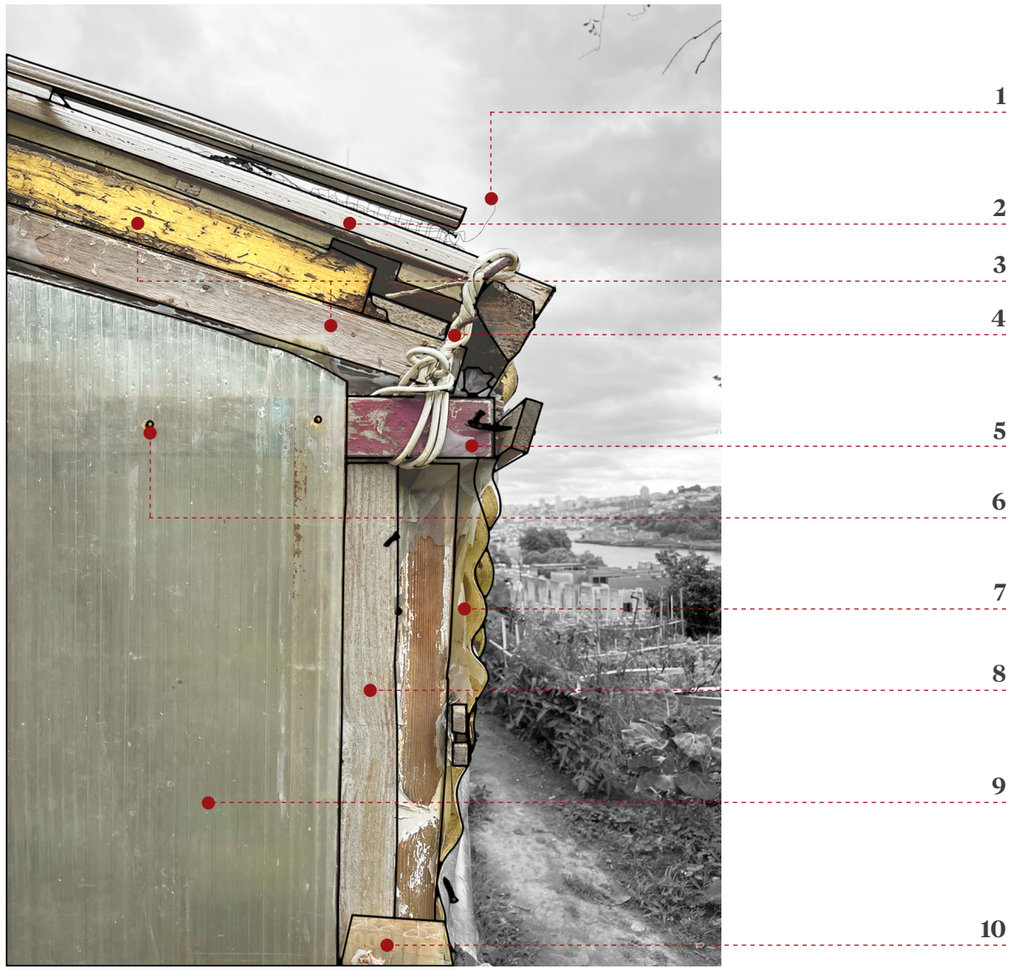


Fig. 56. *Pormenor Construtivo* - Identificação dos diversos materiais utilizados - pelo Sr. João Estrutura_3.

fonte: Fotografia e edição do autor, 2023

pormenor
legenda

1. Conjunto de arames agrupados de forma aleatória para ajudar na fixação dos materiais utilizados na cobertura

2. Fragmento de placa de policarbonato para a cobertura, de forma a permitir a entrada de uma luz difusa no interior do espaço

3. Barrotes de madeira - Suporte perimetral duplo, com inclinação, para certificar que a estrutura é robusta e durável. Ajuda a definir o ângulo para a inclinação da cobertura

4. Fio elétrico revestido a película de borracha que, pela sua durabilidade, é usado como fixador entre uma viga horizontal de madeira e a cobertura

5. Viga perimetral de madeira, horizontal, que permite a fixação dos elementos que revestem a fachada

6. Parafuso reutilizado para fixação das placas de policarbonato usadas na fachada

7. Chapa perfilada de fibra de vidro - através da sobreposição de vários planos, desenha a fachada frontal e permite uma entrada de luz difusa no interior do espaço

8. Barrote de suporte vertical

9. Placa de policarbonato reutilizada para revestimento da fachada, permitindo a entrada de luz

10. Peça de madeira que auxilia a estrutura e dá uma maior robustez ao conjunto

E_3

Fig. 57. Imagem interior da Estrutura_3

"more than a window" - estrutura da cobertura inclinada desenvolvida a partir de estendais metálicos, criando uma *"métrica dinâmica"* que permite fixar a cobertura transparente.

"As sementes são colocadas nos copos de forma individual, para brotarem e, depois, passados uns dias, são colocadas na terra. Enquanto estão aqui, para além de brotarem mais rápido, estão protegidas dos animais e do tempo"

fonte: Fotografia do autor, 2021

Fig. 58. *"much more than a window"* é um slogan de uma Multinacional Portuguesa que produz sistemas de caixilharia minimalista.

E_3

Fig. 59. Corte esquemático da E_3 com a representação das diferentes cotas do espaço.

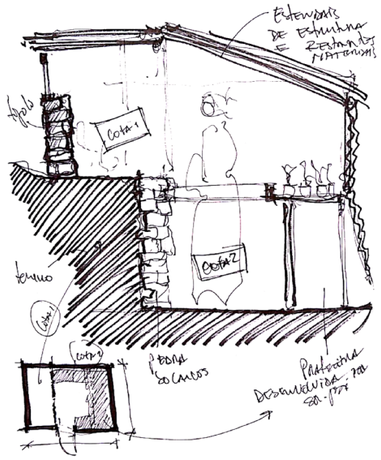


Fig. 60. Imagem interior da Estrutura_3. Os vários fragmentos de vidros e janela, um novo socalco e o reaproveitamento do socalco existente para o que for preciso - neste momento servia para cultivo de sementes.

fonte: Fotografia do autor, 2021

Fig. 61. Fotografia da fachada Sul da Estrutura_4.
fonte: Fotografia do autor, 2023

Fig. 62. Fotografia aérea com identificação da Estrutura_4, objeto de análise, no contexto da horta.
fonte: Fotografia do autor, 2022

explorar
E_4

A quarta e última estrutura, **E_4,** construtivamente mais simples, foi também desenvolvida pelo Sr. João.

Tal como nos restantes exemplos, a ideia foi criar um espaço estável para ser usado conforme as necessidades e, por isso, partiu-se de um forma retangular para a sua construção com 2.75 metros por 2.20 metros, prefazendo uma área de aproximadamente 6 metros quadrados.

Tal como a **E_2**, esta estrutura foi construída de forma adjacente ao socalco de pedra de granito contudo, o Sr. João não o aproveita como pare-

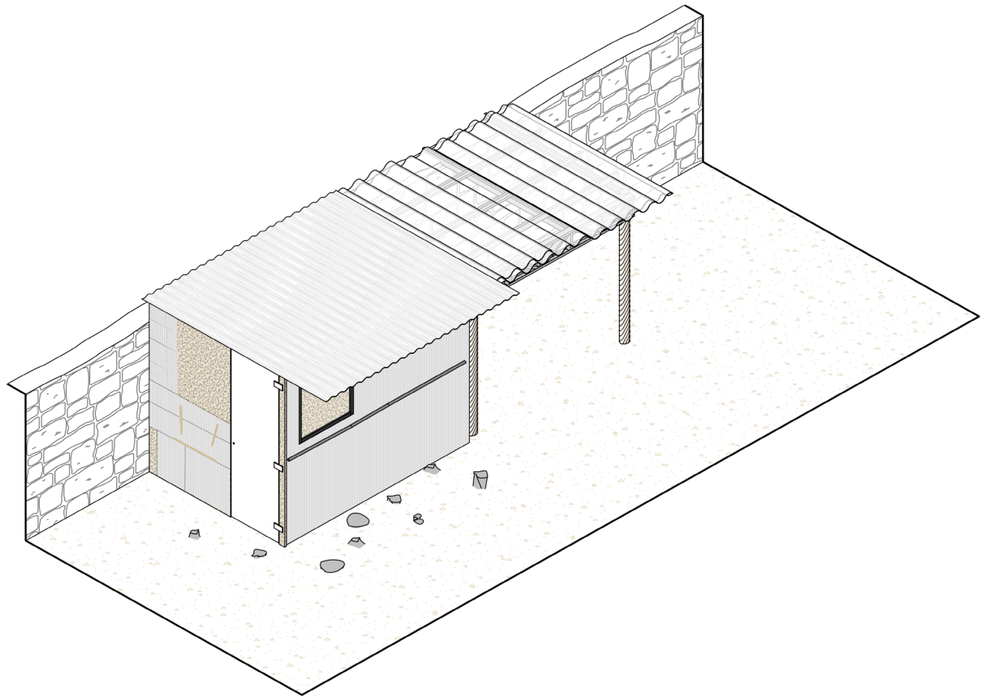


Fig. 63. Axonometria ilustrativa da Estrutura_4.
fonte: Axonometria desenvolvida pelo autor, 2023

de interior porque entende necessária a construção das quatro paredes que limitam a peça. O facto de utilizar o socalco como parede interior poderia trazer implicações para o futuro como infiltrações, queda de pedras, sujidade e etc.

A entrada é feita a partir de uma porta de madeira com um folheado metálico, orientada a oeste, com dobradiças metálicas reutilizadas e com um fecho que só permite entrada com chave.

No interior concebe um estrutura com barrotes de madeira, numa linguagem de pilar e viga - neste caso há claramente uma linguagem construtiva visível - e forrou as paredes com placas de OSB - material de simples manuseamento e relativa facilidade de obtenção. O exterior é revestido com placas de policarbonato fixadas com recurso a peças discretas em madeira, aplicadas horizontalmente, destacando a materialidade das placas de policarbonato que, neste caso, têm só função estética, não permitindo a entrada de luz no interior.

Fig. 64-66. Imagens exteriores da estrutura - relação dos materiais. Alçado Oeste, Alçado Sul e Alçado Oeste da Estrutura_4.

fonte: Fotografia do autor, 2023

E_4

Para a iluminação natural interior é reutilizada uma caixilharia aparentemente fixa, modificada de maneira a funcionar como um sistema projetante, aplicando-a na fachada sul com vista para o Gaia, rio Douro e para a Ponte da Arrábida.

No pavimento, pelas questões identificadas acima na estrutura **E_1**, são colocados uns blocos quadrados em pedra, que descolam a estrutura da terra e tornam o chão num pavimento duro impermeável, facilitando a sua limpeza e oferecendo mais durabilidade à estrutura.

A cobertura, elaborada com recurso a dois materiais, está assente nas vigas de madeira interiores. O primeiro material, em contacto com o interior, são placas de policarbonato e o segundo, para o remate exterior, são chapas metálicas onduladas de forma a isolar completamente a estrutura.

Está ainda em construção um exterior coberto adjacente à estrutura que permitirá executar alguns trabalhos na parte externa da mesma. A estrutura desta zona coberta foi construída com troncos de madeira e um sistema misto de montantes de pladur que permitem o sustento da cobertura, em placas de fibra de vidro, como também armazenam os alimentos à cota alta como preservando-os de animais rastejantes.

Esta execução da estrutura mista em montantes metálicos demonstra bastante conhecimento estrutural pois foi desenvolvida uma viga treliçada, salientando a reinvenção estrutural do *bricoleur*.

Neste momento a estrutura serve para armazenar alimentos, em separadores específicos desenvolvidos pelo Sr. João, bem como ferramentas manuais, equipamentos de irrigação e equipamentos de proteção individual e de manutenção.

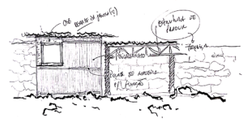


Fig. 67. Desenho na horta do alçado Sul da estrutura E_4.

E_4

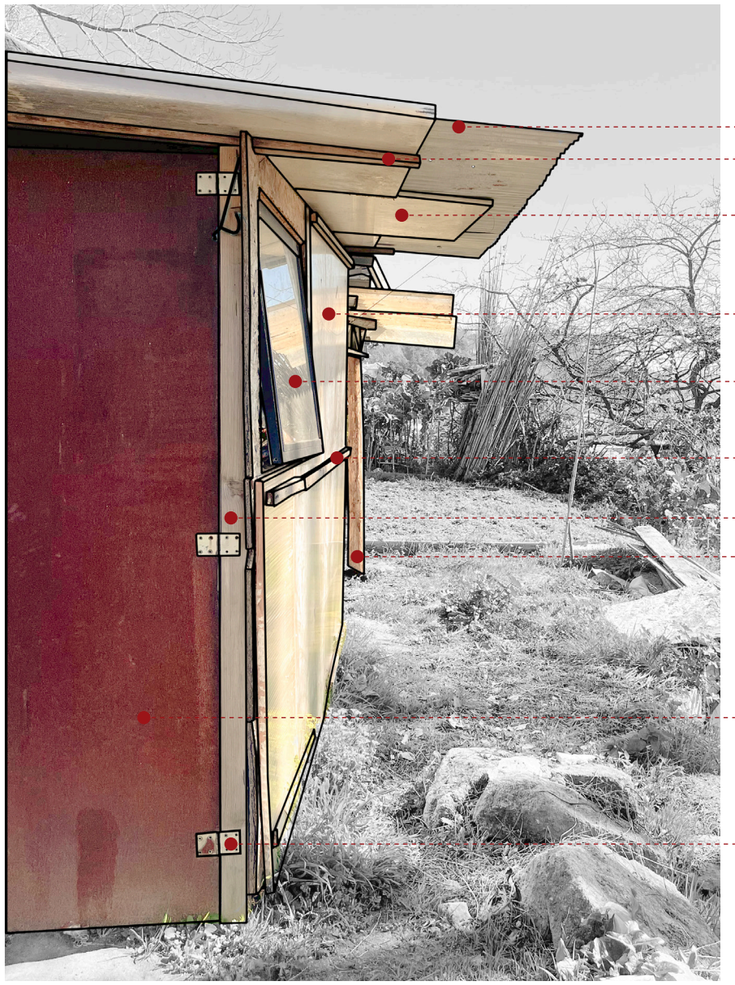


Fig. 68. *Pormenor Construtivo* - Identificação dos diversos materiais utilizados - pelo Sr. João. Estrutura_4.

fonte: Fotografia e edição do autor, 2023

pormenor
legenda

1. Chapa metálica ondulada, disposta de forma a sobrepor-se ao plano vertical da fachada e ajudar no controlo solar

2. Barrote de madeira que ajuda estrutura das peças da cobertura e define inclinação da mesma

3. Fragmento de placa de policarbonato para participar na robustez da cobertura, juntamente com a chapa ondulada

4. Revestimento em placas de policarbonato, usado aqui como ornamento

5. Caixilho fixo, instalado com ligeira abertura projetante para permitir a entrada de luz e renovação do ar - tudo isto com uma vista sobre o Douro.

6. Barrote de madeira que permite a fixação das placas de policarbonato na fachada e atribui alguma horizontalidade à mesma

7. Barrote de madeira aplicado verticalmente, utilizado como moldura lateral da porta onde são fixadas as dobradiças da mesma

8. Tronco de árvore caída, utilizado como pilar de suporte da estrutura treliçada de montantes metálicos

9. Porta de madeira com canhão embutido e fechamento através de chave

10. Dobradiças metálicas reutilizadas, fixadas com mistura de pregos e parafusos consoante o stock existente

E_4

Fig. 69. Imagem interior da Estrutura_3

Estrutura interior em madeira, revestida a placas de OSB.

Sistema de armazenamento e organização dos alimentos pronto para consumo, em madeira.

Conjunto de prateleiras desenvolvidas com recurso a calhas metálicas de transporte e proteção de cabos.

Pavimento em blocos de pedra.

fonte: Fotografia do autor, 2023

E_4

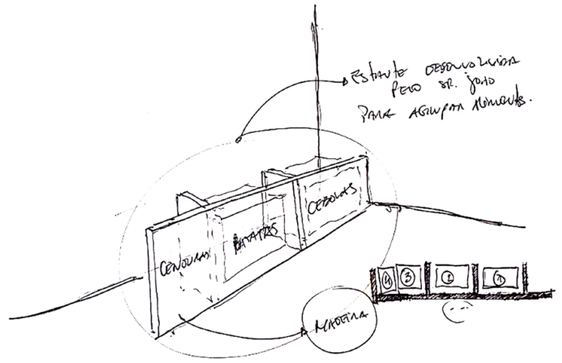


Fig. 70. Desenho do sistema de madeira construído para armazenar, de forma organizada, os alimentos prontos para consumo - prateleiras de chão, na horta

Fig. 71. Caixilho fixo, a trabalhar como projetante, com o reflexo da Ponte da Arrábida

fonte: Fotografia do autor, 2023

explorar *a horta do Sr. João*